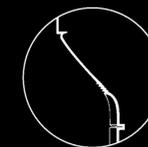


prova final

“NA CASA DE MEU PAI HÁ MUITAS MORADAS” Jo 14, 2

Reflexões em torno da organização do espaço litúrgico numa Igreja em mudança
experiências portuguesas no séc. XX

João Luís Marques



Faculdade de Arquitectura
da Universidade do Porto
2005

agradecimentos

À arquitecta Marta Oliveira pela coordenação,
disponibilidade e dedicação de *Marta e Maria*.

Aos arquitectos João Pedro Mota Lima, Luís Cunha, Vasco Morais Soares,
Diogo Lino Pimentel, Fernando Abrunhosa de Brito, Pedro Vieira de Almeida,
pelo entusiasmo com que falaram das obras por eles projectadas.

Aos amigos e família... uma vez mais, obrigado!

Às vezes, num repouso, o poeta volta ao centro da sua morada:

... Tudo respira de novo

A toalha é branca.

A toalha, esse punhado de brancura, bastou para fixar o centro.

resumo

Este trabalho é fruto de uma investigação sobre a organização do espaço litúrgico católico, enquanto *espaço de encontro connosco, com os outros e com Deus*. Para suportar a reflexão foram realizadas visitas a algumas igrejas paroquiais portuguesas construídas na segunda metade do séc. XX. Ao mesmo tempo que constituem um conjunto de património edificado com soluções e distribuições diversificadas e, por isso, merecedoras de um estudo comparado, são também testemunho da renovação que se fez sentir a um nível global na Igreja naquele período. O Concílio Vaticano II (1962 a 1965) foi momento de projecção máxima desta renovação que já vinha a ser trabalhada no seio da própria Igreja, entre clérigos e leigos. Se ao nível da organização do espaço litúrgico foi na Europa Central que de um modo mais evidente se assistiu ao nascimento deste movimento, também em Portugal, numa postura mais modesta, se podem observar igrejas que são espelho deste espírito renovador que se propôs repensar o espaço sagrado. A arquitectura traduziu as ideias em espaços, definindo novos modos de viver a igreja.

Neste trabalho, propõe-se uma leitura global da igreja que começa no exterior e se prolonga com o estudo de cada uma das diferentes partes que constituem o espaço interno, do presbitério ao confessionário. São dados a conhecer os requisitos e os fundamentos – leituras da fé e da tradição da Igreja católica romana – sendo de seguida apresentadas as diferentes propostas construídas que procuraram dar forma a cada um desses espaços. Dá-se ainda uma atenção particular à problemática dos percursos, da natureza flexível do espaço sagrado, da matéria que o constitui e ao valor da experimentação. O trabalho permite a identificação de tendências comuns na criação do espaço de culto assim como espelha a diversidade e pluralidade de respostas, dando sentido ao título da prova “NA CASA DE MEU PAI HÁ MUITAS MORADAS” Jo 14.

índice

I introdução	005
razão da escolha campo	006 009
objecto e objectivo métodos	012 013
II reflexões	016
De fora... busca de identidade	018
Por dentro... o presbitério como centro da igreja a assembleia participante	026 039
o altar como centro da eucaristia capela da adoração do Santíssimo baptistério confessionários	049 050 064 072
percursos e hierarquias	077
flexibilidade e polivalência	083
materialidade e verdade	084
projecto e experimentação	086
III ideias finais	088
Igreja: espaço de encontro connosco, com os outros e com Deus	
IV bibliografia	092
V anexos	098

À Humanidade

(...)

De toda a parte do mundo parece-nos ouvir elevar-se um imenso e confuso rumor: a interrogação de todos os que, olhando para o Concílio nos perguntam com ansiedade: não tendes uma palavra para nos dizer? A nós, os governantes? A nós os artistas? E a nós, as mulheres? A nós jovens, a nós doentes e pobres?

(...)

Para todos vós, agora, artistas, que sois prisioneiros da beleza e que trabalhais para ela: poetas e letrados, pintores, escultores, arquitectos, músicos, homens do teatro, cineastas... A todos vós, a Igreja do Concílio afirma pela nossa voz: se sois os amigos da autêntica arte, sois nossos amigos.

Desde há muito que a Igreja se aliou convosco. Vós tendes edificado e decorado os seus templos, celebrando os seus dogmas, enriquecido a sua Liturgia. Tendes ajudado a Igreja a traduzir a sua divina mensagem na linguagem das formas e das figuras, a tornar perceptível o mundo invisível.

Hoje como ontem, a Igreja tem necessidade de vós e volta-se para vós. E diz-vos pela nossa voz: não permitais que se rompa uma aliança entre todas fecunda. Não vos recuseis a colocar o vosso talento ao serviço da Verdade Divina. Não fecheis o vosso espírito ao Sopro do Espírito Santo.

O mundo em que vivemos tem necessidade da beleza para não cair no desespero. A beleza, como a verdade, é a que traz alegria ao coração dos homens, é este fruto precioso que resiste ao passar do tempo, que une as gerações e as faz comungar na admiração do mundo.

I. introdução

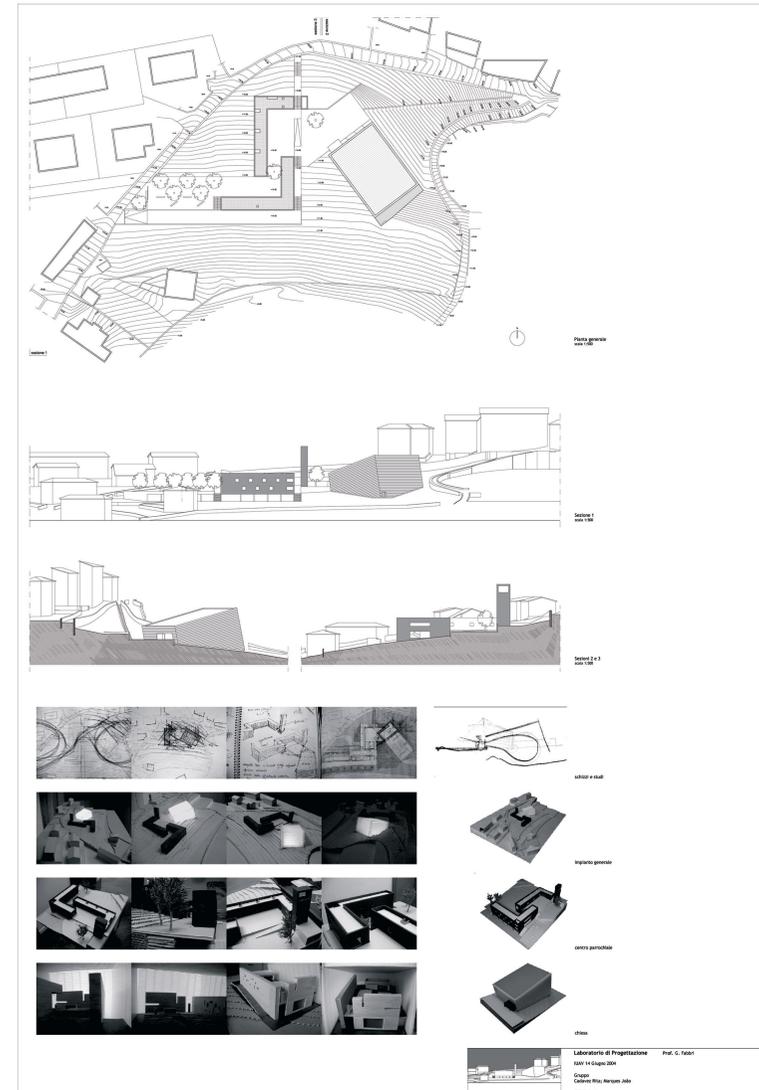
razão de escolha

A escolha do tema para a prova final remonta ao ano lectivo 2003/2004, ano em que realizei o programa Erasmus no Istituto Universitario di Architettura di Venezia (IUAV). A cadeira Laboratorio di progettazione architettonica lançava como tema de projecto uma igreja e um centro paroquial. Apesar da igreja enquanto edificio ser muito estudado nas cadeiras de história, sempre tive a sensação de que pouco se pensa sobre o que está por detrás da sua concepção, enquanto espaço de natureza sagrada!

A realização desse projecto permitiu pensar em conjunto, discutindo opções arquitectónicas, problematizando o espaço litúrgico do séc. XX e investigando questões para lá das de ordem meramente funcional.

A criação de um “lugar significante” era o desafio colocado!

As aulas teóricas desta cadeira davam a conhecer, para além das mais mediáticas igrejas da autoria de arquitectos tais como Le Corbusier ou Tadao Ando, outras obras que na altura me eram completamente desconhecidas, como por exemplo as de produção alemã, eslovena (com especial destaque para a obra do arquitecto esloveno Jože Plečnik (1872-1957), igreja do Sagrado Coração de Jesus - Praga 1932 e a de S. Miguel - Ljubljana 1940) e ainda italiana. De entre os trabalhos italianos foram destacados os da autoria de Michelucci (1891-1990), como as igrejas da década de 60, de S. Giovanni Battista (Firenze 1960-64) e de Longarone (Belluno 1966-76) e os de Carlo Scarpa (1906-1978), entre eles a capela no cemitério de San Vito – Tomba Brion (Treviso 1970-78) .



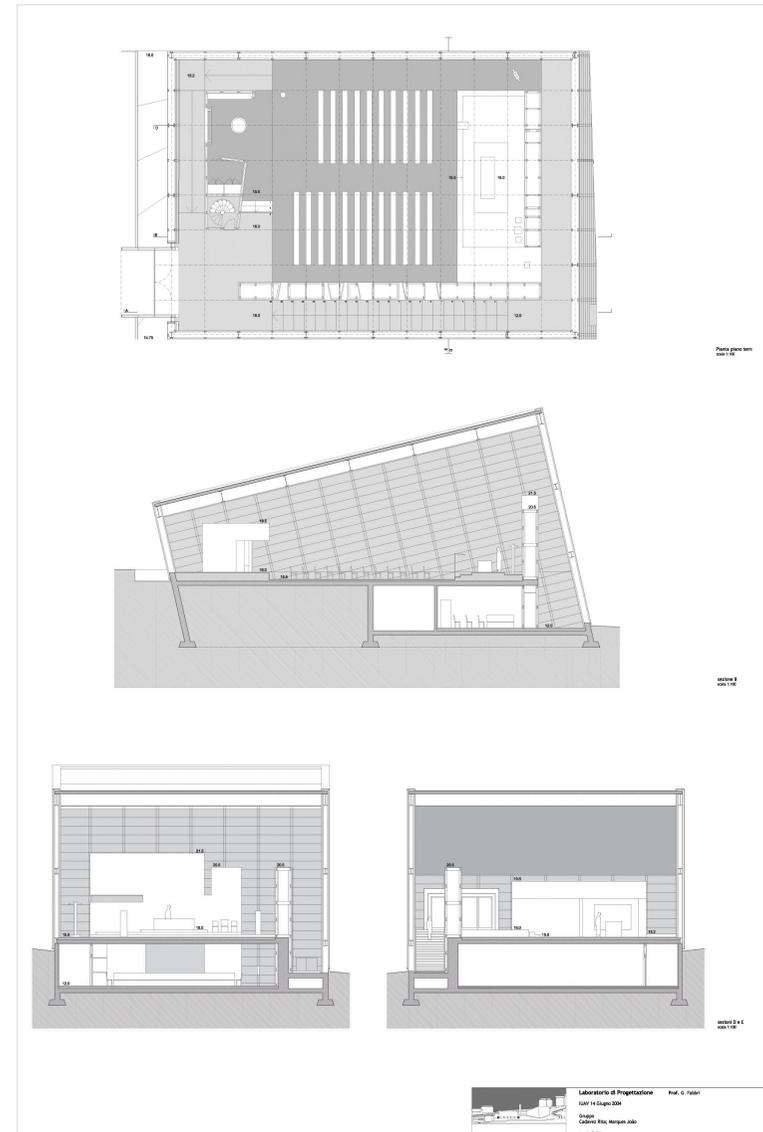
No âmbito da disciplina foi realizada uma visita de estudo à Alemanha que pretendia dar a conhecer algumas das obras do arquitecto alemão Rudolf Schwarz (1897-1961). Fazia parte do programa visitar obras tão diferentes como a capela e a sala dos cavaleiros (no castelo de Rothenfelds 1924–28), as igrejas de St. Fronleichnam (Aachen 1929-30), de Sta. Anna (Duren 1951–56), de St. Antonius (Essen 1954-57) e a de St. Andre (Essen 1956-59). Foi a oportunidade de pisar e ver as tão famosas *formas realmente litúrgicas*, em que tudo numa aparente simplicidade tinha uma razão ser!

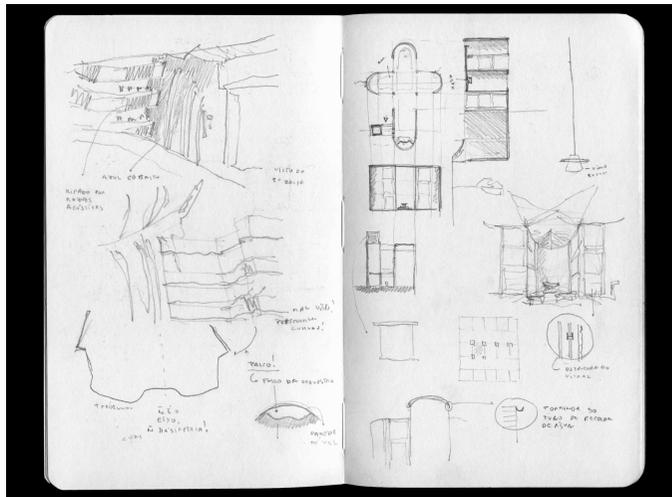
A viagem revelou-se de enorme valia, enquanto modo de adquirir um conhecimento mais vivido, mais real, do que aquele que vem retratado nos livros por textos, fotografias, plantas, cortes e alçados...

Ficava assim lançado o interesse por um tema de arquitectura que vem agora ser objecto de aprofundamento numa prova final, que permite, um ano depois do programa de Erasmus estar concluído, um olhar mais crítico sobre o projecto então realizado.

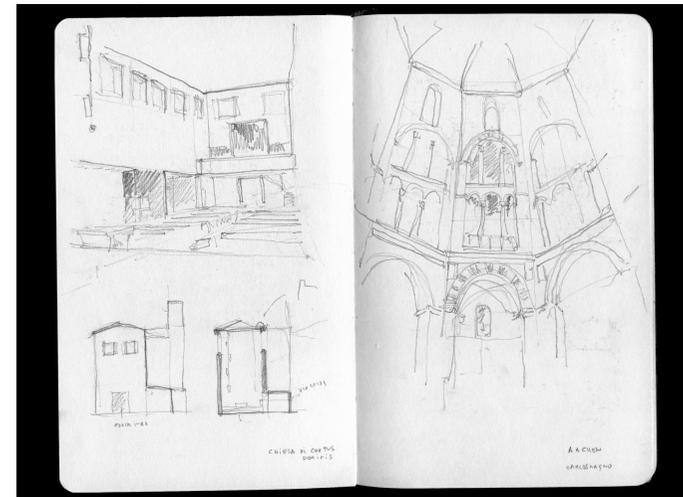
Nesta prova, procurei continuar a pesquisa e reflexão sobre a organização do espaço litúrgico, procurando nas experiências portuguesas um contraponto à diversidade e riqueza encontradas na arquitectura religiosa europeia do séc. XX.

1 e 2 | projecto realizado em Erasmus 2003/2004 por João Marques e Rita Cadavez, no Istituto Universitario di Architettura di Venezia (IUAV), para a disciplina Laboratorio di progettazione architettonica - G.Fabri

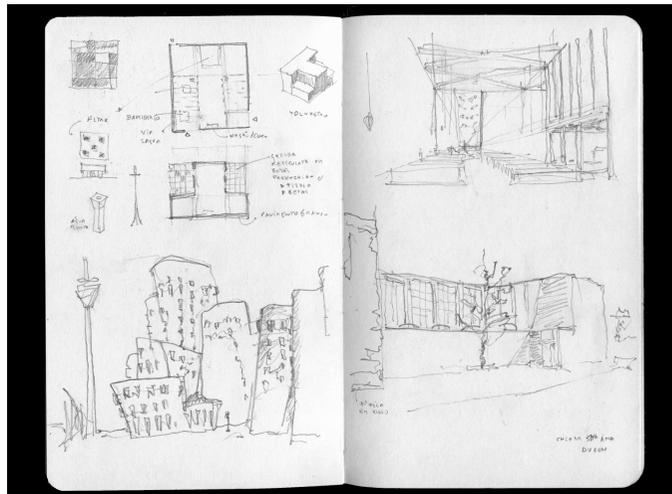




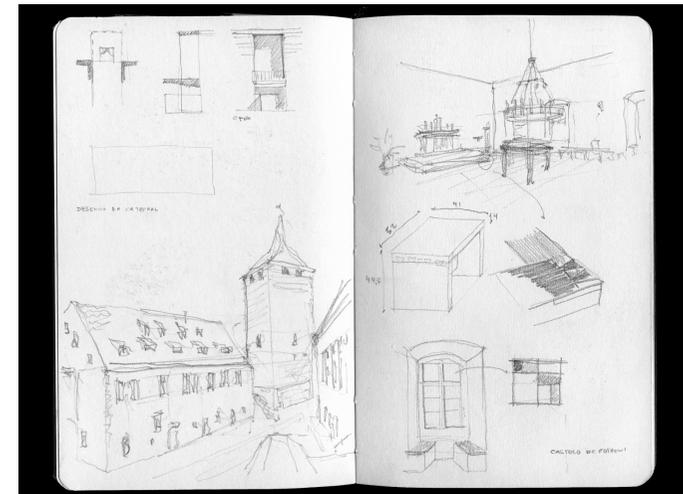
-|1



4|-



2|3



5|6

desenhos da viagem à Alemanha – 23 a 27 de Março 2004

1 | igreja de St. Andre (Essen 1956-59), Rudolf Schwarz

2 | (parte superior) igreja de St. Antonius (Essen 1954-57), Rudolf Schwarz

3 | igreja de Sta. Anna (Duren 1951-56), Rudolf Schwarz

desenhos da viagem à Alemanha – 23 a 27 de Março 2004

4 | igreja de St. Fronleichnam (Aachen 1929-30), Rudolf Schwarz

5 | (parte inferior) castelo de Rothenfelds

6 | capela do castelo de Rothenfelds (1924-28), Rudolf Schwarz

Estudar estas situações baseando a reflexão no contexto português pareceu-me oportuno. Partindo do cenário conservador e tradicionalista instituído pelo Estado Novo, facilmente nos apercebemos do desfasamento temporal da arquitectura religiosa portuguesa com a realizada em países europeus, tais como a França, a Suíça, a Alemanha ou a Holanda, que vinham já a realizar estudos no pensamento da arte sacra.

Veja-se o contributo francês, logo no início do século, dado pela obra de August Perret (1874-1954), que na igreja de Notre Dame du Raincy (1922) empregava pela primeira vez o betão aparente na construção do espaço sagrado, ou o trabalho de Le Corbusier (1887-1965), em Notre Dame du Haut (Ronchamp 1955) e no Convento de La Tourette (1957-1960). A capela de Vence (1950), da autoria de Henri Matisse (1869-1954) e a igreja de Notre-Dame de Toute Grâce (1938-50), de Maurice Novarina e Edouard Malot, com obras de F. Léger, H. Matisse, G. Braque são exemplos emblemáticos da integração das artes plásticas no espaço litúrgico.

Na Suíça, é significativo o contributo de Fritz Metzger, no sentido de criar uma maior proximidade da assembleia com o altar, veja-se a igreja de Santos Félix e Regula (1945-50). Na Holanda, é de referir a austeridade presente nas obras do monge e arquitecto beneditino Hans Dom van der Laan (1904-1991).

Na Alemanha, é de destacar o trabalho dos arquitectos Dominikus Böhm (1880-1955) e Rudolph Schwarz (1897-1961), antes e depois da II Guerra Mundial. A proximidade de Rudolph Schwarz ao teólogo Romano Guardini fez da sua obra

escrita e construída marcos de referência internacional. O seu livro, *Von Bau Der Kirche*, publicado pela primeira vez em 1938, apresenta uma série de profundas reflexões sobre o espaço litúrgico, a par de esquemas para sua possível organização e caracterização. É ainda de referir a importância atribuída à luz e aos materiais presentes na sua obra vasta e plural.

A nível nacional encontramos, por um lado, uma vertente resistente às novas linguagens modernas, que produzia obras de carácter mais “tradicionalista”, inspirando-se em correntes estéticas como o neo-medievalismo, de que podem ser exemplos as igrejas: Na. Sra. da Conceição (Porto-1938) de Dom Paul Bellot, S. João de Deus (Lisboa-1943) de António Lino, Sto. Condestável (Lisboa-1951) e S. João de Brito (Lisboa-1955) ambas de Vasco Regaleira; por outro lado, identificamos outra corrente que pretendia ser mais audaz e actual, que introduzia assim num primeiro momento o que seria chamado – “moderno”, de que são exemplo as igrejas de Na. Sra. de Fátima (Lisboa-1938), projectada por Pardal Monteiro, e de Na. Sra. de Fátima (Porto-1936) projectada pelo grupo ARS (Cunha Leão, Fortunato Cabral, Morais Soares), ou mais tardiamente, a igreja de Sto. António das Antas (Porto-1944) de Fernando Tudela.

“Uma ruptura que não chegou a ser”, um retoque estilístico que dava uma “imagem de marca” a uma igreja que era “instituição nacional”. A “igreja do estado” era por isso representada de acordo com os padrões estéticos vigentes: monumental, nacional e moderna.

Mas nos países em que a Arquitectura contemporânea se desenvolve de uma maneira mais séria e genuína, e em que o renascimento cristão se afirma com maior vigor e pureza, começam já a erguer-se as primeiras igrejas novas. São sinal de fé e de esperança para o mundo que começa. O seu estilo, fruto natural das realidades de hoje e das realidades de sempre, é o estilo de amanhã.

Em face do desabrochar desta arquitectura cristã autêntica (facto novo desde o Gótico), é doloroso contemplar o panorama português, campo de batalha de falsos modernistas e falsos tradicionalistas, aqueles mais razoáveis do que estes, é certo, mas todos afastados do bom caminho.

Pereira, Teotónio 1947

Com o Congresso Nacional de Arquitectura em 1948, os arquitectos do sul e norte do país uniram-se contra a *imagem arquitectónica* que servia o regime. Esta reacção, já anunciada desde os anos 30, encontrou no congresso o *momento de viragem na reconquista da liberdade de expressão dos arquitectos* (França, José Augusto 1974), tendo sido levado a debate o problema da produção arquitectónica nacional.

O desejado modernismo só atingiria as construções religiosas, de um modo efectivo, na década de 50. A par de uma arquitectura religiosa baseada em iniciativas isoladas, era criado em 1953 o *Movimento de Renovação da Arte Religiosa* (MRAR).

Tratava-se de um grupo de progressistas católicos atentos à sociedade portuguesa, que entendiam ser importante manifestar a necessidade de mudança também na arte e na arquitectura religiosas, para quem "guardar silêncio seria atraiçoar a sua vocação de arquitectos e católicos" assim se demarcando do sistema vigente.

Tostões, Ana 1997

Abria-se assim um período de afirmação, partilha e discussão sobre as exigências da igreja dos novos tempos. De forma consciente, promoveu-se a crítica e o debate sobre as escolhas projectuais, publicadas aliás em boletins, entre 1957 e 1964 e visando sempre a verdade construtiva, compositiva e funcional que viriam a caracterizar o período moderno. Os frutos deste movimento, trabalhos que

revelam uma grande unidade, conciliando arquitectura e as artes plásticas, contam-se entre os melhores exemplos da arquitectura religiosa portuguesa. Vejam-se as obras realizadas e discutidas pelo MRAR, de que são exemplo os trabalhos de Chorão Ramalho, Alberto Pessoa, João de Almeida, Freitas Leal, Teotónio Pereira, Nuno Portas, Luís Cunha ou Fernando Távora. Procurou-se levar à arquitectura sacra valores idênticos aos que eram defendidos para a arquitectura laica e civil.

Quando se verifica, na maior parte das igrejas mais recentes, ter sido esquecido o espírito do Evangelho;

Quando se pretende obter uma absurda conciliação do antigo com o moderno, amalgamando formas já sem sentido;

Quando se procura deliberadamente fazer moderno, aplicando formas extravagantes e arbitrarias, esquecendo que o carácter actual deve resultar espontaneamente da solução adequada dos problemas;

Quando se ultrajam os estilos de outras épocas, copiando ou adulterando as suas formas e fazendo sentir que a Igreja só vive agarrada ao passado;

Quando se aponta a ogiva como símbolo de religiosidade, quando ela não é mais do que uma forma peculiar a determinado processo de construção.

Quando se faz crer que o carácter religioso ou nacional pode ser dado por formas construtivas ou decorativas cujas causas já desapareceram;

Quando se utilizam os benefícios dos novos materiais e processos de construção, mas se ocultam sistematicamente as formas que lhes são próprias, à custa de ruinosos embustes construtivos;

Quando se manifesta um horror obcecado por toda a influência de outros países, esquecendo que os monumentos do passado foram possíveis devido à existência de correntes universais;

Quando se teima em esquecer a verdadeira tradição, renunciando a inserir a arquitectura nas realidades do nosso tempo;

Impõe-se uma acção de esclarecimento e uma revisão de conceitos, para que a arquitectura possa mostrar ao mundo de hoje a verdadeira face da Igreja de Cristo. Depende do público cristão que essa face continue a ser odiosamente desfigurada ou se revele enfim em toda a sua pureza.

Manifesto MRAR 1953

A exposição organizada pelo MRAR com a colaboração da Juventude Universitária Católica (JUC) e Escola de Belas Artes, inaugurada em 1953 na igreja de S. Nicolau (Lisboa), dava a conhecer o espólio das propostas de vanguarda da arquitectura religiosa europeia. Seguindo o mesmo espírito, em 1964, a Fundação Calouste Gulbenkian trazia a Portugal a exposição itinerante intitulada “*Novas Igrejas na Alemanha*”, organizada em Munique a propósito do Congresso Eucarístico Internacional de 1960. Reforçavam-se assim os laços internacionais da arquitectura portuguesa. Note-se que as directivas do episcopado alemão para a construção de igrejas foram tomadas como referência para a produção portuguesa a partir da década de 50 (ver anexo).

Com este mesmo espírito aberto à partilha e discussão da igreja iniciava-se, em 1962, o Concílio Vaticano II que viria a “inaugurar” uma nova fase para a Igreja Católica. Seguiram-se tempos de mudança de mentalidades e práticas, dando lugar a uma Igreja nova, mais próxima das comunidades e dos seus fiéis. Fiéis que deixavam de encarar a igreja como espaço único e exclusivamente dedicado ao culto, passando a vê-la como potencial de resposta às suas necessidades enquanto comunidade. Surgiam, conseqüentemente, os primeiros complexos paroquiais, com oferta de serviços diversificados. A arquitectura acompanhava o processo e dava forma aos novos programas, procurando propiciar uma maior integração da comunidade paroquial.

Na construção de edifícios sagrados, se tenha grande preocupação de que sejam aptos para se lá realizarem as acções litúrgicas e permitam a participação activa dos católicos.

Concílio Vaticano II, Sacrosanctum Concilium

Em Portugal, desenvolveram-se então as Secretarias Diocesanas de Arte Sacra e foi criado o Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado. Foi também dada continuidade à produção de complexos paroquiais, agora desligados do espaço de discussão do MRAR. É neste ambiente que surgem obras singulares desenvolvidas por arquitectos como João Pedro Mota Lima, Formosinho Sanchez, Pedro Vieira de Almeida, Agostinho Ricca, Vítor Figueiredo, Vasco Morais Soares, Álvaro Siza entre outros.

A arquitectura religiosa é, por excelência, uma arquitectura carregada de significado. Assim sendo, encontramos arquitecturas várias que procuram redescobrir e representar a essência do espaço religioso. São projectos distintos, porém marcados pela busca de símbolos na memória teológica colectiva, criando novos repertórios formais em que a identidade é assumida como valor essencial. Muitas vezes as igrejas seguem modelos-tipo, outras pretendem afirmar “novos modelos”, sugerindo novas formas de estar em igreja. Algumas surgem no anonimato, outras querem-se assumidas obras de autor. Formas de culto ou culto de formas? Olhamos para este vasto e plural conjunto de novas igrejas e parecemos marcado por uma fragilidade ligada à “perda de identidade” que, muitas vezes, não é mais que a procura dela, próxima do “Essencial”. É o desafio duma Igreja que se quer “Una” na diversidade.

A igreja nunca considerou um estilo como seu, mas aceitou os estilos de todas as épocas, segundo a índole e condição de todos os povos, segundo os seus próprios ritos (...). Seja também cultivada livremente na igreja a arte do nosso tempo, a arte de todos os povos e regiões, desde que sirva com a devida reverência e devida honra às exigências dos edifícios e ritos sagrados.

Concílio Vaticano II, Sacrosanctum Concilium

objecto e objectivos

Este trabalho insere-se na temática da produção arquitectónica de edifícios religiosos. Dentro desta categoria foram seleccionadas para o estudo igrejas paroquiais de produção portuguesa pertencentes à Igreja Católica construídas na segunda metade do séc. XX.

O trabalho não pretende ser nem uma listagem nem uma análise exaustiva da totalidade das obras realizadas. Mais do que a abordagem histórica, nacional e internacional, seguindo os trabalhos considerados mais significativos dentro de um percurso de autores, este trabalho académico pretende identificar questões chave da composição arquitectónica de espaço dito sagrado.

Se, num primeiro olhar, vemos o país povoado de pequenas igrejas caracterizadas por uma baixa qualidade construtiva e espacial, ditadas tantas vezes por limitações de orçamento e falta de cultura arquitectónica, existem também outras que reflectem de um modo evidente preocupações na concepção do espaço dedicado ao culto. São formas e linguagens marcadas por um gosto datado pela época, que respondem ao desafio da criação de um espaço intemporal de encontro comunitário e individual com Deus.

A arquitectura cristã, pelo seu carácter sagrado, é a que tem maiores exigências de dignidade. E mais sabido é que o pensamento tradicional cristão considera a Arte como esplendor da Verdade.

Pereira, Teotónio 1947

É partindo da relação Arte representação/comunicação, da relação Verdade/Divino que este trabalho ganha sentido e objectivo.

Quais foram as formas de representação que encontramos ao longo do século que passou? Foram produzidas igrejas que espelham os tempos de mudança e renovação dentro da Igreja? Até que ponto espelham continuidade/ruptura? Que valores estiveram por detrás de tais mudanças?

A leitura destes espaços leva-nos a reflectir sobre a importância do lugar do indivíduo no espaço comunitário. Enquanto espaço comunitário, facilmente identificado nas cerimónias de assembleia, como são geridas as suas necessidades, ao mesmo tempo funcionais e simbólicas? Quais foram as tipologias mais adoptadas e quais as suas variantes? Segundo que critérios foram desenhados os espaços dedicados a sacramentos específicos, como o baptismo e a reconciliação? Estará a sacralidade do espaço associada a formas geométricas puras a que associamos significados, e será a reprodução de símbolos, enraizados na cultura bíblica, forma e garantia de um espaço realmente sagrado?

Poderemos limitar a leitura das obras apenas ao universo formal do rigor e geometria, indiferente aos contextos social e geográfico onde se inserem? Transformaremos então a igreja num mero “espaço-contendor”, onde basta simplesmente um chão, quatro paredes e um tecto! Partindo desta leitura será então possível aprofundar o trabalho a um outro nível, dando destaque a temas actuais, tais como a integração das igrejas na cidade, a intemporalidade e universalidade do espaço sagrado, a representação da grandeza de Deus assente em valores tão variados como o de monumentalidade, simplicidade, minimalismo, singularidade e unicidade.

métodos

Para a elaboração deste trabalho pareceu-me importante desenvolver dois processos de pesquisa paralelos. Se, por um lado, se exigia a leitura de documentos escritos que abordassem a temática em estudo, tanto a nível nacional como internacional, também a visita ao conjunto edificado português se tornava essencial para o seu desenvolvimento.

Assim sendo, num primeiro momento foi realizada uma pequena pesquisa junto das entidades diocesanas responsáveis pelo património edificado. Esta pesquisa teve em vista a eleição de um conjunto de obras - igrejas paroquiais católicas - que fossem reflexo das tendências da arte sacra em Portugal, no período que vai de 1950 até aos finais do séc. XX. Na página seguinte, apresenta-se uma lista de igrejas e capelas construídas neste período, estando assinaladas a cinza as obras visitadas e referenciadas ao longo deste trabalho.

As visitas às igrejas paroquiais permitiram partir para a reflexão com base no conhecimento de conjunto. Embora nem todas as obras visitadas fossem objecto de análise intensiva, foram de grande importância para o trabalho, na medida em que permitiram traçar um panorama geral da arquitectura religiosa da segunda metade do séc. XX em Portugal, não desvalorizando o contexto da origem e inserção das diferentes igrejas em quadros socio-económicos específicos.

Só assim foi possível identificar as diferentes tipologias e os pontos-chave na concepção do espaço litúrgico.

Sempre que possível, foram realizadas conversas com a comunidade clerical e leiga, de modo a melhor contextualizar as obras em estudo e a esclarecer questões relativas à própria catequese. Nalguns casos, a conversa com os párocos permitiu entender quais os “pré-requisitos/pedidos” da Igreja local enquanto cliente, e ao mesmo tempo, qual o seu tipo de participação no decorrer do processo projectual. Este diálogo permitiu ainda analisar e verificar a apropriação comunitária do espaço, saber como foram acolhidos, ou não, os modelos espaciais propostos.

Para um estudo mais aprofundado de algumas das obras era indispensável conhecê-las segundo a perspectiva dos seus autores. Assim, a conversa com alguns dos arquitectos tornou-se essencial, dando a conhecer as reflexões e condicionantes que estiveram por detrás da elaboração dos diferentes projectos. Graças a eles foi também possível conhecer as exigências e normativas impostas ao programa, quase inexistentes até ao ano de 1998. Neste ano, o Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado redigiu um documento interno, não vinculativo, intitulado *“Igreja e Centro paroquial – elucidário para a sua concepção”* que apresenta uma série de sugestões sobre a organização dos espaços paroquiais. Noutros casos, a leitura de memórias descritivas e textos publicados pelos autores tornaram-se, também, elementos fundamentais para a realização deste trabalho.

		igreja	localidade	Diocese	Arquitectura
1934	1938	Na.Sra. de Fátima	Lisboa	Lx	Pardal Monteiro
1936		Na. Sra. de Fátima	Porto	Prt	ARS
1938		Na. Sra. da Conceição	Porto	Prt	Dom Paul Bellot
1944		Sto. António das Antas	Porto	Prt	Fernando Tudela
1946	1951	Sto. Condestável	Lisboa	Lx	Vasco de Morais Palmeiro Regaleira
1947	1943	S. João de Deus	Lisboa	Lx	António Lino
1949	1957	Paroquial de Águas	Penamacor	Gu	Nuno Teotónio Pereira
1950	1951	Na. Sra. de Fátima (capela)	Rinchoa		João Braula Reis
1950		Carvalhos de Figueiredo (capela)	Tomar	St	João Pedro Mota Lima
1951		São Gabriel da Radio Marconi (capela)	Vendas Novas	Lx	Jorge de Almeida Segurado
1951	1955	S. João de Brito	Lisboa	Lx	Vasco de Morais Palmeiro Regaleira
1953		Na. Sra. do Perpétuo Socorro	Guimarães	Br	Fernando Barbosa
1953		Na. Sra. do Perpétuo Socorro	Porto	Prt	Fernando Tudela, Fernando Barbosa
1953	1956	Sto António	Moscavide	Lx	João de Almeida, António de Freitas Leal
1953		Na. Sra. da Encarnação	Benedita	Le-Fa	Lucínio Cruz
1954	1958	Capela do Picote	Bragança	Brg	Manuel Nunes de Almeida
1954		Paroquial de Cepelos			Octávio Lixa Figueiras
1955	1957	S. José	Coimbra	Cbr	Álvaro da Fonseca
1957	1975	Sagrado Coração de Maria	Funchal	Fu	Raúl Chorão Ramalho
1958	1966	S. Bernardo	Aveiro	Av	Fortunato Cabral
1958		Na. Sra. de Fátima	Tomar	Sa	João Pedro Mota Lima
1959		Na. Sra. de Fátima	Castelo Branco	CB-Po	João Marçal Garrega
1960	1968	Sta Eufémia	Leiria	Le-Fa	João Pedro Mota Lima
1960	1963	S.Mamede de Negrelos	Santo Tirso	Prt	Luís Cunha, Pedro Ferreira Pinto
1960	1962	Dehonianos	Coimbra	Cbr	Francisco Ramos de Carvalho
1960	1962	St. Maria	Barreiro	Lx	Joaquim Cabeça Padrão
1960		Convento Dominicano (capela)	Fátima	Le-Fa	Luís Cunha
1961	1971	Convento Franciscanas	Gondomar	Prt	Fernando Távora
1962	1972	S. Jorge de Arroios	Lisboa	Lx	Erich Corsepius, Manuel Alzina de Menezes
1962	1970	Sagrado Coração de Jesus	Lisboa	Lx	Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas
1963		Paroquial de Vidais	Lisboa	Lx	António de Freitas Leal
1963	1967	Paroquial de Almada	Almada	Lx	Nuno Teotónio, Luís Almada Moreira
1964	1968	Paroquial de Alfena	Alfena	Prt	Alfredo Moreira da Silva
1964	1965	Paroquial de Sever do Vouga	Sever do Vouga	Av	Fernando Abrunhosa de Brito
1965	1968	Nova de Rio Maior	Rio Maior	Sa	José Luís Zuquete, José Bruschy
1965		Bairro da Fábrica (capela)	Rio de Mouro	Lx	Vilhena
1965		Seminário Dominicano Aldeia Nova (capela)	Ourém	Le-Fa	Diogo Lino Pimentel
1966	1975	S. Martinho de Cedofeita	Porto	Prt	Eugénio Alves de Sousa
1966	1969	Na. Sra. dos Navegantes	Paço de Arcos	Lx	João de Almeida
1967	1977	Sagrado Coração de Jesus	Porto	Prt	Luís Cunha
1967	1972	Instituto Nun'Alvares (capela)	Santo Tirso	Prt	Fernando Távora
1967	1968	Sto. António dos Cavaleiros	Loures	Lx	Diogo Lino Pimentel
1967		Na. Sra. do Porto	Porto	Prt	Vasco Morais Soares

	igreja	localidade	Diocese	Arquitectura	
1968	Na. Sra. de Fátima	Mamodeiro	Av	Luís Cunha	
1968	Seminário da Boa Nova (capela)	Valadares	Prt	Fernando Abrunhosa de Brito	
1969	1985	Paroquial de Boideobra	Covilhã	Gu	Nuno Teotónio Pereira
1970	1982	Sagrado Coração de Jesus	Viseu	Vs	Francisco Olazabal
1971	1976	Sta. Joana Princesa	Aveiro	Av	Luís Cunha
1972		Na. Sra. dos Aflitos	Oeiras	Lx	José Cabido
1972		Na Sra. da Conceição	Queluz	Lx	Maya Santos
1972	1988	Paroquial de Aldoar	Porto	Prt	A. Moreira da Silva
1972	1974	Na. Sra. da Alegria	Vilamoura	Fr	Keil do Amaral
1973		S. Domingos de Benfica	Lisboa	Lx	Alberto Gamacho
1973	1986	S. Miguel de Areias	Coimbrão	Le-Fa	João Pedro Mota Lima
1975	1981	Na. Sra. da Boavista	Porto	Prt	Agostinho Ricca
1979	1986	Patronato de Mangualde	Mangualde	Vs	Vasco Morais Soares
1980	1988	Na. Sra. da Conceição	Olivais	Lx	Pedro Vieira de Almeida
1981	1992	Cristo-Rei da Portela	Lisboa	Lx	Luís Cunha
1981	1987	Paroquial da Areosa	Porto	Prt	Acácio Brochado
1982	1985	S. Paulo do Viso	Porto	Prt	Vasco Morais Soares
1982	1985	Na. Sra. Dos Navegantes	Vila do Conde	Br	Manuel Gonçalves
1984		Paroquial de Mira	Mira	Cbr	Fortunato Cabral
1984	1986	S. Miguel Arcanjo	Oeiras	Lx	Costa Pesseguero, Coimbra Neves
1988	1999	Sé de Bragança	Bragança	Brg	Vassalo Rosa
1989	1996	Sta. Maria	Marco de Canaveses	Prt	Álvaro Siza
1989		Paroquial Brandoa	Amadora	Lx	Pedro Vieira de Almeida
1989	1994	Na. Sra. da Saúde	S. Pedro do Sul	Vs	Vasco Morais Soares
1990	1996	Moledo (capela)	Moledo	Vc	Alexandre Alves Costa, Sergio Fernandez
1990	2004	Paroquial de Ramalde	Porto	Prt	Vasco Morais Soares
1991	1999	Albergaria dos Fusos	Cuba	Be	Vitor Figueiredo
1992		Na. Sra. da Maia	Maia	Prt	António Corte-Real
1993		Sto. António	Vale de Cambra	Prt	Agostinho Ricca
1993		S. Maximiliano Kolbe	Chelas	Lx	José de Almada Negreiros
1995	2000	Na. Sra. da Saúde	Évora	Ev	Diogo Lino Pimentel
1996		Sta. Clara	Chelas	Lx	Gonçalo Byrne
1999		Caniçal	Funchal	Fu	João Caires
1999		Sta. Luzia	Angra do Heroísmo	Ag	José Vieira
1999		S. Pedro de Azurém	Guimarães	Br	Luís Cunha
2000		Sta. Joana Princesa	Lisboa	Lx	Diogo Lino Pimentel, Hugo Vernarde, Rita Falcão
2000		Centro Universitário Inácio Loliola (capela)	Porto	Prt	Nuno Valentim Lopes, Frederico Eça

II. reflexão

IV - Assim, a natureza complexa de uma igreja que resulta de finalidades tão diferentes, coloca aos arquitectos problemas especiais.

A celebração eucarística reclama uma distribuição espacial completamente diferente daquela que é pedida para a administração do baptismo e da penitência; as exigências da liturgia sacramental são diferentes das da prece e oração. Elas próprias diferentes das da adoração do santíssimo sacramento; e também diferentes das exigências das devoções extra-litúrgicas da comunidade. Por fim, estas últimas, não coincidem com as exigências da oração individual/privada.

A tarefa do arquitecto consiste em estabelecer um plano que responda da melhor maneira a estes diferentes destinos de uma igreja.

Klauser, Theodor 1956

É partindo desta constatação, duma igreja enquanto lugar e organismo de múltiplas relações, que parte este trabalho, procurando entender cada um dos espaços que o constituem, na diversidade global resultante de cada proposta, partindo sempre da memória e significado transportados pela Igreja e partilhados pela comunidade num determinado momento da história.

Faz-se aqui uma leitura fragmentada que pretende dar a conhecer no contexto da arquitectura portuguesa, respostas diferentes perante um desafio comum - o de criar o espaço de encontro com Deus, a morada!

Trata-se de moradas cheias de significado, resultantes da caracterização material do exterior e da identidade das diferentes unidades que compõem o interior, das relações que percursos estabelecem entre as partes, da natureza do espaço que faz da igreja símbolo do sagrado.

Para complementar a leitura dos casos de estudo, aconselha-se a consulta dos anexos onde se encontram fotografias a cores e elementos desenhados relativos à obra em análise.

DE FORA...

busca de identidade

Ainda que o espaço religioso e sagrado seja, por definição, lugar de abrigo e acolhimento a que, por isso, associamos um espaço encerrado e interior, o sagrado estende-se também ao espaço exterior, num primeiro momento de aproximação e de entrada!

II - Não seria feliz, excepto por razões insuperáveis, construir uma igreja num barulhento bairro de negócios e contudo é urgente indicar à humanidade, o caminho que eleva ao Deus eterno.

É desejável que para ir à igreja os fiéis tenham de atravessar uma zona de silêncio e recolhimento, um espaço envolvido de verdura ou um átrio clássico; esta disposição dos espaços introduziria ao silêncio do espaço sagrado que está cheio da presença de Deus.

Klauser, Theodor 1956

Embora tenhamos presente na memória colectiva a ideia de uma igreja enquanto objecto isolado, unidade independente e destacada do meio envolvente, a leitura do conjunto de igrejas edificadas no séc. XX aponta para uma maior diversidade de soluções, sendo nalguns casos a igreja e o complexo paroquial imperceptíveis para quem passa na rua. O objecto simbólico dá lugar a um outro, de natureza por vezes questionável ou mesmo duvidosa, que se dilui e desaparece até “num barulhento bairro de negócios”.

Em geral as soluções surgem na continuidade da tradição, respondendo a desafios urbanísticos e arquitectónicos já conhecidos. A ocupação de lotes num tecido urbano já consolidado, entre paredes de meação, completando gavetos e ocupando os únicos lotes possíveis, foram problemas que exigiram especial atenção e imaginação, conseguindo-se assim dar à igreja o necessário destaque

relativamente ao meio que a envolve. A elevação de uma plataforma onde ela se desenvolve, a construção de um enfiamento que nos conduz até ela, escadaria ou alameda, foram algumas das soluções exploradas pela arquitectura para lhe dar o devido protagonismo e significado.

A construção das igrejas insere-se no campo da arquitectura representativa. A escala da igreja, associada à extensão da sua presença temporal, fá-la próxima do conceito de monumento, de estrutura que permanece ao longo da História. Em alguns casos, quando a natureza de objecto arquitectónico a destaca da mera resposta funcional, é mesmo elevada à categoria de obra de arte, passando a transmitir significado, como símbolo e referência, expressão e representação de uma identidade.

A torre foi e é elemento constante na composição do espaço sagrado, com maior ou menor destaque e presença ao longo da história da arquitectura. A marcação da verticalidade fá-la elemento de referência que contribui para uma identificação mais fácil do espaço sagrado. Do elemento defensivo, representativo de poder, à torre sineira, foram muito variadas as formas e ideias por detrás da sua concepção. A colocação quase obrigatória da cruz no seu topo e do relógio analógico, reforçam tanto a sua natureza simbólica como funcional. Veja-se a importância que a torre ainda hoje tem nos núcleos rurais.

Contudo a torre não é, de modo algum, o único elemento de identificação da igreja. A sua singularidade volumétrica é geralmente de fácil leitura, contribuindo para a identificação quase imediata do espaço sagrado a partir do exterior.

III - Seria errado pretender conformar em absoluto a arquitectura exterior da igreja as suas dimensões, linhas, estrutura e depuração aos edifícios profanos da época e do meio para dar à própria igreja o ar de um edifício profano. Seria igualmente errado querer chamar a atenção dos passantes para formas bizarras e gritantes. Dever-se-á pelo contrário fazer da igreja e das suas formas exteriores uma expressão plena de dignidade, que fale por si mesma do transcendente, do divino, do que é completamente diferente que se realiza no interior das nossas igrejas. Não decorre daí, contudo, que a construção de uma igreja tenha de romper a harmonia de um bairro ou conjunto.

Klauser, Theodor 1956

Num período marcado pela introdução dos valores da arquitectura moderna na arquitectura religiosa, obrigatoriamente os reflexos fizeram sentir-se. Isso, a par duma nova concepção de igreja mais próxima dos fiéis, viria a ter consequência na produção de complexos paroquiais. Os avanços tecnológicos e construtivos permitiram erguer novas estruturas que, porém, raramente abandonaram a ideia de fortaleza e casa, tão profundamente associadas ao espaço sagrado. Talvez por isso o valor da transparência nunca tenha tido no espaço sagrado a mesma força que teve no profano. Até porque se torna difícil a síntese entre a transparência, sinónimo de verdade, e a protecção/resguardo que a igreja procura oferecer.

*Senhor, sê para mim um forte rochedo, uma casa fortificada que me salva;
pois o meu rochedo e minha muralha és Tu.*

Salmo 31, 3-4

A natureza simbólica da igreja está bem presente na linguagem arquitectónica adoptada nalguns projectos que marcam uma tendência no sentido da redução do volume da torre aos meros elementos estruturais. A sua expressão, de carácter quase escultórico, é dado por conjuntos de simples lâminas de betão. Vejam-se as torres da igreja de S. Martinho de Cedofeita (Porto), onde o conjunto de lâminas se distribui radialmente, ou da igreja de St. Eufémia (Leiria), onde se recorreu a um conjunto de duas lâminas paralelas, depois de um projecto inicial em que a torre era uma cruz de dimensões monumentais. No caso do campanário da igreja de Cristo Rei da Portela (Lisboa), houve uma tentativa de lhe atribuir um carácter mais tradicional, dotando-o de um telhado de 4 águas que contrasta com toda a arquitectura “brutalista” da envolvente! Contrariando a tendência mais forte na história da arquitectura portuguesa, num grande número dos casos estudados a torre sineira surge como peça isolada desligada do corpo da igreja. São os casos das torres das igrejas de Águas de Penamacor (Guarda), de Moscovide e Portela (Lisboa), de Cedofeita (Porto) e de Sta. Joana Princesa (Aveiro).

Porém, existem soluções que procuraram equilibrar a composição, criando uma união entre o corpo da igreja e a torre através de elementos mais ligeiros como palas. S. Bernardo (Aveiro) e S. José (Coimbra) reflectem esta tendência. Em ambos os casos existe uma associação sugerida pelo alinhamento de três elementos: torre, baptistério e entrada. É possível encontrar esta mesma associação nas soluções em que a torre se encontra integrada, como acontece na igreja de Na. Sra. de Fátima (Lisboa), também de construção anterior ao Concílio Vaticano II. Seguindo esta mesma lógica compositiva encontramos a igreja de Sta. Eufémia (Leiria) ou a do Sagrado Coração de Jesus (Porto), ambas construídas dentro do período conciliar.



- 1 | igreja de Cedofeita (Porto) 2 | igreja de Santa Eufémia (Leiria) 3 | igreja da Portela (Lisboa)
4 | igreja de Moscovide (Lisboa) 5 | igreja de Sta. Joana Princesa (Aveiro)
6 | igreja de S. José (Coimbra) 7 | igreja de S. Bernardo (Aveiro)

Vale a pena ainda fazer referência ao projecto da igreja de Sta. Maria do Marco de Canaveses (Porto), em que a torre foi completamente absorvida pelo volume global da igreja e constitui, com o volume do baptistério, ambos avançados em relação à nave, a marcação de uma entrada de carácter monumental, próxima da composição da entrada da Sé de Lisboa e de Évora. A massa volumétrica representa neste contexto a identidade do próprio edifício e, pela sua escala e presença, distingue-a de todas as obras circundantes, sem para isso necessitar de recorrer a símbolos como a tradicional presença da cruz.

Apesar da justaposição de volumes, na maioria dos casos não existe qualquer tipo de leitura da torre no interior da igreja, que somente na igreja de Sta. Maria do Marco de Canaveses (Porto) e na de Na. Sra. de Fátima (Aveiro) se tornam perceptíveis. Na primeira, sendo por ela que se faz o acesso ao interior da nave, e na segunda servindo de acesso ao coro.

O recuo do campanário e da cruz foi de tal ordem na igreja do Sagrado Coração de Jesus (Lisboa), que se tornam quase imperceptíveis até a quem passa na rua. Na igreja de Na. Sra. da Conceição (Lisboa), os sinos coroam muito discretamente uma das partes do compacto edifício. Não fosse a cruz destacada e tornar-se-ia um desafio perceber a natureza sagrada de tal edificação.

Num paralelo à arquitectura civil, também a arquitectura religiosa encontrou formas mais simples e depuradas, marcadas pela busca de essência tipológica. A verticalidade e a horizontalidade foram equacionadas de modo a transmitir caracteres diferenciados às composições compactas, de que a igreja de Sta. Maria do Marco de Canaveses (Porto) e de Na. Sra. da Conceição (Lisboa) são exemplo.



1 | Sé de Évora 2 a 3 | igreja de Santa Maria, Marco de Canaveses (Porto)
4 e 5 | igreja de Nossa Senhora de Fátima, Mamodeiro (Aveiro)
6 a 8 | igreja de Nossa Senhora da Conceição, Olivais (Lisboa)

A arquitectura dita orgânica, levou à construção de igrejas caracterizadas pela agregação de volumes com jogos dos planos de cobertura que, pela sua escala, revelam a sua natureza singular enquanto edifício público e sagrado.

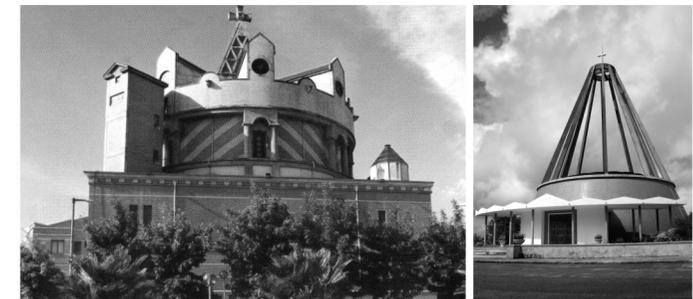
Mantendo-se vincado na memória colectiva que a “igreja tradicional” é “Casa de Deus entre os Homens”, a cobertura com telhado de duas águas prevaleceu em muitas igrejas construídas neste último século. A igreja de Águas, (Penamacor), Sto. António de Moscavide (Lisboa), projectos que introduziam o moderno numa atitude comprometida, são exemplo desta tendência.

Às duas águas está associada uma forte carga simbólica, fundada na ideia da *tenda* de um povo que está *em constante movimento e a caminho*.

Quando David se instalou na sua casa, disse ao profeta Natan: “Eis que habito numa casa de cedro e a arca da aliança está debaixo de uma tenda (...) Nunca habitei em casa fixa. Desde o dia em que tirei Israel do Egipto até hoje, mas tenho andado de tenda em tenda, de morada em morada”

1 Crón 17, 1 e 5

Ainda que, nalguns casos, este tipo de leitura simbólica não seja feita sempre de um modo evidente, foram construídas propostas que recorreram à adopção “fácil” de símbolos da cultura religiosa. As suas formas foram adaptadas aos conteúdos programáticos, desvalorizando questões relativas à composição, integração e à própria concepção do espaço sagrado de natureza arquitectónica. Destas experiências resultam peças de qualidade arquitectónica discutível, fomentadas em princípios teológicos altamente deturpados. É por isso que podemos identificar no conjunto edificado, obras que nos remetem à memória de “tendas”, “barcos”, “peixes”, “cálices”, e até mesmo “coroas”!



1 a 3 | igreja do Sagrado Coração de Jesus, Carvalhido (Porto)
4 e 5 | igreja da Na. Sra. da Conceição (Loulé) 6 | igreja da Na. Sra. dos Navegantes, Caxinas (Vila do Conde) 7 e 8 | igreja da Praia do Furadouro (Ovar)
9 | igreja de Cristo-Rei, Portela (Lisboa) 10 | igreja dos Dehonianos (Coimbra)

Com o aparecimento dos complexos paroquiais agregados aos espaços de culto, a singularidade volumétrica tão característica das igrejas/templo foi, de certo modo, posta em causa. Nalgumas obras a justaposição de serviços foi feita de modo a preservar o carácter individual do corpo da igreja, tal como acontece na igreja de Cedofeita (Porto), em que os dois corpos se caracterizam por linguagens distintas, na de S. José (Coimbra), em que o centro paroquial se desenvolve ao nível do embasamento da igreja, e na de Sta. Eufémia (Leiria), em que a natureza distinta do programa está bem evidente na diferença de escalas dos volumes que compõem o conjunto.

A agregação foi de tal ordem que nalguns complexos paroquiais se torna difícil estabelecer os limites de cada uma das partes constituintes do programa. O caso da igreja de Sta. Joana Princesa (Aveiro) é emblemático, na medida em que, condensa todo o programa paroquial num espaço de natureza flexível e polivalente, sendo por isso difícil identificar o que é igreja, capela, salas da catequese ou bar.

Nos complexos paroquiais da Na. Sra. da Boavista (Porto), S. Jorge de Arroios e Sagrado Coração de Jesus (Lisboa), a distribuição programática está mais evidente valorizando a ideia de cidadela paroquial.

Uma reflexão sobre o programa colocava em primeiro plano o problema da presença urbana da igreja: de um dos pólos não se poderia iludir que ao novo edifício se atribuía uma projecção mais vasta do que os limites da paróquia residencial, o que desde logo sugeria a procura de uma situação evidente de um destaque volumétrico do templo. Por outro lado, a regularidade do traçado urbanístico da zona pedia uma rotura na continuidade da construção marginal que deixasse verter o espaço público da rua por um centro paroquial que se deseja aberto e atractivo.

(...) Quanto à inserção do edifício da igreja procurou-se que não fosse dominado pelo volume das instalações do centro paroquial e residências, mas que pelo contrário criasse uma presença dominante, afirmando o carácter sacro do conjunto.

Pereira, Nuno Teotónio; Portas, Nuno 1962



1 a 3 | igreja de S. Martinho de Cedofeita (Porto)
 4 | igreja de Sta. Eufémia (Leiria) 5 e 6 | igreja de Na. Sra. da Boavista (Porto)
 7 | igreja de S. Jorge de Arroios (Lisboa)
 8 a 11 | igreja do Sagrado Coração de Jesus (Lisboa)

É possível encontrar outras soluções que apontam para uma clara distinção entre o espaço de culto e o espaço destinado a acolher os serviços paroquiais, recorrendo para isso ao uso de volumes independentes. Nalguns casos é resultado de projectos de natureza e autoria distintas, construídos em diferentes períodos.

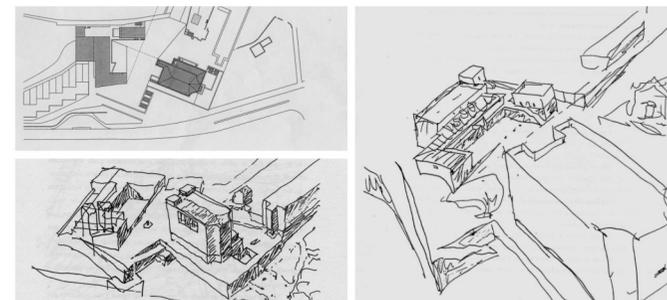
No entanto, há situações em que esta solução foi escolha projectual, tal como acontece com o centro paroquial e a igreja de Sta. Maria do Marco de Canaveses (Porto). Neste projecto uma justa implantação de volumes autónomos de diferentes escalas, do sagrado e do profano, contribui para uma melhor definição do espaço de adro.

Proporcionará um espaço a modo de pátio cerimonial, ligeiramente deslocado em relação ao eixo da igreja, à povoação e à paisagem, é o protagonista de todo o projecto.

Siza, Álvaro 1999

O adro é o espaço que estabelece a relação com a rua, é plataforma de suporte para o desenho de um *aberto* que é espaço de uso público com características específicas no quadro social e litúrgico, que vão do simples encontro, antes e depois da missa, ao palco para a realização do fogo na vigília pascal. As propostas realizadas apontam em diversos sentidos, desde o adro como praça aberta à envolvente, ao *pátio* encerrado, limitado por muros, sobre o qual se abrem as demais dependências paroquiais.

Foram desenvolvidas tipologias próximas do modelo conventual, recriando claustros/pátios mais ou menos encerrados. Os complexos paroquiais de Mangualde (Viseu) e de Cristo Rei da Portela (Lisboa) espelham o espaço encerrado, enquanto o do Sagrado Coração de Jesus (Viseu) revela uma maior abertura.



1 a 3 | igreja de Sta. Maria, Marco de Canaveses (Porto)

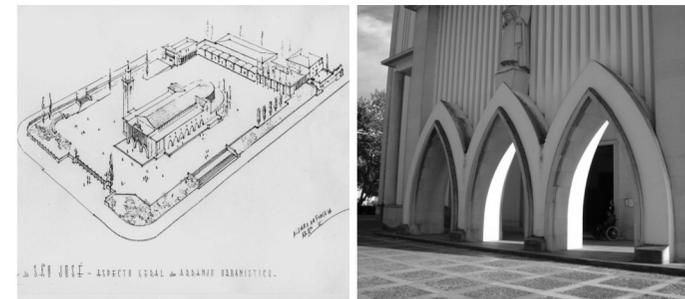
4 e 5 | igreja do Patronato de Mangualde (Viseu)

6 e 7 | igreja de Cristo-Rei da Portela (Lisboa) 8 e 9 | igreja do Sagrado Coração de Jesus (Viseu)

No complexo da igreja do Sagrado Coração de Jesus (Lisboa) o adro surge elevado em relação ao nível da rua, criando a distância necessária que lhe confere um carácter mais privado, ao mesmo tempo que se abre ao uso público, com uma sequência de pátios interiores que permitem o atravessamento do quarteirão.

Em oposição a um modelo segregado e encerrado, houve uma corrente que defendeu o adro enquanto espaço mais aberto e acessível, reflectindo assim uma postura distinta sobre o protagonismo que a igreja tem no seu meio envolvente. Os adros das igrejas de Águas (Penamacor) e a de St. António de Moscavide (Lisboa) espelham bem o conceito de adro que se abre como praça e a sua integração no meio envolvente, faz deles também espaços de passagem. No caso do adro de Moscavide é de destacar a composição plástica da fachada da igreja revestida por um painel de azulejos da autoria de Manuel Cargaleiro, que adquire juntamente com a torre do relógio o estatuto de arte pública! Ainda que em ambos os casos exista uma cruz a coroar a cobertura, ela tem uma presença muito discreta, sendo a associação e caracterização de cada um dos volumes o principal identificador da natureza sacra do local!

A ocupação de uma posição central num lote isolado permitiu na igreja de S. José (Coimbra) criar outros espaços de lazer para além do tradicional espaço de adro frente à entrada principal. A inexistência de um muro elevado ou gradeamento, permite o uso público do jardim, parque infantil e campo de jogos, conseguindo assim a boa integração urbana de uma comunidade que se quer aberta.



- 1 e 2 | igreja paroquial de Águas, Penamacor (Guarda)
- 3 e 4 | igreja de Sto. António, Moscavide (Lisboa)
- 5 e 6 | igreja de S. José, Solum (Coimbra)

295. O presbitério é o lugar onde sobressai o altar, onde se proclama a palavra de Deus e onde o sacerdote, o diácono e os outros ministros exercem as suas funções. Deve distinguir-se oportunamente da nave da igreja, ou por uma certa elevação, ou pela sua estrutura e ornamento especial. Deve ser suficientemente espaçoso para que a celebração da Eucaristia se desenrole comodamente e possa ser vista.

Instrução Geral do Missal Romano

Sem dúvida alguma a zona presbiterial tem um carácter e identidade específicos e, por isso mesmo, deve ser facilmente distinguida da zona destinada à assembleia. Segundo as indicações de 1956, Theodor Klauser defendia que a igreja deveria ser composta por duas partes distintas: uma presbiterial e outra da assembleia.

Será mais conforme às exigências do culto e ao rito reservar para o altar um santuário rectangular, semi-circular ou poligonal, destacado da nave. Impõe-se portanto a solução de um edifício com duas unidades.

Klauser, Theodor 1956

A criação de duas unidades remete-nos para a ideia de absíde e reforça, assim, a ideia de estrutura hierárquica. Esta solução, defendida pelo episcopado alemão, em nada se afasta dos modelos produzidos ao longo da história durante séculos de produção de igrejas. A hierarquia espacial sempre esteve e estará presente, porque o espaço sagrado é constituído por pólos diferenciados com importâncias específicas, seja a zona envolvente ao altar consagrado ou a nave onde se distribui a assembleia.

O espaço deve espelhar esta organização, de modo a melhor acolher, na celebração, o papel de cada um dos intervenientes. Podemos então dizer que o presbitério é o lugar do sacerdote, do diácono e dos restantes ministros, sem que esta distinção seja símbolo de divisão de um espaço que se quer uno e símbolo da Unidade do povo santo. Para o seu desenho deverão ser tomados em conta o número de intervenientes que se movem nesta área, de modo a não tornar espaço nem demasiado pequeno nem sobredimensionado. O conceito de equilíbrio ganha neste contexto especial sentido, na procura de comodidade necessária para a realização dos actos litúrgicos.

Se durante séculos, a abside com as suas variantes, foi protagonista como palco, no período pós-reforma litúrgica houve uma perda crescente da sua importância em favor de uma abertura progressiva do presbitério, que permitia aos fiéis partilharem com maior proximidade o mistério eucarístico.

Torna-se por isso difícil ler a abside, com os seus contornos tradicionais, na maior parte das igrejas construídas segundo o espírito Vaticano II. A zona presbiterial perde progressivamente a sua independência volumétrica, a troco de uma maior proximidade com a assembleia dos fiéis. A junção das duas unidades (presbitério e assembleia) numa só nave, levou a que fossem experimentadas diversas soluções, que podemos agrupar em três tipos: zona presbiterial definida no estreitamento resultante da confluência das paredes laterais da nave, zona presbiterial definida a toda a largura da nave e zona presbiterial definida como plataforma independente facilmente acessível. É de notar que a grande maioria das soluções apontam o mesmo sentido de convergência sobre a zona do altar, que durante tantos séculos a abside sugeriu.

A questão da acessibilidade ao presbitério, relativa ao seu perímetro de “fronteira” e ao seu número de frentes, espelha o grau de abertura em relação à comunidade crente. Consequência directa da reforma litúrgica foi a anulação das barreiras que definiam a fronteira da zona presbiterial, retirando balaustradas que tal como as *iconostases* dos primeiros templos cristão, limitavam o acesso à área mais sagrada.

Contudo, apesar da inexistência de barreiras físicas, a introdução de degraus que conduzem à plataforma superior destinada ao presbitério manteve-se, tal como já acontecia noutros períodos da história da arquitectura. Recorre-se a um número de degraus que contém, em si mesmo, grande valor simbólico, sejam o três ou o sete. O acto de subida para o presbitério, no decorrer de uma cerimónia religiosa, constitui um acto solene. A elevação não foi recurso único para marcar esta diferenciação espacial, que na grande parte dos casos é acompanhada por uma mudança de materiais na pavimentação.

Se observarmos as variações em relação ao grau de abertura do presbitério, há uma constante no que toca à necessidade de definição do seu limite posterior. Foi esta lógica da criação de um *pano de fundo* que motivou a criação de retábulos/altares durante tantos séculos, até à saída de orientações do Vaticano II.

292. Na ornamentação da igreja deve tender-se mais para a simplicidade do que para a ostentação. Na escolha dos elementos decorativos, procure-se a verdade das coisas e o que contribua para a formação dos fiéis e para a dignidade de todo o lugar sagrado.

Instrução Geral do Missal Romano

Tais orientações apontavam no sentido da contenção decorativa, evitando a decoração ostensiva em favor de uma maior austeridade e simplicidade. Assim sendo, a parede limite da área presbiterial passou a ser suporte para novos temas projectuais que recorreram à introdução de luz natural (zenital e lateral), à exploração das texturas de materiais, à introdução de obras de arte sacra, em alternativa às habituais composições de retábulo com sacrário incluído.

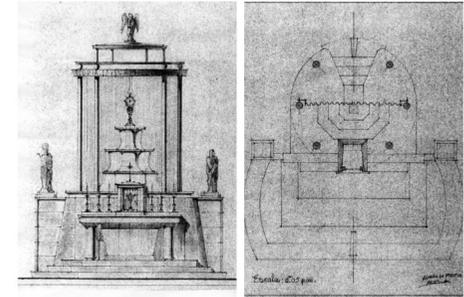
Na maioria das igrejas construídas, a cota de cobertura é igual em ambas as partes (presbitério e assembleia), sublinhando a unidade espacial do conjunto. Nalgumas situações, para sublinhar a importância do presbitério recorreu-se a planos suspensos sobre o altar, em jeito de pátio. Procurando ainda enfatizar a área presbiterial surgem casos em que a cobertura inclinada sobre a zona do altar, no sentido descendente ou ascendente, foi a opção escolhida. A par destas inclinações da cobertura também surgiram algumas pendentes ao nível do pavimento, que ajudam a reforçar e focalizar o olhar sobre o presbitério e altar destinados à celebração eucarística.

A igreja de **S. José** (Coimbra) conserva de um modo evidente a abside segundo a sua forma e desenho mais convencionais, que a definem como unidade autónoma, menos larga e mais baixa do que a nave principal, estando a sua fronteira com esta marcada por um arco triunfal. Por ser uma obra realizada no período pré-conciliar, exigia-se a clara distinção dos espaços de natureza diversas: o dos fiéis e o dos presbíteros.

Tanto assim o era, que existia um gradeamento que delimitava a área presbiterial. Dois púlpitos ladeavam o arco triunfal quebrado, um do lado do evangelho e outro do lado da epístola. A liturgia era celebrada no interior da abside, com exceção da comunhão, que era distribuída à porta do presbitério. A mesa do altar constituía, juntamente com o sacrário e com o trono para exposição da Sagrada Custódia, um retábulo para o qual o padre se voltava durante a celebração da eucaristia. Somente a homilia era feita na língua viva, enquanto todo o restante ritual era celebrado em latim. O espaço da igreja reflectia, no seu desenho, esta forma de celebrar para um Deus distante.

A renovação da liturgia acompanhada pelo Concílio Vaticano II, introduziu uma série de inovações, tentando dar mais sentido ao rito celebrado pela comunidade. O padre passou a celebrar de cara voltada para o povo, na sua língua materna, e assim a comunidade foi chamada a uma participação mais activa. As repercussões fizeram-se sentir imediatamente na reorganização dos espaços de culto, tendo-se centrado a maior parte das intervenções na reestruturação da área presbiterial.

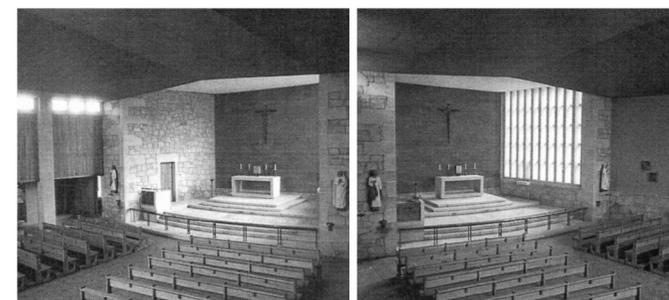
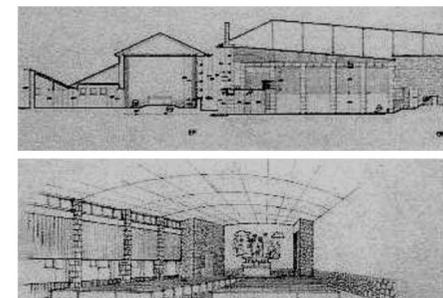
A igreja de S. José (Coimbra) espelha este processo de adaptação. Aí, o trono e o gradeamento foram retirados, os púlpitos foram substituídos por um só ambão e a plataforma presbiterial avançou sobre o limite definido pelo arco triunfal, permitindo ao novo altar ficar mais próximo da assembleia.



A igreja de **Águas, Penamacor** (Guarda), é o exemplo deste momento de mudança dentro da igreja. A sua localização, no interior do país, e o facto de ter sido realizada por iniciativa privada, permitiu desenvolver um esquema pouco convencional na arte sacra de então, não levantando a polémica que viria a caracterizar toda a construção da igreja de Sto. António de Moscavide (Lisboa). A assembleia e presbíteros partilham um espaço em que o carácter unitário foi explorado. A frente do presbitério é muito próxima da medida da frente da nave. O “arco triunfal” foi anulado, sem contudo se perder a ideia da dupla identidade do que constitui o espaço sagrado. Por isso, o presbitério é elevado, sendo precedido por dois lanços de escada, cada um com três degraus separados por um pequeno patamar, e o seu limite é reforçado pela existência de um gradeamento. Contudo, é inegável a vontade de aproximação da comunidade, expressa pela convergência das paredes laterais, que sugerem um espaço comunitário e acolhedor voltado em semi-círculo para o altar-mor, rico em texturas resultantes da luz incidente sobre os próprios materiais, seja a parede revestida a tijolo ou aparelhada em granito.

(...) espaço interno entendido de forma orientada e dinâmica pela conjugação da forma da planta, em leque, com a convergência das paredes laterais, com o expressionismo adoptado no trabalho do tecto, movimentado em dois planos não acusados na cobertura. O espaço da nave articula-se subtilmente com o tecto plano da capela-mor criando situações de grande riqueza, decorrentes da sua própria conformação em superfícies de concordância ou descontinuidade, na criteriosamente plural aplicação de materiais quentes e confortáveis, e no delicado trabalho de iluminação, explorando-se os contrastes entre luz coada e jorro luminoso.

Tostões, Ana 1997

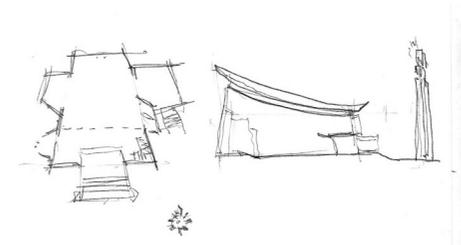


A igreja de **S. Martinho de Cedofeita** (Porto), apresenta esta mesma ideia de convergência sobre o altar sugerida pela inclinação das paredes laterais. Ao mesmo tempo, é também representativa de uma outra tendência – o desenvolvimento da área presbiterial ao longo de toda a largura do templo.

Simultaneamente com a ideia de tenda, há, nas linhas arquitectónicas, um simbolismo de “convergência e ascensão a perder-se no infinito” (...) Com efeito o arco do toldo acentua-se no sentido ascendente sobre o altar-mor, e as paredes laterais convergem também, sendo o templo mais largo na fachada principal que no lugar do santuário.

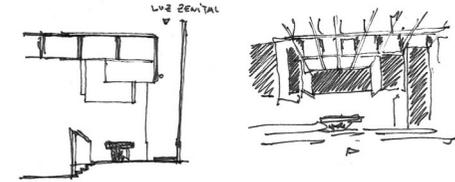
Gonçalves, Manuel 1972

O espaço principal desta igreja tem um carácter unitário muito vincado, expresso na ideia de contentor único que alberga a assembleia e o presbitério. A cobertura é constituída por uma laje de betão abaulada, apoiada em oito pilares. A sua leitura destaca-se das paredes laterais graças à introdução de um rasgo contínuo, ao longo do limite periférico, que permite a iluminação do interior da nave. Por cima do presbitério, o tratamento plástico da cobertura sofre uma alteração: o baixo-relevo raiado cofrado é interrompido pela colocação de lâminas pré-fabricadas em betão, em jeito de sanefa constituída por “franjinhas” suspensas. Estas são responsáveis pela introdução de uma luz rasante sobre a parede presbiterial, principalmente ao final da tarde, já que o presbitério está orientado a poente. Ao nível da caracterização da parede, esta sofreu várias alterações até à solução que hoje podemos encontrar: à frente da parede do fundo da igreja foi erguido um conjunto de muros revestidos a pedra clara que contrastam com o escuro das paredes de betão aparente. Estes muros, apesar da sua materialidade pétreo, sugerem a ideia de cenário, pela ligeireza e modo como são tratadas as diferentes superfícies, parecendo folhas dobradas. O conjunto escultórico de Júlio



Resende, representando a cruz e Cristo em Ascensão, juntamente com o altar, cadeira e ambão de Zulmiro de Carvalho, contribui para a caracterização cenográfica deste espaço, introduzindo, pela sua localização, uma ligeira assimetria num espaço de clara organização simétrica.

Na igreja da **Na. Sra. da Boavista** (Porto) o presbitério desenvolve-se ao longo do lado maior da igreja, tal como acontece na igreja do Sagrado Coração de Jesus (Porto). A sua separação é conseguida através da sucessão de três degraus suaves ao longo de toda a frente. A profundidade não ultrapassa os seis metros, enquanto que a sua frente se estende por aproximadamente doze metros. Esta relação de profundidade/frente coloca a zona presbiterial em grande proximidade com a comunidade. Esta ideia de “participação” expressa pela abertura do presbitério é reforçada com o desenho da cobertura da nave. O pé direito, de aproximadamente seis metros, é constante em toda a igreja sendo o tecto constituído por uma modelação de caixotões rectangulares justapostos, em betão. Na zona presbiterial houve um tratamento especial. A modelação foi interrompida dando origem a um jogo de lâminas, paralelas e perpendiculares à direcção da nave, que convergem sobre a parede do fundo do presbitério. O limite posterior do presbitério foi dotado de uma iluminação natural zenital, por meio de uma clarabóia que introduz uma luz natural rasante sobre o muro. Esta parede, de igual tratamento a todas as outras, ganha protagonismo pela incidência de luz natural não filtrada, pondo em evidencia a ténue textura resultante da cofragem do betão aparente, realizada com tábuas de madeira (com 10 a 15cm de largura), e dando destaque à imagem de Cristo crucificado do séc. XVIII. A pavimentação do presbitério em mármore branco, que difere da madeira que reveste a área dos fiéis, reflecte a luz introduzida pela clarabóia. A introdução de uma luminosidade



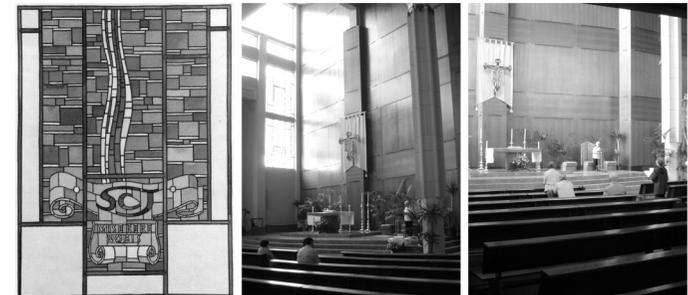
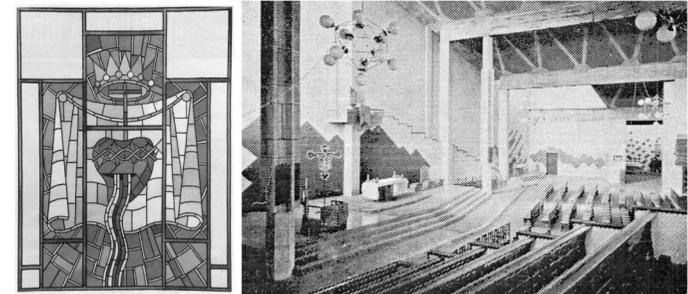
diferente no espaço de assembleia, filtrada por grandes vitrais em tons de azul e rosa, contribui de um modo significativo para a distinção das duas partes constituintes da igreja: presbitério e assembleia.

Apesar de um mesmo princípio de composição, no caso da igreja do **Sagrado Coração de Jesus, Carvalhido** (Porto), a diferenciação da zona presbiterial não resulta de um jogo tão cenográfico e intimista como na igreja da Na. Sra. da Boavista (Porto). A parede de fundo do presbitério é simplesmente rebocada, com aplicações de revestimentos cerâmicos, reflectindo a atitude de despojamento sugerida pelo Concílio Vaticano II. A iluminação do presbitério e da nave é assegurada por um grande vão à mão direita do altar. A cobertura inclinada tem a sua zona mais elevada sob a zona do altar, o seu pé direito de aproximadamente 12m confere-lhe monumentalidade, sublinhada pela existência de dois pilares, tal como se pode ler na memória descritiva do autor:

Santuário – Encontra-se em franca comunhão com a assembleia, sendo no entanto a sua diferenciação acentuada pela intensificação da luz e pela existência de dois pilares que lhe definem enquadramento.

Cunha, Luís 1972

Todo este conjunto, despojado de decoração, conduziu recentemente a uma intervenção pedida pela comunidade ao autor do projecto. A reestruturação consistiu, para além da reorganização das peças do presbitério, no revestimento a painéis de madeira de toda a parede de fundo, que assim reforçou o estatuto diferente em relação a todas as outras. Esta opção tornou o espaço muito mais encerrado e escuro, perdendo o impacto que a parede clara e despida sugeria, com a introdução de luz natural. O grande vão foi suporte para a colocação de um vitral de carácter simbólico e figurativo, também da autoria do arquitecto.

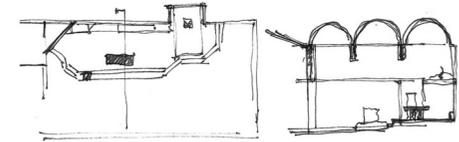


Ainda dentro da mesma lógica de localização espacial podemos encontrar o presbitério da igreja de **Sta. Joana Princesa** (Aveiro). A composição deste é talvez emblemática, na medida em que reduziu o presbitério a um simples estrado elevado.

A cobertura não sofre qualquer tipo de tratamento especial na zona presbiterial, mantendo-se o esquema de sequência de abóbadas transversais à sala de culto, com um pé direito de aproximadamente quatro metros. Estas estruturas em betão pré-fabricadas são iluminadas pelas extremidades, sendo as suas superfícies interiores revestidas a pinturas de elementos simbólicos e iconográficos da cultura cristã (explicados numa publicação aquando da polémica benção da igreja a 19 de Setembro de 1976), realizadas numa gama viva de cores.

Ao nível da caracterização do pavimento, também, não existe qualquer tipo de distinção, mantendo-se o revestimento em alcatifa castanha somente substituído por madeira de mogno envernizado no revestimento dos degraus do presbitério. É curioso que, apesar deste presbitério se reduzir à ocupação de uma simples faixa, o seu limite foi desenhado por uma linha quebrada, introduzindo dinamismo num espaço claramente definido por uma grelha ortogonal.

Talvez a situação mais peculiar esteja na definição da parede de limite do presbitério. Neste caso, uma estranha distribuição funcional levou à integração da instalação sanitária da sacristia num volume perceptível no interior da nave, ainda que este volume corte a leitura do ângulo de 90° no presbitério, introduzindo uma direcção a 45° no sentido de convergência sobre o altar. Desta parede com reboco texturado pintada a azul claro (originalmente a cinza), vale ainda a pena referenciar a existência de um pequeno conjunto de vitrais e um tríptico policromado da autoria do arquitecto, que remetem uma vez mais para o universo simbólico figurativo.



A igreja de **Sta. Eufémia** (Leiria) apresenta uma planta de desenvolvimento longitudinal, num volume de duas águas, ocupando o presbitério uma das extremidades deste volume. Apesar da ideia de “caixa encerrada” estar presente, a leitura volumétrica interior é fragmentada no momento da introdução do presbitério. Este ganha autonomia e destaque graças aos vazios, por vezes preenchidos por janelas, que dão origem a uma leitura de muros independentes, responsáveis, em parte, pela leitura assimétrica da área presbiterial. Os panos de parede branca que acompanham a nave dos fiéis são interrompidos, dando origem a outras superfícies, ora rebocadas e pintadas, ora revestidas a tijolo. A parede do fundo do presbitério, com reboco areado e pintado de bege, foi suporte para a aplicação de um vitral que reutiliza borras de vidro da Marinha Grande, fazendo a integração do artesanato regional na obra.

Ao nível do pavimento assiste-se a uma mudança de material, sendo cerâmico amarelado (de 10x10cm) na nave dos fiéis e de lajeado de mármore escuro no presbitério. A diferença de cotas é ultrapassada por três degraus, sendo o cobertor do primeiro degrau mais profundo que os restantes, permitindo a distribuição da comunhão naquele primeiro nível. Sobre a plataforma presbiterial elevada 45 cm, sobrepõe-se uma outra de apenas 10 cm, revestida a mármore branco. É sobre esta última que se distribuem as peças que compõem o presbitério: altar, ambão, cruz e cadeiras presidenciais.

Nesta obra, foi graças à cor e à diferenciação material que se conseguiu uma clara distinção da zona presbiterial e da assembleia, mesmo que ao nível da cobertura esta seja de altura constante e caracterizada de igual modo: tecto em aglomerado de cortiça escuro com iluminação artificial embutida.



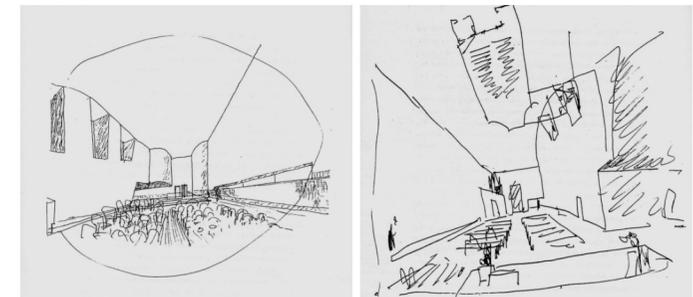
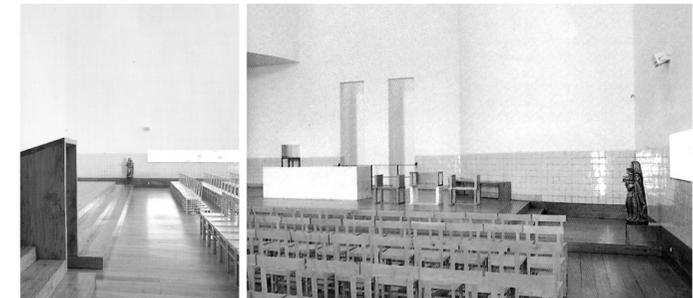
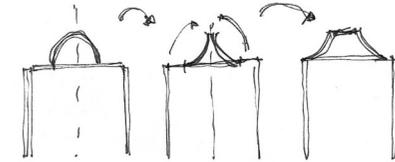
Na igreja de **Sta. Maria do Marco de Canaveses** (Porto), a unidade espacial expressa na ideia de contentor uno é tão forte que se torna necessário um olhar atento para que não se desvalorizem as diferenças que caracterizam cada uma das unidades espaciais. A partir de uma leitura volumétrica torna-se evidente a diferenciação da zona presbiterial, sugerida pela simetria apontada pela introdução de duas paredes curvas. As convexidades introduzidas no interior da nave podem ser interpretadas como um exercício de redesenho e “desconstrução” da cabeceira tradicional. Esta nova composição de formas, que agrega a parede plana rasgada por dois pequenos vãos, transmite a ideia de convergência que a abside sugeria, e ao mesmo tempo, a abertura.

A diferenciação ao nível do uso da cor e material torna-se mais difícil, pois o branco inunda toda a nave e o soalho em madeira é constante tanto na zona dos fiéis como dos presbíteros. Contudo, existe uma mudança de direcção na aplicação do soalho em madeira, sendo este aplicado no sentido do percurso para o altar, na assembleia, e transversalmente, no presbitério. O limite do presbitério é definido pela sequência habitual de degraus que desenhavam uma simples linha paralela à colocação do altar e da disposição dos assentos da assembleia, ou seja: uma fronteira perpendicular ao percurso cerimonial.

A igreja de **Sto. António de Moscavide** (Lisboa), reflecte o cruzamento de arquitectura religiosa de vinco internacional com uma tipologia tradicional nacional, dando origem a uma planta em T.

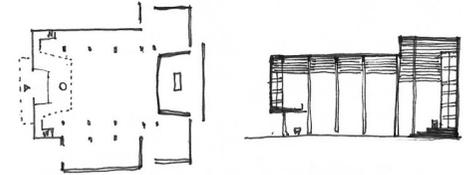
A planta quase quadrada, com três braços muito largos, aproxima-se do espírito basilical de “planta centralizada” e sugere uma estreita proximidade entre os fiéis e o altar.

Tostões, Ana 1997



Nesta situação, o presbitério ocupa a posição central resultante da intersecção dos dois eixos, o longitudinal e o transversal, podemos dizer que o presbitério ocupa a posição do cruzeiro. Esta situação é caso de destaque no panorama da arquitectura sacra portuguesa, pois foi a primeira igreja em que o presbitério avançou de modo tão evidente sobre a zona dos fiéis, ficando a plataforma presbiterial envolta pela assembleia em três dos seus lados. Contudo, não existem percursos pelo centro do transepto que acedam ao presbitério, sendo esta plataforma acessível unicamente pela escadaria voltada para a nave central. Para acentuar o destaque da zona presbiterial existe um ressalto da parede do fundo, que deu origem a duas janelas laterais que iluminam intensamente a parede revestida a pedra aparelhada de corte geometrizado. Este tipo de caracterização, que evidencia a parede do presbitério, atribuindo-lhe o carácter de excepção, é também possível de encontrar em grande número de igrejas, como podem ser exemplo a igreja de S. Bernardo (Aveiro) e a igreja Sta. Maria do Barreiro (Lisboa).

A leitura do corte longitudinal e transversal da igreja de Moscavide permite ainda identificar a elevação da cobertura no ponto de cruzamento do transepto com a nave, dando origem a uma janela cleróstica, que contribui para uma iluminação mais intensa sobre o presbitério. É de destacar ainda o plano suspenso em jeito de “baldaquino” sobre o altar, da autoria do pintor José Escada, que contribui, a par da introdução da luz natural, para uma caracterização cenográfica daquele pólo da igreja. Apesar de uma integração da nave dos fiéis, existe uma evidente preocupação numa caracterização de excepção da zona presbiterial, reforçando assim a sua autonomia.



- 1 e 2 | igreja de Santo António de Moscavide (Lisboa, 1953-1956, João de Almeida, António Leal)
 3 | igreja de São Bernardo (Aveiro, 1958-1966, Fortunato Cabral)
 4 | igreja de Santa Maria, Barreiro (Barreiro, 1960-1962, Joaquim Padrão)

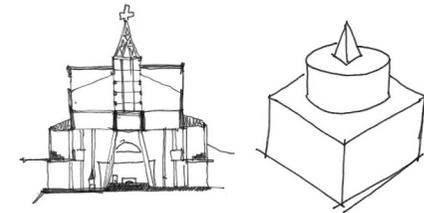
Na igreja de **Cristo Rei da Portela** (Lisboa), o presbitério adquire um protagonismo ímpar dado o carácter monumental resultante da utilização de um baldaquino com zimbório que coroa a plataforma presbiterial e da planta quadrada inserida num espaço de planta central.

Situado exactamente no centro geométrico da igreja, o presbitério é acessível por três dos seus lados, sendo o quarto ocupado por um muro que delimita a capela da adoração do Santíssimo. Embora acessível pelos três lados, há uma clara ênfase de um deles, sendo este o que parte da frente do altar em direcção à porta principal. Deste lado, o acesso à plataforma do presbitério é feito por uma escadaria mais larga que nos restantes dois lados, em que a largura da escada se reduz ao enfiamento do alinhamento da colocação dos bancos.

O pé direito da igreja é variável, assistindo-se a um aumento sucessivo à medida que se aproxima o centro da composição, pontuado pelo baldaquino. As suas quatro colunas em betão pintado de castanho adquirem um especial valor simbólico, sendo cada uma delas base para a representação escultórica dos quatro evangelistas: um anjo para S. Mateus, um leão para S. Marcos, um touro para S. Lucas e uma águia para S. João. A existência de um tambor circular representando cenas bíblicas, revestido a mosaico e iluminado com uma luz zenital, dá destaque à composição do espaço central, onde o presbitério é inundado por uma luz que desce sobre o altar pelo interior do baldaquino.

A sua localização, no lugar mais iluminado do edifício, deve ser como um “foyer” onde vêm convergir todas as perspectivas; a instalação de um zimbório por cima da mesa do altar ajudará talvez a sublinhar o seu carácter sagrado.

Klauser, Theodor 1956



038

casos de estudo

assembleia participante

XI - Seria errado articular o espaço da igreja de forma a fazer perder aos fiéis a consciência da celebração comunitária da liturgia. É preciso que a assembleia não perca de vista que é uma grande família. Seria igualmente errado suprimir o último recanto tranquilo onde os fiéis possam dedicar-se à oração individual.

A solução ideal seria uma igreja que dispusesse de mais de um lugar de culto, sendo um deles adaptado à assembleia dominical e aos dias de festa, enquanto um outro serviria à comunidade dos fiéis da semana. Além disso tal igreja ofereceria cantos de oração personalizados adaptados às necessidades da sua devoção.

Klauser, Theodor 1956

A assembleia constituída pelo povo de Deus tem a sua expressão máxima na celebração da eucaristia dominical, onde ganha consciência da diversidade e dimensão que a caracterizam enquanto *ekklesia*.

*8. O Domingo é o dia de festa primordial, fundamento e núcleo de todo o ano litúrgico. Percebido na totalidade dos seus significados e das suas implicações, ele é, de algum modo, síntese da vida cristã e condição para a viver bem».(...) É importante por isso que se reunam, para exprimir plenamente a própria identidade da Igreja, a *ekklesia*, a assembleia convocada pelo Senhor ressuscitado. A celebração eucarística é, de facto, o coração do domingo. O carácter próprio da Missa dominical e a importância de que esta se reveste para a vida cristã exigem que ela seja preparada com especial cuidado, de modo a que seja sentida como uma epifania da igreja e se distinga como celebração alegre e canora, mobilizadora e participada).*

*Ano da eucaristia: Sugestões e propostas
Vaticano 2004*

O modo como a assembleia se agrupa e se distribui dentro do espaço sagrado é uma forma evidente e representativa da sua organização e estrutura comunitárias.

A ocupação do espaço destinado aos fiéis não é feito ao acaso. Já não estamos

perante a situação em que as pessoas se distribuíam pela igreja de acordo como o seu sexo e idade, ainda que seja possível identificar nalguns meios esta divisão, ocupando os homens sistematicamente as primeiras filas do lado direito do altar e as mulheres os bancos de trás. Hoje, é a liberdade de escolha que dita o lugar de cada um dentro da igreja. Ainda que esta escolha seja da responsabilidade individual, sentiu-se da parte da igreja o convite a uma maior proximidade do altar, justificada pela maior participação colectiva que possibilita.

11. Para assegurar esta eficácia plena, é necessário, porém, que os fiéis celebrem a Liturgia com rectidão de espírito, unam a sua mente às palavras que pronunciam, cooperem com a graça de Deus, não aconteça de a receberem em vão. Por conseguinte, devem os pastores de almas vigiar por que não só se observem, na acção litúrgica, as leis que regulam a celebração válida e lícita, mas também que os fiéis participem nela consciente, activa e frutuosa. (...)

14. É desejo ardente da mãe Igreja que todos os fiéis cheguem àquela plena, consciente e activa participação nas celebrações litúrgicas que a própria natureza da Liturgia exige (...)

34. Brilhem os ritos pela sua nobre simplicidade, sejam claros na brevidade e evitem repetições inúteis; devem adaptar-se à capacidade de compreensão dos fiéis, e não precisar, em geral, de muitas explicações.

Concílio Vaticano II, Sacrosanctum Concilium

039

Dentro do espírito do Concílio Vaticano II, a chamada de todos e cada um à mesa eucarística é uma proposta que visa o alcance máximo da *força expressiva, especialmente na comunhão eucarística, momento de plena participação no mistério celebrado*, tal como foi sugerido pela Congregação para o Culto Divino e a disciplina dos Sacramentos a propósito do Ano da Eucaristia (2004). Ora o esquema de desenvolvimento longitudinal, quando demasiado extenso, tende a afastar excessivamente os presentes nas últimas filas, contrariando a lógica de uma aproximação ao centro da celebração: o altar. Daí que tenham sido concebidas igrejas que propunham um redesenho da nave dos fiéis, respondendo

à ideia de uma *assembleia concelebrante*, ainda que hoje este conceito seja discutido e polémico.

42. (...) a comunidade não está capacitada para dar-se por si só sem o ministro ordenado. Urge a necessidade de um interesse comum para que se evitem todas as ambiguidades nesta matéria e se procure o remédio das dificuldades destes últimos anos. Portanto, somente com precaução, faça-se acabar com termos do tipo: «comunidade celebrante» ou «assembleia celebrante», em equivalentes em outras línguas vernáculas: «celebrating assembly», «assemblée célébrante», «assemblea celebrante», e outros termos deste tipo.

Instrução - Redemptionis sacramentum
25 de Março de 2004

O desenvolvimento de igrejas rectangulares, em que o altar se localiza sobre o seu lado maior, e de outras de matriz orgânica, em que a assembleia se dispõe segundo um trapézio/concha que converge sobre o altar, reflectem bem tal pensamento. O esquema de planta central reforça também esta ideia de comunhão participada, embora se revele pouco funcional quando aplicada à escala da igreja paroquial.

A visibilidade e comodidade de quem participa nas celebrações foi e é preocupação permanente. A disposição da assembleia sobre um plano ligeiramente inclinado que conflui sob o altar, em jeito de anfiteatro, permite um melhor olhar sobre o ritual que é também celebrado visualmente.

Numa perspectiva de aumento da capacidade das igrejas foram criadas, nalguns casos, galerias superiores, bem diferentes do coro alto que prevaleceu na história depois de introduzido na arquitectura religiosa portuguesa no final do período gótico. Trata-se sim de um espaço destinado à assembleia, num segundo nível, que permitiu às igrejas abandonar o desenvolvimento excessivo no sentido

longitudinal. Partindo do modelo de coro localizado no fundo da igreja desenvolveram-se outros tipos, em forma de L e U, que abraçam e se debruçam em jeito de balcão sobre a zona presbiterial. Como consequência directa da criação das galerias, a igreja passou a oferecer uma maior diversidade espacial, dispondo de espaços com identidades diferenciadas, ora cobertas ora descobertas, umas elevadas, outras ao nível do altar. Ainda que a justificação de visibilidade e capacidade sejam plausíveis, levantam-se problemas sobre o modo de participação desta segunda plataforma na própria celebração litúrgica. A distribuição da comunhão e o percurso solene a ela associada foram, em alguns casos, esquecidos, tendo de se recorrer a percursos de carácter secundário. A solução de adaptar o uso de galerias ao espaço sagrado é acusada de se aproximar excessivamente do modelo de cinema ou teatro. Aí, porém, a assembleia é colocada no papel de espectador, enquanto na eucaristia é chamada a ser participante!

311. O lugar destinado aos fiéis deve ser objecto de particular cuidado, dispondo de modo a permitir-lhes participar devidamente nas celebrações sagradas com a vista e com o espírito. Normalmente deve haver para eles bancos ou cadeiras. Reprova-se, porém, o costume de reservar lugares especiais para pessoas privadas. Estes bancos ou cadeiras, principalmente nas igrejas construídas de novo, estejam dispostos de tal modo, que os fiéis possam facilmente adoptar as atitudes do corpo requeridas para as diferentes partes da celebração e aproximar-se sem dificuldade da sagrada Comunhão.

Atenda-se a que os fiéis não somente possam ver quer o sacerdote quer o diácono e os leitores, mas também consigam ouvi-los comodamente, recorrendo aos meios da técnica moderna.

Instrução Geral do Missal Romano

Tal como vem indicado na Introdução Geral ao Missal Romano, a assembleia deve distribuir-se por cadeiras ou bancos. Tal escolha, aparentemente simples, pode ser vista como um modo de pensar a igreja, reforçando num caso a

dimensão individual e noutra a colectiva. A disposição dos assentos em concha em volta do altar acentua este carácter familiar. A única exigência prevista em relação aos assentos é que viabilizem a prática de gestos corporais, que são em si mesmo linguagem partilhada pela comunidade que celebra o sacramento de unidade.

O estar de pé confessa a liberdade filial que nos foi dada pelo Cristo pascal, que nos levantou da escravidão do pecado; o estar sentados exprime a receptividade de Maria que, sentada aos pés de Jesus, escutava a sua palavra; o estar de joelhos ou profundamente inclinados mostra a nossa pequenez perante o Altíssimo, diante do Senhor (Fil. 2, 10).

*Ano da Eucaristia: Sugestões e propostas
Vaticano 2004*

Ainda dentro do espaço destinado aos fiéis é reservada uma pequena área para a *schola cantum*, essencial para a animação das cerimónias litúrgicas. A área dedicada ao coro é variável, sendo de notar que num grande número de casos o coro alto foi mantido. Esta localização sobre a entrada, ainda que apareça em grande número de projectos, nem sempre é muito utilizada, salvo na existência de um órgão de tubos que obrigue à sua utilização. Nas restantes igrejas assiste-se a uma tendência de aproximação do coro à zona presbiterial. Por vezes, em alternativa a uma área especificamente desenhada e destacada, o coro ocupa simplesmente as primeiras filas da assembleia, saindo reforçada a ideia de pertença à comunidade, ainda que se possa revelar, nalguns casos, pouco funcional.

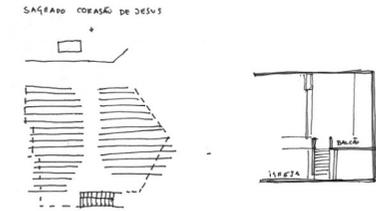
Tal como na época medieval as rosáceas pontuaram os coros altos e no barroco *janelões* introduziam a luz no interior das igrejas, também nas igrejas do séc. XX foram exploradas as capacidades deste recurso que é a luz, tão importante para a caracterização espacial. Podemos encontrar soluções muito diversificadas, desde

ambientes intimistas, em que a luz adquire um estatuto quase dramático, até ambientes inundados por uma luz difusa dentro de um espírito em que toda a comunidade é bem iluminada. Contudo, podemos identificar um conjunto de tendências, tais como a abertura de grandes vãos na traseira do espaço de culto ou ao nível do coro alto, em que a luz é filtrada por grelhas de composições geométricas, abertura de vãos laterais que põem em destaque as composições do presbitério, e até à adopção de clarabóias que introduzem iluminação zenital, pondo em evidência as texturas e os padrões dos materiais. Ao nível da iluminação artificial é também possível identificar diferentes escolhas de acordo com a natureza dos espaços propostos.

O tema da cobertura da assembleia foi explorado nas composições das igrejas deste período, estando o estudo relacionado, grande parte das vezes, com o enfatizar da área presbiterial. A exploração deste tema é bem evidente nas propostas das décadas de 60 e 70, em que composições orgânicas davam origem a complexos jogos de cobertura, com diferentes pendentes. A cobertura plana viria também a ser adoptada posteriormente, na sequência de um período em que o telhado de águas continuou a ter muito protagonismo na arquitectura sacra. Ainda relacionada com a cobertura aparece o tema do pé direito do espaço de culto. O modo como vemos o espaço, alto ou baixo, está relacionado com o equilíbrio dos restantes parâmetros: largura e profundidade. Assim sendo, podemos encontrar espaços que apontam para uma maior monumentalidade, enquanto outros seguem uma lógica de espaço familiar, tendo a verticalidade sido mais explorada nas igrejas de desenvolvimento longitudinal. O espaço unitário, desejado e sugerido pela reforma litúrgica, foi conseguido partindo desta grande diversidade que caracteriza o universo das possibilidades dos edifícios de excepção de que a igreja faz parte.

A igreja do **Sagrado Coração de Jesus** (Lisboa) revela uma série de novidades que vale a pena salientar. Apesar da geometria pouco regular do lote onde se insere, todo o desenho do espaço interior da igreja revela um grande controlo das diferentes direcções introduzidas no espaço, assim como reflecte um grande cuidado e atenção na distribuição dos diferentes pólos litúrgicos. A assembleia não foi ponto esquecido, apesar de num primeiro olhar pouco diferir da distribuição habitual das igrejas de desenvolvimento longitudinal, de que a igreja de Sta. Maria do Marco de Canaveses (Porto) ou S. Bernardo (Aveiro) podem ser exemplo. Aqui, o modelo composto por dois blocos de assembleia, de dimensões iguais, foi substituído por uma distribuição trapezoidal assimétrica que converge sobre o presbitério, abundantemente iluminado por uma grande clarabóia, situada na esquina das duas paredes que o confinam. Ao ser elevado, facilita uma boa visibilidade por parte da assembleia e os sete suaves degraus conferem-lhe solenidade e destaque sem o colocar como pódio (note-se a profundidade dos cobertores).

O percurso indicado pelo corredor central não conduz directamente ao altar. Nesta solução os percursos laterais foram valorizados: veja-se o tratamento da luz no espaço que se situa por debaixo do coro/balcão. O balcão desenvolve-se em forma de ferradura, permitindo um acréscimo de mais trezentos lugares sentados à lotação total de mil, que a igreja possui. Esta solução de balcão permite não afastar excessivamente os fiéis do altar, estando esta cota relacionada com o nível principal da igreja através de várias escadas. Vale a pena destacar a escada que começa junto do percurso central e valoriza a relação directa e a participação dos fiéis que se encontram no balcão.

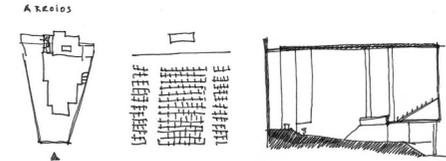


Esta ideia de integração e ligação com o nível da assembleia foi essencial para a não fragmentação do espaço de carácter unitário, dada a tão elevada capacidade da igreja (que já acolheu três mil fiéis!), num espaço com pé direito de aproximadamente 15 metros.

A igreja de **S. Jorge de Arroios** (Lisboa) desenvolve um sistema próximo do projecto da anterior igreja. A ocupação deste lote, num gaveto, deu origem a uma solução pouco habitual nos espaços de culto. Ao localizar o presbitério no lado interior do quarteirão e a entrada no extremo oposto, ou seja no gaveto, conduziu a uma planta em que o centro de convergência não corresponde ao altar. Nesta solução o balcão ganha ainda mais protagonismo e importância. Os mil lugares sentados distribuem-se quase equitativamente pela nave e balcão, que se assemelha a uma bancada de estádio de futebol. Sobressai o grau de inclinação e a caracterização dos assentos, onde foram suprimidos os genuflexórios. Por razões de visibilidade o presbitério foi muito elevado, ganhando o estatuto de “palco”. A distribuição da assembleia ao nível base da nave, é feita por cadeiras de plástico agrupadas em três sectores, que ao serem colocadas num plano ascendente sobre o altar, enfatizam a sua leitura monumental graças também ao elevado pé direito da igreja, anulando o tradicional percurso central. Todos estes dados contribuem para uma leitura do espaço sagrado diversa dos modelos mais tradicionais e conservadores, sendo que estes levantavam já desconfiança, como alertava a publicação *Arte moderna e Arte da igreja – critérios par julgar e normas de construção*.

Plano em Anfiteatro - Resolve muito bem o problema da visibilidade, mas tem o inconveniente de dar uma solução mesquinha ao santuário (...) dar a impressão de um teatro vulgar ou de um cinema.

Atanásio, Pe. Manuel Cardoso 1959



Na igreja do **Patronato de Mangualde** (Viseu), seguindo uma tipologia de organização em três naves abundantemente iluminadas, com cobertura de duas águas, podemos assistir a um esforço de integração do balcão no espaço da assembleia, tendo sido evitada a existência de grandes escadarias de acesso à tribuna em favor de uma articulação e percurso mais fluidos. Neste caso, o acesso ao balcão é realizado numa sequência progressiva de plataformas a diferentes cotas, sendo a traseira da nave ocupada por um piso intermédio, enquanto a nave lateral direita se eleva já em todo um piso, estando o espaço de culto como que abraçado por um balcão ascendente. Esta solução já havia sido experimentada na igreja paroquial do **Carvalhido** (Porto), tal como revela a memória descritiva do projecto.

Nave – É neste espaço e na sua articulação com o do santuário que se exprimem com maior clareza as intenções da liturgia renovadora. A nave é ampla e envolve o espaço reservado ao Santuário de modo a fazer dele o “ponto focal” do conjunto. É também unitária, pois a tradicional separação entre a nave e tribuna deixa de existir, pois esta começa ao nível daquela e eleva-se progressivamente, até se destacar como um pano independente. Pode-se, portanto, declarar com propriedade que a assembleia é uma.

Cunha, Luís 1967

A igreja **Paroquial de Ramalde** (Porto) reflecte bem a ideia de uma comunidade que converge sobre o altar, ideia esta sugerida pela planta semi-circular. A disposição da assembleia é feita em bancos organizados em seis sectores, preservando o eixo de percurso central, porta/altar. Esta situação de desenvolvimento de uma frente maior sobre a linha do presbitério, em preferência sobre o desenvolvimento longitudinal, reflecte a vontade de aproximação e participação da comunidade na liturgia, lançada pelo Vaticano II e resultante da reforma litúrgica.



1 e 2 | igreja do Patronato de Mangualde (Viseu, 1979-1986, Vasco Morais Soares)

3 | igreja do Sagrado Coração de Jesus, Carvalhido (Porto, 1967-1977, Luís Cunha)

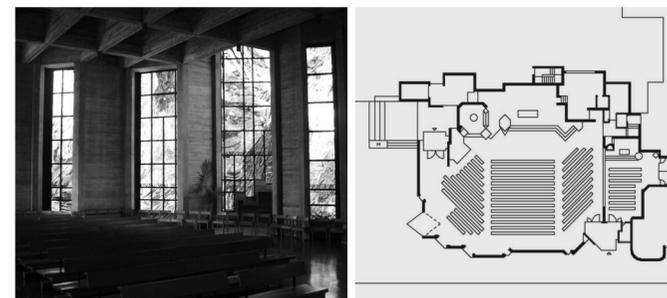
4 e 5 | igreja paroquial de Ramalde (Porto, 1990-2004, Vasco Morais Soares)

Ao introduzir esta igreja na análise, pareceu-me importante dar destaque ao seu carácter familiar e intimista sugerida neste espaço. É preciso não esquecer que estamos perante uma igreja com capacidade aproximada de quinhentos lugares sentados, distribuídos pela nave e pela tribuna. Apesar da existência desta, o coro ocupa uma posição um pouco controversa, localizando-se à cota base da igreja sobre a própria parede curva e estando, por isso, 'de cara voltada' para a comunidade.

O pé direito baixo, próximo dos seis metros, o revestimento do tecto em painéis de madeira clara, a cor amarelada do tijolo escolhido, os bancos que agrupam somente oito pessoas, a luz artificial introduzida pelos candeeiros pendentes desenhados e a luz natural, ora filtrada pelas lajes de alabastro, ora simplesmente introduzida por janelas e clarabóias, foram os ingredientes para a criação de um ambiente de acolhimento com evidentes referências nórdicas.

Este último dado é interessante na medida em que nos remete para o carácter universal do espaço sagrado. A igreja da **Na. Sra. da Conceição** (Lisboa) traz-nos à memória os espaços japoneses: vejam-se os painéis de correr em madeira, a introdução de luz no interior através de pátios com jardins encerrados ou a partir de superfícies translúcidas.

A ideia de comunhão na igreja da **Na. Sra. da Boavista** (Porto) foi conseguida optando pela distribuição dos seiscentos lugares sentados da assembleia a uma só cota. O coro faz igualmente parte deste espaço, estando localizado à mão direita do altar, voltado de frente para este. Todo este espaço dedicado à assembleia desenvolve-se transversalmente ao altar. A localização dos bancos reforça esta ideia, ainda que no projecto original os bancos estivessem dispostos



1 a 3 | igreja de Nossa Senhora da Conceição, Olivais (Lisboa, 1980-1988, Pedro Vieira de Almeida)
4 e 5 | igreja da Nossa Senhora da Boavista, Foco (Porto, 1975-1981, Agostinho Ricca)

em trapézio aberto para o presbitério, não existindo um percurso central em relação ao altar. A assembleia goza de um carácter duplo, resultante do contraste da penumbra das superfícies em betão e da luz introduzida pelo vão de maior dimensão rasgado na área dos fiéis. A luz natural, filtrada pelo vitral da autoria de Júlio Resende, a par da iluminação artificial colocada na intersecção dos eixos que definem os caixotões da cobertura, dotam o espaço de uma grande diversidade de jogos de luz, seja a celebração realizada de dia ou de noite.

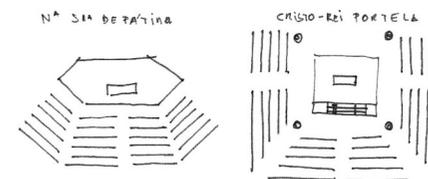
Se o desenvolvimento da assembleia transversal ao altar já demonstra um pouco a vontade de aproximação da comunidade ao presbitério, outras organizações há que o transmitem de uma forma muito mais evidente.

Na igreja de **Na. Sra. Fátima** (Aveiro), com núcleo central de planta hexagonal, a assembleia dispõe-se em torno do altar, segundo linhas paralelas àquela definida pela frente do presbitério - neste caso uma linha trapezoidal. É de notar que o presbitério surge muito pouco elevado, solução possibilitada graças ao plano ligeiramente inclinado para o altar, onde os bancos assentam.

Seguindo a mesma lógica de disposição, na igreja do Sagrado Coração de Jesus (Viseu) a planta, em jeito de quarto de círculo, conduziu a disposição da assembleia em arcos de circunferência convergentes sobre o altar.

Em ambas as pequenas igrejas, a cobertura inclinada possibilitou a introdução de luz sobre o presbitério, sendo a forma de iluminação mais significativa nos dois projectos.

Na sequência destes exemplos poder-se-iam enumerar os de organização central, em que a assembleia quase envolve todo o presbitério, como acontece na igreja de **Cristo-Rei da Portela** (Lisboa).



1 e 2 | igreja de Nossa Senhora de Fátima, Mamodeiro (Aveiro, 1968, Luís Cunha)

3 e 4 | igreja de Cristo-Rei, Portela de Sacavém (Lisboa, 1981-1992, Luís Cunha)

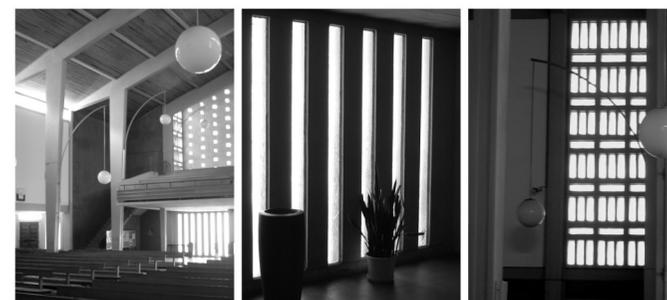
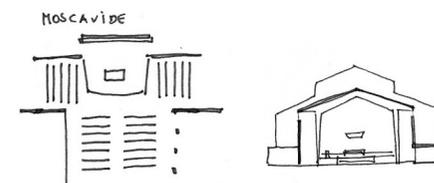
A assembleia dispõe-se em torno do altar, num espaço rico, universo de símbolos e significados. Necessidade da criação de um ambiente envolvente, um espaço pontuado... que se afaste do ideal "Minimal" que em arte tem a sua expressão. Mas o povo não sente a arte assim porque as superfícies grandes e vazias suportam-se de longe, mas de perto necessitamos de superfícies vibrantes.

Cunha, Luís 1998

Na igreja de **Sto. António de Moscavide** (Lisboa), o presbitério é igualmente envolto pela assembleia disposta em bancos, como já referido no módulo anterior. O extremo oposto ao altar é ocupado pela tribuna do coro que cobre a entrada e pia baptismal. A luz, nesta parede, é fortemente explorada, quer ao nível do rés-do-chão através de um conjunto de frestas verticais, quer ao nível do coro com a introdução de uma composição geométrica pontuada por buracos de luz e vãos verticais preenchidos por grelhas pré-fabricadas em betão. A utilização de grelhas/módulos pré-fabricados sobre a fachada principal generalizou-se, podendo ser visível nas fachadas das igrejas de Águas de Penamacor, de S. Bernardo (Aveiro) e de Sta. Eufémia (Leiria).

Na igreja de Moscavide a luz difusa é também conseguida graças à abertura de rasgos horizontais ao longo da nave, junto à cobertura, que dão destaque ao tecto revestido com um reguado de madeira. O rasgo deste tipo de vãos nas igrejas difundiu-se pelas obras deste período, dando origem a modelos diversificados, como são exemplo os das igrejas de Águas de Penamacor, de S. Bernardo (Aveiro) e da igreja de S. José (Coimbra) ainda que numa variante.

Ao nível da caracterização da nave dos fiéis é ainda de destacar a importância dada aos espaços vazios para deambulação - naves laterais e entrada - representando estes uma área significativa no global da igreja.



1 a 3 | igreja de Sto. António, Moscavide (Lisboa, 1953-1956, João de Almeida, António Leal)

4 | igreja de São José, Solum (Coimbra, 1955-1957, Álvaro da Fonseca)

5 e 6 | igreja de São Bernardo (Aveiro, 1958-1966, Fortunato Cabral)

A adopção do sistema construtivo de muros portantes e uma linguagem minimal mas cheia de significado, permitiu realizar na igreja de **Sta. Maria do Marco de Canaveses** (Porto) uma solução muito rica do ponto de vista espacial, que adquiriu carácter de excepção no panorama da produção arquitectónica portuguesa. A nave reduziu-se à ideia de contentor, um espaço onde vigas e pilares parecem não existir, criando uma atmosfera que remete para o abstracto, onde tudo parece composto por simples superfícies.

A nave é uma caixa cuja simetria é quebrada por esta parede que permite, desde logo, criar profundidade aos três janelões de luz abertos na sua parte superior. Desta forma, a luz que vem lá do alto não é directa nem excessiva. A densidade do espaço sagrado é favorecida por esta parede grávida de Mistério.

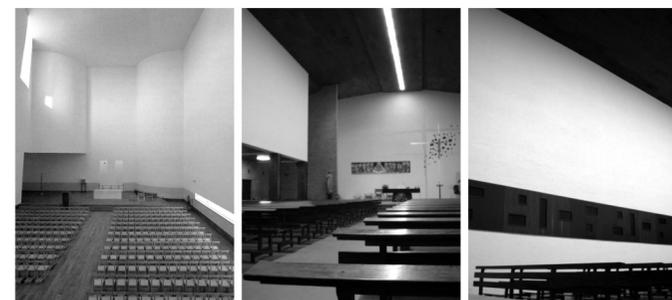
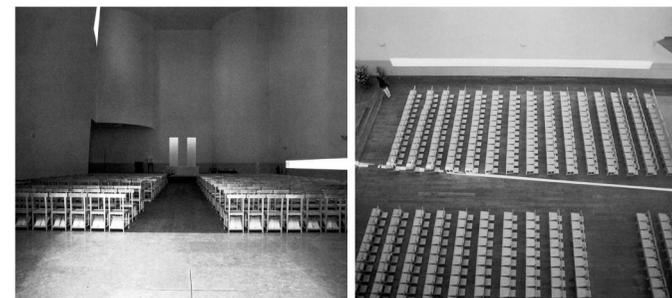
Higino, Nuno 1997

A excepção está também presente na abertura da grande janela ao nível dos olhos dos fiéis. Um gesto ao jeito do “movimento moderno”, que abre a igreja ao mundo exterior, porque a igreja quer ser, simultaneamente, espaço de refúgio e encontro, mas não de alienação. Esta janela rivalizava assim com o monopólio de séculos da porta enquanto símbolo de abertura ao exterior! A ideia de comunidade participativa não foi sublinhada nesta igreja, recorrendo às formas que surgiram em jeito de resposta aos desafios lançadas pelo Vaticano II. A unidade comunitária sai reforçada pelo valor do conjunto formado pelo individual, representado aqui com a ordenada colocação de aproximadamente 400 cadeiras especialmente desenhadas, com genuflexórios incluídos.

A solução de compromisso (também expressa no projecto da igreja de Sta. Eufémia (Leiria)), no sentido de uma reinterpretação da tradição, retomando a planta de desenvolvimento longitudinal (um modelo que parecia já esgotado no período dós conciliar), revela esforço e desafio.

Neste ambiente, ainda de dúvida e debate sobre a organização do espaço religioso, não me parece nem legítimo, nem tão pouco frutífero, praticar uma “tabula rasa” sobre o passado, sobre toda a história presente no espaço de uma igreja.

Siza, Álvaro 1998



1 a 3 | igreja de Santa Maria, Marco de Canaveses (Porto, 1989-1996, Álvaro Siza)

4 e 5 | igreja de Santa Eufémia (Leiria, 1960-1968, João Pedro Mota Lima)

o altar como centro da eucaristia

296. O altar, em que se torna presente sob os sinais sacramentais o sacrifício da cruz, é também a mesa do Senhor, na qual o povo de Deus é chamado a participar quando é convocado para a Missa; o altar é também o centro da ação de graças celebrada na Eucaristia.

Instrução Geral do Missal Romano

O sentido e função do altar estão enraizados na cultura bíblica. Podemos vê-los descritos no velho e no novo testamento, segundo concepções bem distintas: da ara sacrificial à mesa do banquete eucarístico.

Erigir-Me-ás um altar de terra sobre o qual oferecerás os teus holocaustos e os teus sacrifícios pacíficos, as tuas ovelhas e os teus bois. (...) Se Me erigires um altar de pedras, não o construirás de pedras trabalhadas, porque tocando as pedras com o ferro, profaná-las-ás.

Ex 20, 24-25

E, quando se Pôs à mesa, tomou o Pão, pronunciou a bênção e, depois de o partir, entregou-lho.

Lc 24, 30

Contudo, o significado do altar não se esgota nas referências ao sacrifício e ao banquete do povo de Deus, é também:

VII (...) ao mesmo tempo o lugar da epifania eucarística de Deus entre nós. Uma vez que o Homem-Deus se torna presente sobre o altar pela consagração, o altar – mesmo o altar sem tabernáculo – torna-se o trono de Cristo. Porque é o trono de Cristo os antigos viam nele o símbolo de Cristo, pois o trono é símbolo do soberano.

Klauser, Theodor 1956

É esta presença de Cristo sobre a mesa do altar, “*Altare es Christus*”, que lhe atribui a unicidade e a singularidade d’Aquele que é *Pedra Angular* e *Pedra Viva*.

Edificados sobre o alicerce dos Apóstolos e dos profetas com Cristo por Pedra Angular
Ef 2, 20

De facto todos bebiam de um rochedo espiritual que os seguia, que era Cristo.
1 Cor 10, 4

Assim sendo, na celebração eucarística o altar é centro da Igreja reunida que comunga o sacramento de unidade em comunidade. Ora, quando este ocupa o centro geométrico da sala, remete-nos para a problemática do significado da organização central no espaço sagrado. A tradição ditou-o orientado, onde a própria celebração implica ritos marcados pelo movimento e percursos segundo eixos entre diferentes pólos litúrgicos. Por isso mesmo, a localização central do altar pode ser considerada uma solução redundante.

No capítulo V da introdução geral ao Missal Romano podemos encontrar todas as indicações existentes sobre a composição e disposição do presbitério para a celebração litúrgica - o altar e o seu adorno, de acordo com a lógica segundo a qual edifício e objectos sagrados devem ser dignos e belos como sinais e símbolos das realidades celestes.

301. Segundo um costume e um simbolismo tradicional da Igreja, a mesa do altar fixo deve ser de pedra natural. Contudo, segundo o critério da Conferência Episcopal, é permitida a utilização de outros materiais, contanto que sejam dignos, sólidos e artisticamente trabalhados. O suporte ou base em que assenta a mesa pode ser de material diferente, contanto que seja digno e sólido. O altar móvel pode ser construído de qualquer material nobre e sólido, adequado ao uso litúrgico, segundo as tradições e costumes de cada região.

302. *Mantenha-se oportunamente o uso de colocar sob o altar que vai ser dedicado relíquias de Santos, ainda que não sejam Mártires. Mas tenha-se o cuidado de verificar a autenticidade dessas relíquias.*

303. *Na construção de novas igrejas deve erigir-se um só altar, que significa na assembleia dos fiéis que há um só Cristo e que a Eucaristia da Igreja é só uma. Nas igrejas já construídas, quando nelas existir um altar antigo situado de tal modo que torne difícil a participação do povo, e que não se possa transferir sem detrimento dos valores artísticos, construa-se com arte outro altar fixo, devidamente dedicado, e realizem-se apenas nele as celebrações sagradas. Para não desviar a atenção dos fiéis do novo altar, não se adorne de modo especial o altar antigo.*

304. *Pela reverência devida à celebração do memorial do Senhor e ao banquete em que é distribuído o Corpo e o Sangue de Cristo, o altar sobre o qual se celebra deve ser coberto ao menos com uma toalha de cor branca, que, pela sua forma, tamanho e ornato, deve estar em harmonia com a estrutura do altar.*

Instrução Geral do Missal Romano

No que toca às dimensões e forma do altar nada é dito neste documento. Contudo, alguns estudos apontam medidas de referência para um altar de forma rectangular, que é sem dúvida o mais divulgado na cultura cristã: altura 85-95cm, largura mais de 80cm, comprimento 150-250cm. Na tentativa de acentuar a relação altar/centro foram também projectados altares de tampo quadrado, possíveis de encontrar em algumas capelas. Apesar de conterem em si mesmos uma grande carga simbólica, revelaram-se pouco funcionais. A nível funcional é ainda de destacar a existência de uma mesa de apoio ao altar, a credência, localizada preferencialmente do lado direito do celebrante e que deve conter o cálice, a patena, o corporal, o sanguinho e o Missal .

Contudo, é na sequência das indicações lançadas no espírito da renovação litúrgica e trabalhadas pelo Concílio Vaticano II que foram registadas as alterações mais significativas sobre a zona presbiterial e o altar. O simples facto

de destacar o altar da parede do fundo, passando-o para um espaço amplo e mais próximo da comunidade, viria a condicionar de forma evidente toda a produção arquitectónica religiosa. Inaugurava-se assim uma nova prática, na qual o padre, *na pessoa de Cristo*, celebra de cara voltada para o povo de Deus, recorrendo à sua língua materna.

299. *Onde for possível, o altar principal deve ser construído afastado da parede, de modo a permitir andar em volta dele e celebrar a Missa de frente para o povo. Pela sua localização, há-de ser o centro de convergência, para o qual espontaneamente se dirijam as atenções de toda a assembleia dos fiéis. Normalmente deve ser fixo e dedicado*

Instrução Geral do Missal Romano

À mão direita do altar encontramos, por tradição o ambão. Esta peça, localizada portanto do lado do evangelho, é peça fundamental para o desenvolvimento da primeira parte da missa: a liturgia da palavra.

309. (...) *deve ser um ambão estável e não uma simples estante móvel. Tanto quanto a arquitectura da igreja o permita, o ambão dispõe-se de modo que os ministros ordenados e os leitores possam facilmente ser vistos e ouvidos pelos fiéis. Do ambão são proferidas unicamente as leituras, o salmo responsorial e o precónio pascal. Podem também fazer-se do ambão a homília e proporem-se as intenções da oração universal ou oração dos fiéis. A dignidade do ambão exige que só o ministro da palavra suba até ele. Convém que um novo ambão, antes de ser destinado ao uso litúrgico, seja benzedo segundo o rito que vem no Ritual Romano.*

Instrução Geral do Missal Romano

Com o cair em desuso do lado à mão esquerda do altar, o lado da epístola, ambas as leituras do Antigo e Novo Testamentos passaram a ser lidas a partir do lado esquerdo, na sequência do Concílio Vaticano II. Em alguns casos é colocada uma estante móvel, do lado direito, donde podem ser lidos outros textos, tais

como os rituais introdutórios. O ambão deve ser desenhado em equilíbrio com o altar, tendo sempre presente que é o altar o centro da composição e não devendo, por esse motivo, rivalizar com ele. Sendo a Palavra uma forma da revelação do Divino na Terra, em algumas igrejas o ambão avançou sobre o limite da zona presbiterial, sublinhando esta ideia de fronteira ultrapassada pela Palavra.

A representação de Cristo crucificado deve sempre marcar presença no ambiente celebrativo, pois é sinal da entrega e paixão de Deus que se fez Homem. Contudo, é de ter atenção às suas dimensões, não a transformando num monumento nem e reduzindo a proporções diminutas – está em causa a representação da grandeza de Deus!

Faz ainda parte da composição presbiterial o conjunto formado pelas cadeiras e assentos dos celebrantes.

310. A cadeira do sacerdote celebrante deve significar a sua função de presidente da assembleia e guia da oração. Por isso, o lugar mais indicado é ao fundo do presbitério, de frente para o povo, a não ser que a arquitectura da igreja ou outras circunstâncias o não permitam: por exemplo, se devido a uma distância excessiva se tornar difícil a comunicação entre o sacerdote e a assembleia reunida, ou se o sacrário estiver situado ao centro, atrás do altar. Deve, porém, evitar-se todo o aspecto de trono. É conveniente que a cadeira, antes de ser destinada ao uso litúrgico, seja benzida segundo o rito que vem no Ritual Romano. No presbitério, dispõem-se também assentos para os sacerdotes concelebrantes ou para os presbíteros que, vestidos com a veste coral, estão na celebração, mas não concelebram.

Coloque-se o assento do diácono junto da cadeira do celebrante. Para os outros ministros disponham-se os assentos de modo a distinguirem-se claramente dos do clero, e donde possam desempenhar facilmente as funções que lhes estão atribuídas.

Instrução Geral do Missal Romano

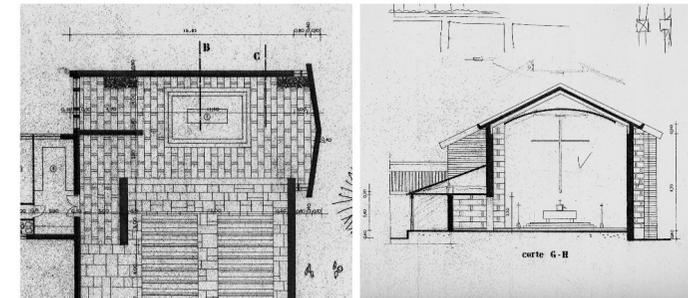
Seguindo as indicações do Missal, tem sido tema de atenção a localização dos assentos presidenciais. Ao desviar este conjunto do eixo definido pelo altar é evitada uma leitura errónea em que mesa eucarística seja considerada pertença daqueles que presidem à celebração. Se em muitos casos as soluções adoptadas visaram responder unicamente à necessidade funcional de dar assento a quem preside à celebração, outras há em que elas reflectem outras ordens de preocupações. Os modelos da cátedra que contornava o interior da abside nas primeiras basílicas foram, em alguns casos, fonte de inspiração para a realização de assentos presbiteriais fixos realizados no séc. XX.

Na igreja de **Sta. Eufémia** (Leiria), um grande período de discussão com o pároco local e teólogos levou à disposição dos elementos do presbitério numa lógica pouco tradicional, tendo sido desenhadas diversas propostas.

Na primeira versão, o altar surgia sobre um pódio isolado, colocado na plataforma presbiterial já por si elevada. Este conjunto era rematado com a colocação, a eixo da nave, de uma cruz com sete metros de altura, na parede de fundo do presbitério. O pódio rectangular era acessível de todos os lados sugerindo a possibilidade de diferentes modos de celebrar a eucaristia - de face, ou não, voltada para a assembleia.

No projecto construído, posterior ao Concílio, o altar manteve igual destaque. Sobre a escada de acesso ao presbitério nada mais se destaca do que a imagem de Nossa Senhora poisada em cima de um pequeno pedestal. Esta é a única imagem de veneração na igreja, e sua localização em nada rivaliza com a figura central celebrada na eucaristia (Instrução Geral do Missal Romano 318).

A inexistência de um ambão fixo, substituído por uma simples estante de leitura (colocada à mão esquerda do altar) e a escolha de assentos para a presidência de uma fina estrutura metálica (colocados à mão direita do altar) deram o destaque necessário à mesa eucarística. Para o pároco era claro o princípio de que *a mesa onde se fala é a mesa onde se come*, tal como aconteceu na Última Ceia, e que se encontra representada na parede do presbitério, numa tapeçaria moderna. Esta peça, juntamente com a cruz estilizada em alumínio com a representação de Cristo crucificado, também da autoria de Joaquim Correia, servem de pano de fundo ao presbitério, rompendo com a simetria que a planta de desenvolvimento longitudinal sugeria.



O sacrário encontra-se simplesmente poisado sobre a mesa do altar, constituído por uma bloco de pedra, com 30cm de espessura, assente sobre uma rocha proveniente das redondezas do lugar, do mesmo tipo da que serve de apoio à pia baptismal, junto à entrada da igreja. Tal como na igreja **Paroquial de Ramalde** (Porto), em que o tronco maciço, de câmbala-escura, deu origem ao altar e ao suporte da pia baptismal, estabelece-se aqui uma relação forte e simbólica entre estes dois pólos sacramentais: o do baptismo e o da eucaristia.

Na igreja da **Na. Sra. da Conceição** (Lisboa), é possível ler esta mesma vontade de destacar o altar como centro. Limitando a leitura ao presbitério, o ambão em madeira, a cruz processional e os assentos da presidência tornam-se quase imperceptíveis, num ambiente dominado pela presença da pedra calcária e do bloco de mármore maciço, poisado como se de um lintel se tratasse. Para reforçar esta ideia, a toda a largura do presbitério encontra-se uma tela representando a mesa da Última Ceia, pintada pelos paroquianos.

Na igreja do **Sagrado Coração de Jesus** (Lisboa), não se assiste a uma sobrevalorização de uma das peças que compõem o presbitério. Apesar de uma identidade material comum, a madeira, houve experimentação na disposição dos diferentes elementos no presbitério.

Ainda que num primeiro olhar pareça uma solução bastante simples, uma análise da colocação de cada um dos elementos ajuda a entender a complexidade subjacente à relação que estabelecem com a assembleia. O altar, contrariamente à grande maioria das situações, não é elemento de remate do percurso cerimonial. A rematar o percurso surge a Cruz, estando o altar colocado à sua



1 e 2 | igreja paroquial de Ramalde (Porto, 1990-2004, Vasco Morais Soares)
3 e 4 | igreja de Nossa Senhora da Conceição, Olivais (Lisboa, 1980-1988, Pedro Vieira de Almeida)

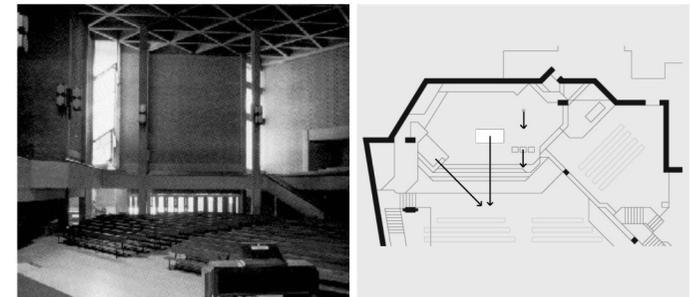
direita. O facto de o altar ser construído em madeira acarreta em si mesmo grande significado - a ideia de “mesa” encontra-se aqui mais fortemente materializada, em oposição à ideia de ara sacrificial! O ambão, à mão direita do altar, é talvez o ponto de maior inovação. Para além da sua colocação sobre os degraus, surge com uma rotação de 45° relativamente ao altar, introduzindo uma direcção diferente no espaço.

Note-se que num espaço de assembleia desenvolvido longitudinalmente e dividido por dois grandes sectores, o leitor do ambão está somente de frente para um deles, enquanto o padre, situando-se atrás do altar, ocupa uma posição central em relação a toda a assembleia, tal como acontece na igreja da Na. Sra. da Boavista (Porto). Ora, ao introduzir uma rotação do ambão, o leitor passa a estabelecer uma nova linha, oblíqua a toda a assembleia, tornando-o mais abrangente.

Do lado oposto ao ambão encontra-se uma estante móvel, de carácter secundário colocada ao nível do solene primeiro degrau.

O sacrário é elemento de grande destaque e dimensão, encontrando-se na esquina do edifício e iluminado por uma luz abundante, introduzida por uma grande clarabóia. Na mesma parede, ao fundo, localizar-se-iam os assentos presidenciais, ainda que hoje estes estejam colocados à mão esquerda do altar, mais próximos das escadas e, portanto, da comunidade.

Na igreja de Cristo-Rei da Portela (Lisboa), podem ser lidos exemplos das dificuldades possíveis de encontrar na organização e disposição do presbitério numa igreja de planta central.

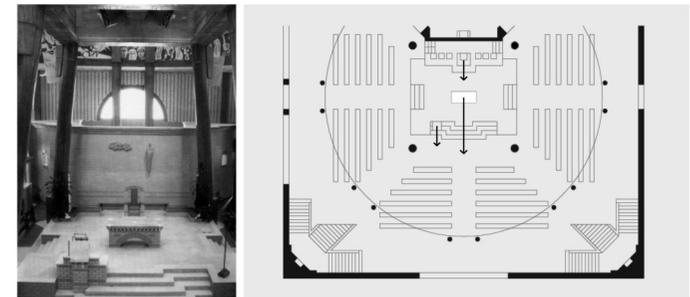


Se nos espaços de matriz rectangular há uma facilidade decorrente da forma, na procura do equilíbrio, na relação largura/ profundidade, o isolamento da plataforma presbiterial no espaço central torna o exercício de composição mais difícil, principalmente quando o desafio é levado ao extremo, colocando o altar no centro geométrico da sala. Como organizar o presbitério, na inexistência de um pano de fundo? O celebrante fica de costas para quem? A simetria é exigência obrigatória?

A igreja de **Cristo-Rei da Portela** (Lisboa), evidencia alguns destes problemas, sendo o da colocação do ambão um caso paradigmático. Este, seguindo a lógica mais explorada, avança sobre o altar, encontrando-se sobre o limite do presbitério. Como consequência, aproximadamente 1/3 da assembleia está situada atrás do leitor. O ambão, assim como o altar e cadeira presidencial, foram sujeitos a uma uniformização ao nível da linguagem e material, sendo o tijolo o elemento base para todos eles.

Ainda que haja unidade no conjunto, torna-se complicado entender qual o significado de “construir uma cadeira” da mesma forma que se ergue uma parede, que neste caso é ainda a mesma com que se materializa um altar ou um ambão. Contudo, este não é caso único no panorama português: também na igreja de S. Jorge de Arroios (Lisboa), podemos assistir ao betão pintado de azul sob as mais diversas formas, da pia baptismal à cadeira almofadada!

No caso da Igreja de Boi de Oبرا Covilhã (Guarda), existia a ideia inicial de criar um espaço de natureza polifuncional: sagrado e profano. Para isso era necessário a criação de um “presbitério amovível”, onde até o altar pudesse ser móvel. Contudo, esta polivalência nunca foi atingida.



Já na igreja de **Sta. Joana Princesa** (Aveiro), um espaço de natureza flexível, todos os elementos no presbitério são fixos e em betão - do altar à credência, tal como no baptistério. É de notar que este espaço é encerrado aquando da utilização do salão polivalente.

A cor foi explorada seguindo o gosto e paleta de neoplasticista - o azul, vermelho, amarelo e branco predominam no espaço. Não só o presbitério é inundado de cor como também a cobertura abobadada de toda a sala.

A disposição presbiterial não apresenta grande novidade, limitando-se a seguir uma lógica funcional.

Ao nível da caracterização de cada um dos elementos abre-se um universo marcado pelo valor da simbologia e da funcionalidade: o ambão reproduz a forma de uma bíblia aberta, a mesa do altar tem incluída uma floreira, enquanto que o assento da presidência se limita a um simples banco corrido junto à parede. O sacrário está no presbitério, ligeiramente elevado e em espaço próprio. A pequena cruz em cobre encontra-se suspensa sobre o limite do presbitério.

A caracterização uniforme do conjunto, no que diz respeito à cor e ao material, a par de uma distribuição sobre uma estreita faixa, torna difícil estabelecer o valor de cada um dos elementos.

Em oposição, na igreja de **Sta. Maria do Marco de Canaveses** (Porto), um presbitério profundo permite estabelecer mais claramente a hierarquia de cada um dos elementos que o constituem, sendo a localização, o desenho, a dimensão e a natureza dos materiais, essenciais para esta definição.

Com uma disposição assente numa grelha ortogonal, cada peça foi criteriosamente colocada no espaço:



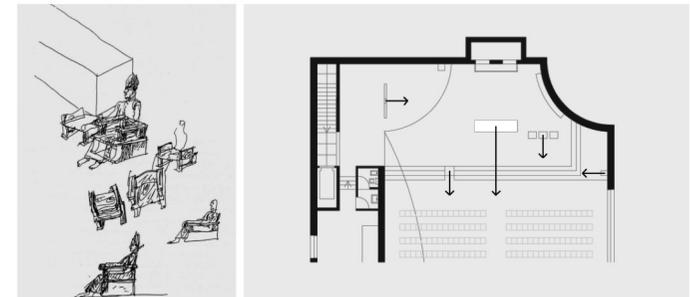
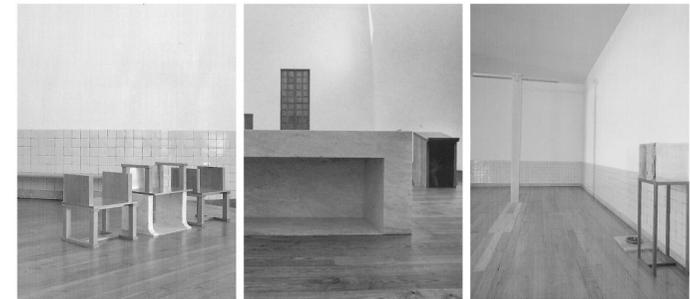
O altar, representação do centro, apresenta-se como um monólito de mármore colocado a eixo da porta.

A cadeira fixa da presidência, não se eleva ao estatuto de trono, situando-se à mão esquerda do altar e avançando sobre este.

O ambão localiza-se à mão direita do altar sobre a fronteira do presbitério, sendo, tal como os degraus, também em madeira.

O sacrário, está recuado e encostado à parede do fundo, protegido, numa zona de pé direito mais baixo; também a cruz está na mesma área, mas voltada para o lado do altar; ao contrário da imagem de Nossa Senhora, que numa plataforma colocada ao nível dos fiéis, se volta para o ambão.

O presbitério resulta assim num espaço com uma interessante dinâmica de direcções sugerida pelos diversos elementos que o constituem, seja o ambão, o altar e a presidência voltadas para a assembleia, ou seja a imagem e a cruz que cruzam na transversal o espaço.



capela de adoração do Santíssimo

13. *A reserva do Corpo de Cristo para a comunhão dos enfermos levou os fiéis ao louvável costume de se recolherem em oração para adorar a Cristo realmente presente no Sacramento conservado no tabernáculo. Recomendada pela Igreja a Pastores e fiéis, a adoração do Santíssimo é altamente expressiva do vínculo existente entre a celebração do Sacrifício do Senhor e a sua presença permanente na Hóstia consagrada.*

O demorar-se em oração junto do Senhor Jesus, vivo e verdadeiro no Santíssimo Sacramento, amadurece a união com Ele: dispõe à frutuosa celebração da Eucaristia e prolonga as atitudes culturais e existenciais por ela suscitados.

Reveste-se de várias modalidades, segundo a tradição da Igreja:

A simples visita ao Santíssimo Sacramento conservado no sacrário: breve encontro com Cristo sugerido pela fé na sua presença e caracterizado pela oração silenciosa.

A adoração diante do Santíssimo Sacramento exposto, de acordo com as normas litúrgicas, no ostensório ou na píxide, de forma prolongada ou breve.

A adoração perpétua (Laus perene), a das Quarenta Horas ou noutras formas, que envolvem toda uma comunidade religiosa, ou uma associação eucarística, ou uma comunidade paroquial, e fornecem a ocasião para numerosas expressões de piedade eucarística.

*Ano da eucaristia: Sugestões e propostas
Vaticano 2004*

Foi motivada por esta prática, que em muitas igrejas foram criadas as capelas para a Adoração do Santíssimo. A adoração era prática comum, com a exposição do Santíssimo a coroar o trono do retábulo da capela-mor de muitas igrejas, principalmente nas de concepção barroca. O mistério eucarístico era encenado na lógica de um Deus distante e superior. Talvez por isso em muitos lugares se tenha constatado “um abandono quase total do culto da adoração eucarística” ainda que nele se visse “uma importância destacada (...) fonte inesgotável de santidade”, tal como vem referenciado na Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia* de João Paulo II (Vaticano 2003).

As obras do período em estudo propuseram, na sua grande maioria, a criação de um espaço com características distintas, especificamente desenhado para o encontro com Deus, num ambiente intimista e próximo, marcado pelo mistério presente na eucaristia.

Prostravam-se perante Aquele que está sentado no trono e adoravam Aquele que vive pelos séculos dos séculos.

Ap 4, 10

O tabernáculo saiu da abside e foi descoberto do véu que o envolvia. O seu novo espaço, tendencialmente baixo e resguardado, marcado pela luz difusa e não abundante, é feito em jeito de nave lateral ou mesmo de anexo, sendo por vezes essa a parte da igreja que se encontra aberta durante as horas em que não se celebram nela cerimónias religiosas. Nalguns casos, pelas suas dimensões mais reduzidas em relação à nave, a capela é usada para a celebração da eucaristia durante os dias da semana, sendo por isso dotada de altar e ambão móveis, caracterizando-as como unidades completamente autónomas. Porém, outros casos há em que a integração foi pretendida, funcionando a capela da adoração do Santíssimo como extensão da própria nave, ainda que por si só possa funcionar independentemente. No capítulo V da Introdução Geral do Missal Romano, podem-se ler todas as indicações sobre *O lugar da reserva da santíssima Eucaristia*, que reza da seguinte forma:

314. *Conforme a arquitectura de cada igreja e de acordo com os legítimos costumes locais, guarde-se o Santíssimo Sacramento no sacrário, num lugar de honra da igreja, insigne, visível, devidamente ornamentado e adequado à oração. Habitualmente, o tabernáculo deve ser único, inamovível, feito de material sólido e inviolável, não transparente, e fechado de tal modo que evite o mais possível todo o perigo de profanação. Convém, além disso, que antes de se destinar ao uso litúrgico, seja benzido segundo o rito que vem no Ritual Romano.*

315. *Está mais de harmonia com a natureza do sinal que no altar em que se celebra a Missa não esteja o sacrário onde se guarda a Santíssima Eucaristia.*

A juízo do Bispo diocesano o sacrário pode colocar-se:

a) ou no presbitério, fora do altar da celebração, com a forma e a localização mais convenientes, sem excluir algum altar antigo que já não se utilize para celebrar;

b) ou também nalguma capela adequada à adoração e oração privada dos fiéis, que esteja organicamente unida à igreja e visível aos fiéis cristãos.

316. *Segundo o costume tradicional, junto do sacrário deve estar continuamente acesa uma lâmpada especial, alimentada com azeite ou cera, com que se indique e honre a presença de Cristo.*

Instrução Geral do Missal Romano

Porque este espaço é de natureza sagrada, sublinhado pela presença da reserva eucarística, é lugar de serenidade e silêncio. O ruído é aí de evitar, seja visual ou auditivo, permitindo assim concentrar toda a atenção e olhar sobre o símbolo da presença de Cristo. O sacrário é morada da reserva eucarística e, por isso, durante a celebração da eucaristia, objecto de importância igual ao altar. É de sublinhar que este é o lugar na igreja que contempla de um modo mais evidente o convite à experiência de adoração, num ambiente de silêncio que não seja vazio nem ausência, mas antes presença, receptividade perante um Deus que comunica.

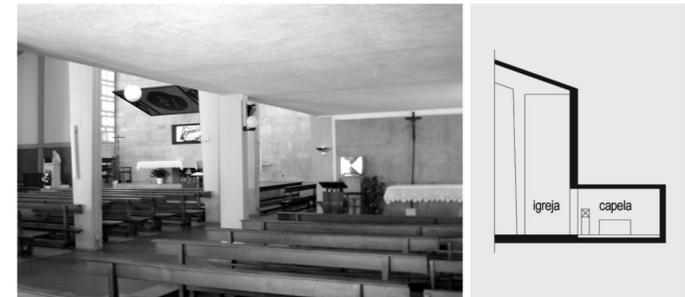
Numa sociedade que vive de maneira cada vez mais frenética, muitas vezes atordoada pelos ruídos e perdida no efêmero, é vital redescobrir o valor do silêncio. Não é por acaso que mesmo para além do culto cristão, se difundem práticas de meditação que dão importância ao recolhimento. Por que não começar, com audácia pedagógica, uma educação ao silêncio no contexto de coordenadas próprias da experiência cristã? Que esteja diante dos nossos olhos o exemplo de Jesus, que "tendo saído de casa, retirou-se num lugar deserto para ali rezar" (Mc 1, 35). Entre os seus diversos momentos e sinais, a Liturgia não pode minimizar o silêncio.

*Carta apostólica Spiritus et Sponsa sobre a Sagrada Liturgia
Vaticano, Dezembro de 2003, João Paulo II*

Na igreja de **Sto. António de Moscavide** (Lisboa), a capela de adoração do Santíssimo localiza-se num volume justaposto à nave tripartida da igreja, situado à direita da entrada principal e com acesso directo ao exterior. Este espaço comunicante com a nave tem um pé direito baixo, aproximadamente 2.5m rivalizando com os 10m a eixo da nave. O tecto da capela é plano, rebocado e pintado de branco, enquanto o da nave da igreja é de duas águas forrado a madeira. A própria cota do pavimento da capela encontra-se rebaixada em relação ao nível da igreja, criando assim diferenciação espacial, reforçada pela presença de um vitral colorido, único na igreja, da autoria de José Escada.

Ainda dentro da mesma lógica de relação espacial entre os diferentes espaços - assembleia e capela - podemos referenciar a igreja do **Patronato de Mangualde** (Viseu). A capela do Santíssimo ocupa toda a extensão da nave lateral à mão esquerda do altar, sendo o seu pé direito baixo causado pela existência de um balcão da assembleia. Os percursos de entrada e de acesso à sacristia cruzam o espaço da capela, não resultando este espaço autónomo e independente como na da igreja de Sto. António de Moscavide (Lisboa).

Na igreja de **S. Martinho de Cedofeita** (Porto), o tratamento actual do interior da capela de adoração do Santíssimo fez com que a distinção e independência se tornassem bem evidentes, ainda que exista uma lógica de complementaridade entre esta e a igreja. A sua relação é reforçada pela abertura da capela sobre a nave. Para além de uma diferença de escala dos dois espaços, a própria caracterização contribuiu para a acentuação das diferenças de identidade dos dois lugares dentro da igreja. Assim, ao presbitério estilizado de gosto moderno



1 e 2 | igreja de Santo António, Moscavide (Lisboa, 1953-1956, João de Almeida, António Leal)
3 e 4 | igreja do Patronato de Mangualde (Viseu, 1979-1986, Vasco Morais Soares)

da igreja contrapõe-se o da capela do Santíssimo, com o aparatoso tabernáculo barroco, a grande tela a óleo do séc. XVII e a candeia suspensa, que em nada lhe conferem um carácter secundário, podendo mesmo rivalizar.

Ocupando uma posição idêntica, a capela de adoração do Santíssimo da igreja da **Na. Sra. da Boavista** (Porto) revela outro grau de comunhão entre estes dois pólos litúrgicos. A adopção de uma mesma linguagem na definição espacial e na caracterização decorativa reforçam a unidade espacial do conjunto. Note-se que o sacrário constitui um conjunto com o altar e o ambão do presbitério, sendo todos os elementos em cobre e da autoria de Zulmiro de Carvalho. A razão das áreas da capela e da igreja é cerca de 1/10, o que confere à capela, juntamente com um pé direito mais baixo e uma largura não superior a 5 metros, um carácter acolhedor e intimista, reforçado pela incidência de luz natural zenital. O facto de não existir uma entrada directa a partir da rua confere-lhe uma maior pertença ao corpo global da igreja, acentuada também pela porta de fole colocada no vão, com 9 metros de extensão, que permite o uso deste espaço como extensão da área da assembleia nas celebrações dominicais.

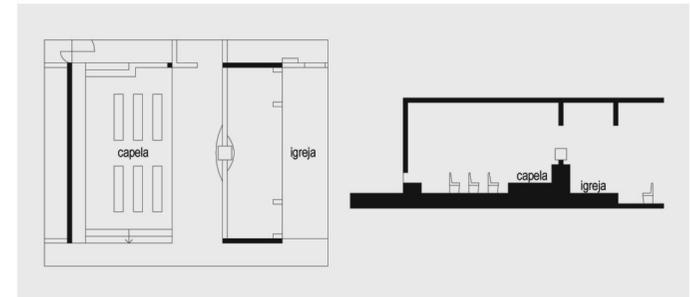
Em oposição a esta lógica existem capelas que, apesar de integradas no volume da igreja, têm um carácter autónomo muito vincado. Estes espaços aparecem orientados noutros sentidos que não o do altar principal, não sugerindo o uso como prolongamento da área dos fiéis nas celebrações dominicais. Tal como acontece nas igrejas do **Sagrado Coração de Jesus** (Porto), **Na. Sra. de Fátima** (Aveiro) e Igreja de **Cristo-Rei da Portela** (Lisboa).



1 e 2 | igreja de São Martinho, Cedofeita (Porto, 1966-1975, Eugénio Alves de Sousa)
3 e 4 | igreja da Nossa Senhora da Boavista, Foco (Porto, 1975-1981, Agostinho Ricca)
5 e 6 | igreja do Sagrado Coração de Jesus, Carvalhido (Porto, 1967-1977, Luís Cunha)

A igreja da **Na. Sra. da Conceição** (Lisboa) apresenta talvez uma das situações mais curiosas, dando especial atenção a este lugar dentro da igreja, embora a um nível global possa parecer uma solução um pouco ambígua. A solução resulta da colocação do sacrário sobre o muro que divide a nave dos fiéis do espaço destinado à adoração do Santíssimo, sendo o sacrário acessível de ambas as partes. O muro funciona como barreira visual, não permitindo o contacto entre os dois espaços de natureza diferentes. Debaixo do mesmo plano horizontal de cobertura, cada uma das áreas encontra-se a cotas distintas, estando a da capela mais elevada do que a da nave e, portanto, com um pé direito mais baixo. Este espaço adquire por isso um ambiente mais propício ao recolhimento e à oração, independente da circulação normal dentro da igreja. O modo liberto e flexível como se organiza o espaço valoriza a diversidade e liberdade de escolha do lugar de cada um para o encontro na oração, podendo-se optar pelo banco, genuflexório ou simples tapete. A abertura de um vão lateral sobre um dos espaços ajardinados em pátios interiores é outro elemento que caracteriza este espaço, evidenciando também um cruzamento cultural de linha oriental.

A igreja do **Sagrado Coração de Jesus** (Lisboa), tal como anteriormente referido, tem o seu sacrário colocado na parede do presbitério, mas nem por isso deixou de ser criado um lugar específico para o exercício da contemplação e adoração. Assim sendo, foi aproveitada a área por debaixo do balcão, situada à mão esquerda do altar. Este espaço, de pé direito baixo e rebaixado em relação à nave, é marcado pela penumbra que contrasta com a intensidade da luz presente na zona presbiterial. A partir dele entende-se a existência de um eixo visual forte, que passando pela Cruz é rematado pelo sacrário. Ao contrário de outras soluções que justificaram a criação da capela para albergar o tabernáculo, a



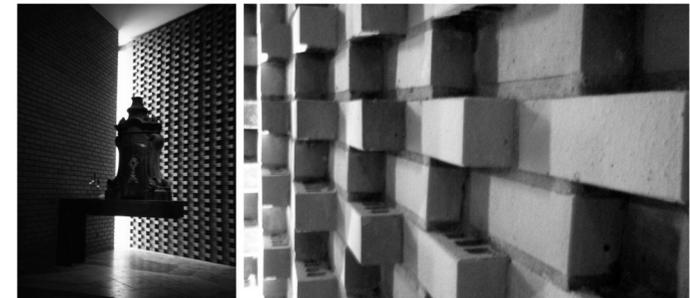
- 1 | igreja de Nossa Senhora de Fátima, Mamodeiro (Aveiro, 1968, Luís Cunha)
 2 | igreja de Cristo-Rei, Portela de Sacavém (Lisboa, 1981-1992, Luís Cunha)
 3 a 5 | igreja de Nossa Senhora da Conceição, Olivais (Lisboa, 1980-1988, Pedro Vieira de Almeida)

proposta aqui materializada não é justificada pela localização específica do sacrário no interior da capela, mas sim pela vontade de criar um espaço com características autónomas, propícias à oração individual. Um outro espaço, com natureza idêntica, foi criado ao nível da cripta para a veneração dos santos.

A igreja **Paroquial de Ramalde** (Porto) não apresenta nenhuma capela para a adoração do Santíssimo. Contudo, parece-me oportuno introduzi-la neste ponto. A pouca profundidade do presbitério levou à colocação do tabernáculo barroco numa situação de grande destaque. Este está colocado muito próximo da assembleia, apoiado numa mísula de perfis metálicos. Por detrás dele, uma forte luz lateral incide sobre a parede do presbitério, pondo em evidência a textura resultante da colocação ordenada dos tijolos sob a parede curva. Uma solução simples que transporta o sacrário para o interior da nave, colocando-o num ponto de grande visibilidade e proximidade, apelando à experiência do silêncio contemplativo.

No cofre estão as coisas inesquecíveis; inesquecíveis para nós, mas também para aqueles a quem daremos os nossos tesouros. O passado, presente e futuro nele se condensam. E assim o cofre é o memorial do imemorial.

Bachelard, Gaston 1957



baptistério

Vem! Quem tem sede, que venha; quem quiser, beba gratuitamente da água da vida
Ap 22, 17

Receber o sacramento do baptismo é o rito que celebra e assinala a entrada de um novo fiel na caminhada da vida cristã, renascido como filho de Deus e incorporado na Igreja. Na origem e tradição baptismal esteve o modelo de imersão, tal como relatam as sagradas escrituras a propósito do baptismo de Jesus Cristo nas águas do rio Jordão. A água, na vida do Homem, não é só alimento para a terra e os seus frutos (animais e plantas), é também ela que nos lava e purifica. A pureza, a ela associada, levou-a a ser integrada em diferentes práticas religiosas. A igreja católica também lhe conferiu um lugar de destaque, constituindo-a, a par da luz (*lumen Christi*), matéria do seu primeiro sacramento.

Eu baptizo-vos em água para vos mover ao arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu e não sou digno de Lhe levar as sandálias. Ele vos baptizará com o fogo do Espírito Santo.

Mt 3,11

No tempo de Constantino, a prática de imersão para o baptismo de catecúmenos adultos manteve-se, sendo realizada em lugares específicos que se enchiam de significado. A descida de dois degraus para a entrada na pia baptismal e a subida de outros dois depois do baptismo, estabeleciam paralelo com a morte e a ressurreição de Cristo. É de notar que até aos séc. IV e V o baptismo era a forma única de penitência e purificação ao longo de toda uma vida.

O baptismo de crianças levou à mudança desta prática, tendo sido introduzido um novo elemento - a pia baptismal - que com o altar constitui um conjunto de elementos essenciais para a administração de dois dos sete sacramentos: o baptismo e a sagrada eucaristia, respectivamente.

De uma maneira geral a pia baptismal divide-se em duas partes distintas e separadas, uma para a água benzida na vigília pascal e a outra para o escoamento da usada no baptismo.

Preferencialmente deve ser rompida em matéria não porosa, e a sua forma, com altura de mais de um metro, pode revestir os feitios mais diversos, desde um bloco escavado até uma semi-esfera sustida por um pé.

Klauser, Theodor 1956

Se nas primeiras construções cristãs o baptistério era independente da igreja, uma vez que só podia entrar na igreja e participar da mesa eucarística quem tivesse sido antes baptizado, as experiências do século XX apontam num outro sentido. A igreja deixou de ser progressivamente espaço único e exclusivo daqueles que foram baptizados, passando a ser aberta a todos os que queiram receber a boa nova. O baptismo deixa de ser exigência/pré-requisito, passando a ser convite à conversão daqueles que querem participar na vida cristã, como apontam as directrizes do Concílio Vaticano II.

Durante muito tempo os capelas baptismais eram peças autónomas em relação ao templo, fazendo a clara distinção dos espaços sagrados - situação bem ilustrada no caso português do baptistério paleocristão, dos séc. VI-VII, em Idanha-a-Velha ou em composições da arquitectura italiana.

Independentemente da sua localização, exterior ou interior, a capela baptismal está fortemente associada ao rito de entrada e, por isso, os baptistérios situam-se na maior parte dos casos próximos do principal acesso à igreja. Estabelece-se assim um paralelo da entrada na comunidade com a própria entrada no edifício de culto. Estamos perante um espaço de fronteira do mundo exterior/interior, caos/sagrado.

o . edificioconstruido

Klauser, Theodor 1956

Se em muitas das concepções o baptistério foi encarado como espaço autónomo, facilmente encerrado, a tendência, que podemos ler do conjunto do património edificado no séc. XX, leva a crer que cada vez mais este foi integrado na volumetria geral do edifício, facilitando o desenvolvimento do rito agora limitado ao espaço interior da igreja. Mesmo integrado, o baptistério deve manter-se facilmente diferenciado do restante espaço litúrgico, não rivalizando com outros pólos celebrativos, sendo a sua localização, por excelência, junto à entrada da igreja. A sua especificidade é facilmente acentuada recorrendo a jogos de luz, diferenças de cotas e pavimentação, sendo também comum recorrer nas superfícies envolventes a uma iconografia de suporte temático. Com estes jogos é possível a criação de uma identidade espacial sem cair na obrigatoriedade da existência de muros que encerrem e delimitem a área baptismal. A introdução da celebração do baptismo na própria liturgia dominical, tal como sugere o missal romano, levou à perda progressiva de importância da capela baptismal, que em muitos casos caiu em desuso.

Tal como nas primeiras construções das comunidades cristãs foram realizados baptistérios como peças autónomas e exteriores ao espaço de culto, também os arquitectos no séc. XX recriaram estas mesmas formas, fundamentando-se nas suas origens históricas. Contudo, ao longo do séc. XX essas soluções foram caindo em desuso, sendo hoje espaços um pouco esquecidos e descuidados. O caso do baptistério da igreja de **S. Bernardo** (Aveiro) é exemplo deste fenómeno. Neste primeiro caso a capela baptismal original está situada no exterior, associada por uma pala à entrada da igreja e à torre. Situação semelhante acontece na igreja de Vidais em que, por sua vez, está localizada na base da própria torre sineira.

Na igreja de Na. Sra. de Fátima (Lisboa), a pia baptismal surge no interior, à direita da entrada, num corpo identificável a partir de uma leitura volumétrica do exterior. Passados quase vinte anos construía-se a igreja de **S. José** (Coimbra), que implantava a capela baptismal igualmente próximo da entrada. Perdendo a autonomia volumétrica que caracterizou tantos baptistérios, inclusivamente o do estudo prévio desta igreja (de Januário Godinho), o baptistério foi completamente integrado no volume principal, sendo encerrado por um gradeamento que permitia a visualização da pia a quem passava pelo nártex/antecâmara.

Na igreja de **Sta. Eufémia** (Leiria), o baptistério funciona como espaço de charneira entre a entrada e a nave. Existindo uma única porta de acesso à igreja, esta conduz-nos a fazer um percurso tangencial ao baptistério, que não é encerrado. Apesar da sua localização no interior, é um espaço de carácter quase autónomo, sem relação directa com o espaço de reunião da assembleia. A parede curva branca, desenhada em arco de circunferência que envolve a pia baptismal,



- 1 | igreja de São Bernardo (Aveiro, 1958-1966, Fortunato Cabral)
- 2 | igreja de São José (Coimbra, proposta, Januário Godinho)
- 3 a 5 | igreja de Santa Eufémia (Leiria, 1960-1968, João Pedro Mota Lima)
- 6 | igreja paroquial de Águas, Penamacor (Guarda, 1949-1957, Nuno Teotónio Pereira)

destaca-se dos muros revestidos a tijolo da igreja graças ao rasgamento de dois vãos laterais. A distinção é também perceptível pela descida da cota de pavimento e pelo seu revestimento em calçada portuguesa, com desenho de ondas, que contrasta com o lajeado regular da entrada. Nesta composição, encontra-se junto da pia de latão, da autoria de Joaquim Correia, o sírio pascal, símbolo da Luz, também associado à celebração do baptismo. Esta composição simbólica que associa os dois elementos água/fogo é comum na maioria das igrejas.

Eu estarei diante de ti sobre o rochedo de Horeb. Baterás no rochedo e dele jorrará água, então o povo poderá beber.

Exo 17

Se já na igreja de Sta. Eufémia (Leiria) a relação com a natureza é evidente, através da escolha de uma rocha de suporte à pia baptismal, na igreja de Águas (Penamacor) esta relação com a natureza ganha ainda mais força, já que a própria pia baptismal é uma rocha local, escavada pelo curso da água de um ribeiro. Sendo a água elemento a que associamos a purificação baptismal, na igreja **Paroquial de Ramalde** (Porto), o espaço dedicado ao baptismo goza de vista sobre um espelho de água exterior, visível através dos dois vãos rasgados na parede do baptistério.

No caso da igreja do **Sagrado Coração de Jesus**, Carvalhido (Porto), o desenvolvimento de uma planta de matriz orgânica permitiu ao arquitecto criar proximidade equivalente do baptistério, quer à entrada, quer à zona presbiterial.. É um espaço relativamente fechado em relação à nave, caracterizado por uma forte verticalidade caracterizado por uma forte verticalidade acentuada pela entrada de luz natural na sua extremidade.

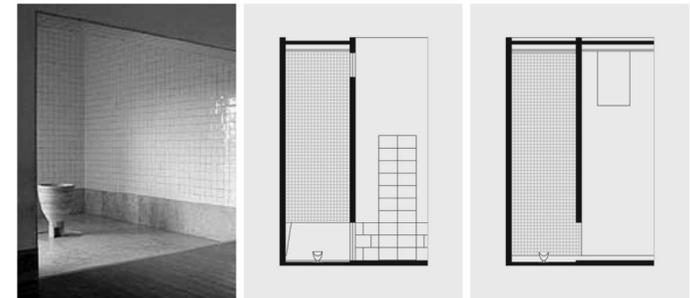


O recente revestimento a azulejo de produção mecânica de cor azul, cor a que associamos ao elemento água, difere da restante igreja, contribuindo assim para uma maior diferenciação espacial. Esta superfície azul é pontuada por um elemento escultórico de carácter simbólico, uma figuração do Espírito Santo sob a forma de uma pomba.

Quando saía da água, viu serem rasgados os céus e o Espírito Santo descer sobre Ele como uma pomba. E do céu veio uma voz: :“Tu és o Meu Filho muito amado.”
Mc 1, 10.11

Na igreja de **Sta. Maria do Marco de Canaveses** (Porto), o mesmo jogo verticalidade/luz foi retomado. Nas paredes do baptistério foi representada a cena bíblica do baptismo de Jesus nas águas do rio Jordão. O autor utilizou o revestimento de azulejos pintados à mão como suporte para o seu esquisso de escala monumental. Nesta igreja, o baptistério situa-se na extremidade oposta à zona presbiterial, estabelecendo uma relação mais forte e directa com o momento da entrada. Ainda que situado no interior da igreja, é a partir do exterior que se tem melhor percepção desta capela baptismal, através de um grande vão que foi rasgado frente à porta de uso corrente. É de destacar ainda a pia baptismal, que neste contexto adquire o estatuto de “fonte baptismal” por ter água em constante movimento, apelando a outros sentidos que não só a visão. A par de uma representação figurativa há também o recurso ao campo auditivo.

Ainda dentro da categoria de baptistérios marcados pela acentuação da verticalidade sublinhada pela iluminação natural, vale a pena olhar para o caso da igreja de **Na. Sra. de Fátima** (Aveiro), que reflecte uma vez mais esta tendência. Este baptistério resumiu-se ao essencial: uma simples pia colocada no centro de



1 a 5 | igreja de Santa Maria, Marco de Canaveses (Porto, 1989-1996, Álvaro Siza)
6 e 7 | igreja de Nossa Senhora de Fátima, Mamodeiro (Aveiro, 1968, Luís Cunha)

um espaço acentuadamente vertical, pintado de branco, contrastando com as restantes paredes da igreja, em tijolo vermelho. É um espaço cheio de luz, que nos remete à purificação que o baptismo é. De certo modo, o arquitecto deu forma e corpo às palavras:

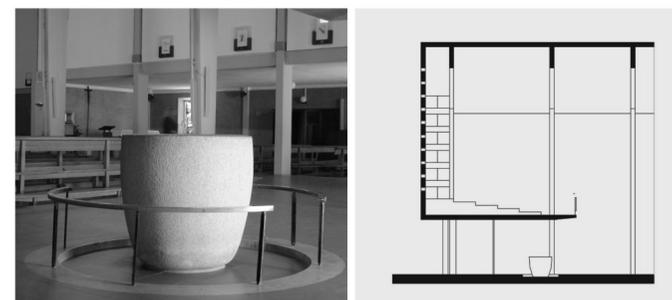
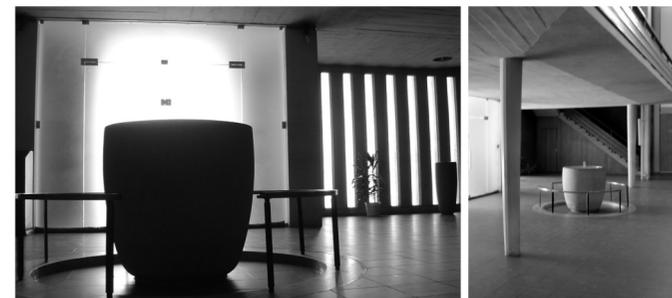
Depois de baptizado, Jesus subiu da água e logo os céus se abriram e Ele viu o Espírito descer como uma pomba.

Mt 3, 16

Na igreja de **Sto. António de Moscavide** (Lisboa), a proposta afasta-se do modelo mais tradicional e mais comum de baptistério. A “capela” foi substituída pela marcação de uma zona baptismal, por meio de uma simples depressão do pavimento donde se destaca a pia, conferindo a todo o espaço da igreja um carácter mais unitário, não fragmentado. A pia localiza-se na extremidade oposta à localização do presbitério, enfatizando o percurso processional altar/pia baptismal. Apesar da grande qualidade artística da pia baptismal, um monólito escavado, a sua localização foi contestada pois o “baptistério, desprovido de espaço, invade e atropela o espaço da igreja” (Atanásio, Manuel 1959).

Seguindo a mesma lógica de pensamento, encontramos a zona baptismal da igreja do **Patronato de Mangualde** (Viseu), em que a pia se situa numa nave lateral, junto à entrada, numa pequena depressão do pavimento.

Sendo o baptismo uma cerimónia comunitária, a apresentação dos novos fiéis ao povo de Deus é também objectivo deste sacramento. Na tentativa de dar maior projecção a este momento de entrada na vida cristã, foram criadas condições que permitissem uma melhor visibilidade deste acto, que na sua génese é acto de apresentação pública.



1 a 4 | igreja de Santo António, Moscavide (Lisboa, 1953-1956, João de Almeida, António Leal)

5 e 6 | igreja do Patronato de Mangualde (Viseu, 1979-1986, Vasco Morais Soares)

Encontramos, por isso, pias baptismais muito próximas ou mesmo na zona presbiterial, lugar por excelência de maior destaque e visibilidade mais facilitada, como acontece nas igrejas da Na. Sra. da Boavista (Porto) e da Na. Sra. da Conceição (Lisboa). Em ambas, as zonas baptismais situam-se à mão direita do altar. A caracterização destes baptistérios tende a enfatizar o carácter cénico com a introdução de luz natural por meio de clarabóias, fazendo-os peças claramente identificáveis e com alguma autonomia.

Na igreja da **Na. Sra. da Boavista** (Porto) foi criada uma diferença de cota do presbitério para a capela baptismal de planta quadrangular pavimentada a mármore (igual ao do presbitério) com estereotomia radial, reforçando assim a ideia de centro. A capela está a uma cota intermédia, dois degraus acima da assembleia e dois abaixo do presbitério. Ao contrário da larga frente do presbitério, a entrada do baptistério encontra-se muito bem definida, limitada por pequenos pedestais. Ao nível da cobertura, para além da clarabóia circular que enfatiza, uma vez mais, a ideia de centro, existe uma lâmina de betão que desce do tecto e marca a fronteira com a área presbiterial. Ainda nesta capela é de destacar o Cristo em cerâmica e a pia baptismal, revestida a cobre em conformidade com a linguagem do ambão, altar e sacrário.

Na igreja da **Na. Sra. da Conceição** (Lisboa), a pia baptismal adoptada segue os modelos paleocristãos de imersão, contrariando as indicações que defendem não se cair num sentido arqueologista que crie situações caracterizadas por um forte défice de funcionalidade. Contudo, o desenho deste baptistério revela grande atenção ao detalhe, sendo de notar o simbolismo introduzido pelo percurso da fina linha de água que brotando da pedra desagua no tanque, ao jeito de Carlo Scarpa.



1 a 3 | igreja da Nossa Senhora da Boavista, Foco (Porto, 1975-1981, Agostinho Ricca)
4 a 5 | igreja de Nossa Senhora da Conceição, Olivais (Lisboa, 1980-1988, Pedro Vieira de Almeida)

Noutros casos estudados, as intervenções/adaptações realizadas à pia baptismal no período pós-conciliar levaram à colocação de pias baptismais no próprio presbitério. Os casos das igrejas de **S. José** (Coimbra) e de **S. Bernardo** (Aveiro) evidenciam composições que encaram a pia como um objecto mais da zona presbiterial, perdendo a autonomia e independência que era oferecida pelos baptistérios, espaços de natureza monofuncional. Ainda que estas soluções levantem problemas de índole catecumenal, na medida em que não seguem a tradição, foram sem dúvida soluções práticas e cómodas, já que responderam às necessidades de visibilidade e projecção abordadas pelo Concílio Vaticano II.

As indicações do Missal Romano admitem que, em caso de ausência de espaços com características específicas que permitam o bom funcionamento e visibilidade da cerimónia baptismal, estes possam ser substituídos por elementos móveis, tais como o jarro/pia. Contudo, este sacramento deve ser celebrado em zona mais conveniente e nunca sobre a mesa do altar.



1 e 2 | igreja de São José, Solum (Coimbra, 1955-1957, Álvaro da Fonseca)

3 e 4 | igreja de São Bernardo (Aveiro, 1958-1966, Fortunato Cabral)

confessionários

A Igreja, contendo pecadores no seu próprio seio, simultaneamente santa e sempre necessitada de purificação, exercita continuamente a penitência e renovação.

Concílio Vaticano II, Lumen Gentium

Ainda que tenha sido alvo de actualizações ao longo da história, o sacramento da reconciliação é sem dúvida um dos pontos polémicos da actualidade da Igreja católica, que por tantos é considerado sacramento em crise.

Nos primeiros tempos da igreja, o baptismo era o acto único e irrepitível, ao longo de toda uma vida, que possibilitava a purificação e, portanto, a reconciliação com Deus, tal como vem referenciado nos livros didácticos do Novo Testamento.

Porque é impossível, que aqueles que uma vez foram iluminados e provaram o dom celestial, tornando-se participantes do Espírito Santo e que igualmente provaram a doçura da palavra de Deus e as virtudes do século futuro e apesar disso caíram, sejam outra vez renovados e levados ao arrependimento, pois de novo crucificaram o Filho de Deus em si mesmos e O expulsaram à ignomínia.

Heb 6, 4 - 6

Do séc. I ao IV era atribuída uma segunda oportunidade de reconciliação para os pecados considerados mais graves. Esta era administrada numa *penitência pública*, que terminava com a reconciliação ministrada pelo bispo. Do séc. VII a XI seguiu-se um período em que a *penitência tarifada* regeu. Nesta forma, os pecados inseriam-se numa hierarquia pré-estabelecida, podendo a penitência ser já administrada vezes repetidas ao longo de uma vida. A forma de penitência mais divulgada surge na continuidade daquela introduzida no séc. XI: a *penitência*

privada. Tanto assim o é que, que ao contrário dos restantes sacramentos, não é recebido na celebração eucarística:

Estando no coração da economia sacramental, como vértice da iniciação cristã, a Eucaristia ilumina os outros sacramentos e é o seu ponto de convergência. A própria forma ritual prevê ou prescreve – excepto para a Penitência – que os sacramentos sejam ou possam ser inseridos na celebração da Eucaristia.

*Instrução - Redemptionis sacramentum
25 de Março de 2004*

A penitência/reconciliação está fortemente ligada com a esfera do íntimo e privado. Assim sendo, valores de respeito e privacidade estão-lhe intimamente associados e por esse motivo, o rito penitencial durante séculos foi celebrado por detrás de grades, tal como descreve S. Carlos Borromeu, nomeado Bispo de Milão em 1565:

Os sacerdotes, a não existir causa necessária, não ouçam confissões de mulheres, nem antes do nascer do sol, nem depois do ocaso. E nunca em compartimentos, mas publicamente na igreja, em sedes em que se verifique uma separação total entre o confessor e quem se confessa.

A penitência, enquanto sacramento, não se resume a uma simples enumeração e confissão de pecados. Pretende, sim, levar o crente à descoberta e reconhecimento de sentimentos e atitudes que o impedem de progredir na vida cristã. Só assim ganha sentido a *absolvição divina* e posterior compromisso de mudança. Neste contexto, o *exame de consciência* torna-se instrumento essencial. A experiência litúrgica do silêncio (referenciada na Carta Apostólica *Spiritus et Sponsa*, 13) é um convite à dimensão contemplativa da vida que ganha maior força com a leitura da palavra de Deus. Nela, a Igreja vê o poder de nos renovar e transformar, sendo por isso de evitar o rumor e ruído que possam prejudicar a assimilação da revelação divina. À arquitectura é proposta a criação

de um ambiente acolhedor e íntimo que propicie este encontro interior, com o auxílio da palavra de Deus.

72. Revejam-se o rito e as fórmulas da penitência de modo que expressem com mais clareza a natureza e efeito do sacramento.

Concílio Vaticano II, Sacrosanctum Concilium

Na sequência destas linhas orientadoras lançadas no Concílio Vaticano II, o novo *Ordo Paenitentiae* de 1974 apontava três formas distintas de celebrar este mesmo sacramento, numa tentativa de redescobrir o seu significado original:

- Celebração individual com acusação e absolvição individuais;
- Celebração comunitária com acusação e absolvição individuais;
- Celebração comunitária com absolvição geral (convocada pelo bispo).

A penitência pública, desaparecida durante séculos, reaparece pois numa nova versão, reforçando o valor da comunidade que é por definição:

(...) solidária do seu irmão pecador e devem assistir-lhe com suas orações, mas também porque todo o baptizado leal se reconhece pecador, em permanente necessidade de conversão e penitência.

Martimort, Aimé-George 1965

Resta saber se, para estes modelos, a Igreja terá a necessidade da criação de espaços específicos para a administração deste sacramento, ou, se porventura, vão perdurar durante mais uns tempos os modelos que hoje cada vez mais caem em desuso, respeitando a diversidade e os modos de confissão de cada um.

2.1. O lugar próprio para as confissões é a igreja ou o oratório.

2.2. A fim de respeitar a legítima opção dos penitentes deve, nas mesmas igrejas ou oratórios, assegurar-se a existência de confessionários munidos de uma grade fixa entre o penitente e o confessor, colocados em lugar patente e acessível, e adaptados, quanto possível, às exigências de uma digna celebração litúrgica.

2.3. Nas igrejas e oratórios deve existir um local próprio para o acto sacramental, que deve assegurar, por um lado, a discrição e a prudência requeridas no diálogo entre o penitente e o sacerdote, e responder, por outro lado, às exigências de uma acção litúrgica de que fazem parte um acolhimento humano, a leitura bíblica e o gesto reconciliador da imposição das mãos sobre o penitente.

2.4. Não se oçam confissões fora dos lugares próprios, a não ser por causa justa
Decreto Geral n.º XII da Conferência Episcopal Portuguesa
1 de Junho de 1985

Da leitura do conjunto edificado, podemos salientar uma tendência geral que aponta para a inexistência de espaços arquitectónicos projectados explicitamente para este fim. Tanto assim o é que não encontramos normativas/indicações sobre a localização e concepção destes em nenhum documento eclesiástico. A solução mais adoptada e já incorporada na tradição é a existência de confessionários colocados pontualmente ao longo das igrejas, como peças de mobiliário. Estes, na maioria dos casos, não fazem parte do projecto de arquitectura - poucos são os que foram realmente integrados no desenho do edifício religioso. Em todos estes modelos é dado ao confessando a possibilidade de escolha do modo de estar durante a cerimónia penitencial. A tradição ditou que no rito da penitência se deveria *estar de joelhos*, sinal da pequenez perante o Altíssimo:

Para que ao nome de Jesus, todo o joelho se dobre nos Céus, na Terra e nos Infernos
Fil 2, 10

Contudo, é cada vez mais usual encontrarmos confessionários com cadeiras junto ao sacerdote, sinal dos novos tempos, apelando ao conforto e à receptividade daqueles que escutam a Palavra de livre vontade e que querem receber a graça do sacramento:

Tinha ela uma irmã chamada Maria, a qual se sentara aos pés do Senhor e escutava a sua palavra.

Lc 10, 39

A escuridão que envolveu muitos dos confessionários, apontando para um ambiente de segredo e culpa foi, em alguns casos, substituída pela entrada pontual de luz natural. Os armários completamente encerrados abriram-se ligeiramente, substituindo cortinas/grades/portas por planos de muros/barreiras,



1 | igreja da Encarnação (Lisboa, anos 50)

2 | igreja de São Bernardo (Aveiro, 1958-1966, Fortunato Cabral)

3 | igreja de Santo António, Moscavide (Lisboa, 1953-1956, João de Almeida, António Leal)

4 | igreja do Sagrado Coração de Jesus, Carvalhido (Porto, 1967-1977, Luís Cunha)

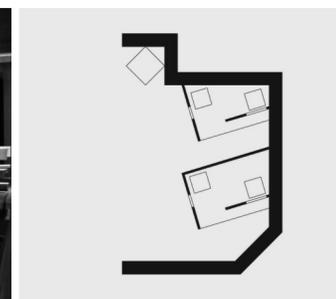
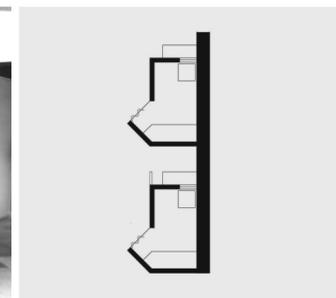
desmistificando assim o ambiente em que decorre a celebração penitencial, mas não deixando de salvaguardar a privacidade que esta prática exige.

O espaço interior do armário é um espaço de intimidade, um espaço que não se abre para qualquer um. (...) No armário vive um centro de ordem que protege toda a casa contra uma desordem sem limite. Nele reina a ordem, ou antes, nele a ordem é um reino.

Bachelard, Gaston 1957

Sendo o sacramento da reconciliação um convite à purificação/conversão, é usual encontrarmos os confessionários próximos da entrada do espaço de culto, tal como acontece com a grande maioria dos baptistérios. O esquema distributivo da igreja do **Sagrado Coração de Jesus** (Viseu) reforça este paralelismo, localizando os confessionários no enfiamento visual com o baptistério.

A proximidade à capela de adoração do Santíssimo é também localização comum, pois esta é por excelência lugar de silêncio, meditação e oração. Contudo, é de notar que a proximidade excessiva entre estes dois pólos levanta questões de delimitação espacial. Para uma melhor definição dos limites de cada uma das áreas de influência recorreu-se muitas vezes a barreiras de luz, tal como acontece na igreja da **Na. Sra. da Boavista** (Porto), ou diferenças de pé direito como na igreja do **Sagrado Coração de Jesus** (Lisboa). Os confessionários do Patronato de Mangualde (Viseu) e da igreja do Sagrado Coração de Jesus (Porto) seguem modelos semelhantes, localizando-se junto à entrada da capela de adoração do Santíssimo. Apesar de integrados na arquitectura, todos estes exemplos são variações do modelo “armário”, que permite ao confessor estar ou não em contacto directo com o confessando.



1 | igreja do Sagrado Coração de Jesus (Viseu, 1970-1982, Francisco Olazabal)

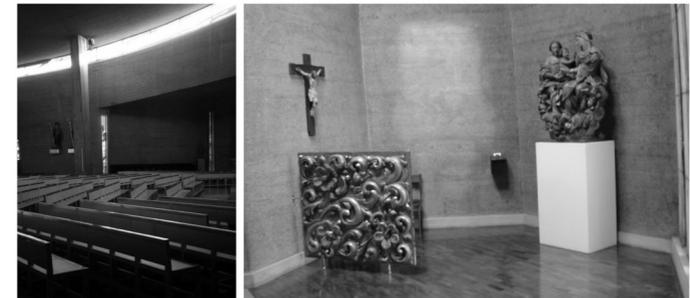
2 e 3 | igreja da Nossa Senhora da Boavista, Foco (Porto, 1975-1981, Agostinho Ricca)

4 e 5 | igreja do Sagrado Coração de Jesus (Lisboa, 1962-1970, Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas)

Na igreja de **Cristo-Rei da Portela** (Lisboa) foi criada uma alternativa aos habituais confessionários: um espaço específico para receber o sacramento. Trata-se de uma divisória completamente isolada, que foi chamada capela da reconciliação. A sua caracterização em pouco se distingue de uma sala de reuniões do centro paroquial, com a diferença de se localizar no interior da própria igreja.

Seguindo esta mesma lógica de espaço para a cerimónia da penitência em alternativa ao espaço “armário”, encontramos na igreja de **S. Martinho de Cedofeita** (Porto) uma solução interessante. Se o projecto inicial apontava para a incorporação dos habituais confessionários na parede daquela que é hoje a capela baptismal, com a evolução do projecto os ritos penitenciais passaram a ser celebrados nas capelas laterais mais próximas da entrada da igreja. Estas capelas são espaços amplos, abertos e bem iluminados, que diferem do carácter misterioso e sombrio que caracteriza tantos confessionários, com a representação da ascensão de Cristo, num ambiente resguardado e intimista. As filas de bancos da assembleia, dispostos em convergência para o altar, abraçam a composição da zona presbiterial tornando aquela área num espaço que convida à reflexão.

Nas restantes igrejas, perante a inexistência de zonas específicas para a realização deste sacramento, os párocos espalham-se pela igreja ou pelas dependências paroquiais, criando o afastamento necessário de modo a zelar pela intimidade de cada um.



percursos e hierarquias

A importância dos percursos dentro do espaço sagrado permite uma fácil identificação dos diferentes pólos litúrgicos, estabelecendo relações e hierarquias entre eles.

O tema do percurso no espaço religioso é de grande importância, tendo atingido nos santuários um assinalável protagonismo. Embora não seja reflexo de uma pesquisa tão exaustiva, também ao nível das construções paroquiais este tema arquitectónico é merecedor de análise. Trata-se não só do modo como percorremos todo o espaço, mas também como o vemos e lemos.

Ainda que o percurso comece no exterior do edifício, a “porta” é o limite simbólico da transição e a marcação da fronteira de dois espaços distintos: o sagrado e o profano. A ela está intimamente ligada a ideia de *passagem* - a *porta dos céus*, como é referida por Mircea Eliade na sua obra *Sagrado e Profano*. Esta ideia de passagem, tão fundamental para o povo crente, é ainda reforçada por Cristo que se apresenta simbolicamente sob a forma de Porta.

Eu sou a porta: se alguém entrar por mim salvar-se-á; entrará e sairá e achará pastagens.

Jo 10, 9

A porta, elemento que melhor expressa a atitude de abertura e convite à entrada, foi por isso mesmo objecto de estudo, no tempo em que a Igreja se avaliava e reflectia sobre uma maior abrangência. Podemos assistir à passagem da porta monumental da Casa de Deus à porta feita à medida dos homens, lembrando que

a igreja é também Casa do Povo de Deus. Muitas vezes o seu desenho e a relação altura/largura evidencia esta mudança de perspectiva. De facto, a introdução de portas largas foi sinal de inovação na arquitectura religiosa, ainda que não possamos generalizar esta leitura.

Uma vez no interior, o espaço orientado segundo um eixo perdeu importância face à orientação sobre um ponto: o altar. Ainda que, em muitas das construções a ideia de eixo definido pela porta/altar tenha sido preservada, a porta deixou de ocupar por obrigação o extremo poente do templo. Encontramos projectos onde a anulação da porta principal colocada axialmente ao altar deu origem à introdução de entradas laterais de carácter principal.

Nas soluções que preservaram a porta principal face ao altar, podemos constatar a existência sistemática de espaços de antecâmara encerrados, feitos ao jeito de guarda-vento. Assiste-se à “camuflagem” da presença da porta dentro do espaço sagrado, ainda que a esta esteja associada a ideia de abertura, tão vinculada no período conciliar.

A não existência de uma porta única de uso corrente, colocada no eixo do altar, que se abra directamente sobre a nave dos fiéis, confere ao espaço um maior encerramento e, conseqüentemente, maior intimidade. Nesta situação, a relação dos percursos exterior e interior perde muito da sua força e significado.

Independentemente da existência ou não de antecâmara, o momento de entrada na nave é sem dúvida de grande importância. É mais do que o espaço reservado à pia de água benta, é o lugar do vazio. O vazio desempenha neste contexto um papel fundamental. Sendo prolongamento da passagem marcada pela abertura da porta, o seu atravessamento é essencialmente simbólico. É o *espaço onde há*

sempre espaço para mais alguém, até para o observador que entra na igreja mas não se quer sentar. Dali tem-se a vista global do espaço sagrado, sem se interferir no espaço meramente funcional, por natureza povoado por cadeiras e bancos.

O vazio é igualmente uma imagem. Não se trata de um paradoxo: o vazio do espaço e da superfície, moldados num modo apropriado, não são pura negação da imagem, mas pelo contrário. Relacionam-se com estas, como o silêncio está para a palavra. Isso exprime o sagrado para além da forma e do conceito.

Guardini, Romano 1956

O percurso dentro da igreja levanta questões tanto do ponto de vista funcional como litúrgico. Vejam-se as movimentações dentro de uma celebração dominical, num baptismo, num casamento, ou nas celebrações do tempo pascal, de um modo mais evidente na celebração do Domingo de Ramos e da Via Sacra. Porque celebrar implica,

“acção” antes de tudo, Acção de Cristo e do seu representante, o sacerdote, mas também da acção da assembleia. Os pontos culminantes desta acção são as aclamações antes do prefácio e o Amen depois do Canon, assim como a procissão do ofertório e comunhão. O conjunto destas acções reclama um espaço de qualquer modo orientado para o altar, colocando frente a frente o actor e o contra-actor, sacerdote/assembleia, e abra um caminho para a ida e regresso das procissões.

Atanásio, Pe. Manuel Cardoso 1959

O tema de percurso no espaço interior da igreja não se esgota na definição de um eixo único principal que termine no altar. A igreja é um organismo constituído por pólos litúrgicos com importâncias diferenciadas, seja a entrada, o baptistério, o ambão ou o altar.

Contudo, o percurso axial feito pelo centro da nave foi o mais estudado e presente ao longo da história da arquitectura religiosa católica, que vê nele o símbolo do *Povo em movimento!* Assim sendo, está-lhe associado uma carga de solenidade, recriada na procissão do intróito dominical, que saindo da sacristia conduz o celebrante e ministros pela zona dos fiéis até ao presbitério.

Nas igrejas realizadas no período pós-conciliar, esta ideia de percurso único fragilizou-se, na sequência do desenvolvimento de zonas presbiteriais de grande frente que, por razões funcionais, levaram à criação de múltiplos corredores de acesso ao presbitério. O percurso cerimonial surge aí com um carácter forçado e pouco natural, situação identificável nas igrejas de planta centrada.

No espaço litúrgico, que é por identidade um espaço orientado, são múltiplos os eixos e percursos que conferem dinamismo e movimento ao espaço interno.

(...) seja qual for a resultante complexiva do espaço interno da igreja, ela vem marcada por dinâmicas litúrgicas que traçam um sinal da cruz no espaço e que pode ser proficuamente orientado segundo os quatro pontos cardinais.

O eixo primário tem origem na porta e tem como referência o altar; é percorrido processionalmente em ambos os sentidos: do altar para os fiéis, pela distribuição da comunhão pelo ministro e pela presença da palavra de Deus no momento da procissão do diácono que traz o Evangelho. É este também o percurso de Cristo em Direcção aos seus. No sentido oposto, isto é, da porta ao altar, o eixo é percorrido pelos fiéis, que na procissão para a comunhão vão em direcção a Cristo.

O dito eixo é atravessado perpendicularmente por um traçado, não de percurso, mas de visibilidade e de escuta, tradicionalmente unindo o norte ao sul: é o eixo longo, no qual, desde o ambão, a palavra de Deus corre para as trevas do norte a fim de as dissipar.

É fácil adensar símbolos e referências acerca deste esquema funcional, que introduz uma forte tensão unitária não conformando espaços estanques.

(...) *A tripla axialidade do esquema que tracei (o terceiro eixo é o vertical que atravessa o ponto de cruzamento dos primeiros dois) gera uma conexão directa entre a porta e presbitério, ou “bema” como prefere Valenziano. Aqui tem lugar o seu duplo centro da acção litúrgica: o altar, para o qual se viram o ministro e o fiel, em posição estática ou dinâmica, e o ambão, no qual se fixa a atenção somente nos momentos da proclamação da Palavra. O “bema” é o lugar da “unanimidade espacial” interna do edifício, o gérmen de todo o espaço.*

Crippa, Maria Antonietta, 1996

O eixo primário é frequentemente definido pela colocação ordenada de bancos e uso de uma passadeira em direcção ao altar. Porém, podemos encontrar soluções em que o revestimento diferenciado do pavimento contribuiu para uma melhor definição espacial, tornando mais claros os limites da área dos assentos e do corredor. A sucessão de elementos estruturais e de iluminação pontual enfatizam toda a extensão do percurso, atribuindo-lhe ritmo.

A existência simbólica de um segundo eixo, diferente do sentido do eixo primário, é possível de reconhecer materializado nalgumas obras do período em estudo. É definido pela direcção daquele que lê a partir do ambão e cuja palavra cruza toda a assembleia. Em grande número das igrejas a posição do ambão obedece a uma lógica paralela à da colocação do altar, de frente para a assembleia, avançado ou não em relação à mesa eucarística. A colocação do ambão, enviesado em relação ao eixo primário, introduz uma nova direcção, diferenciada para um acto específico que é o da liturgia da palavra.

O terceiro eixo talvez seja o mais difícil de descrever, até porque raramente tem expressão nas soluções arquitectónicas hoje produzidas.

Numa perspectiva histórica, que marcou a produção de igrejas de cruz latina durante tantos séculos, encontro-o materializado numa linha vertical, resultante do cruzamento da nave com o transepto. O cruzeiro é central na composição do espaço, fruto da intersecção de eixos e, por isso, caracterizado de modo especial.

As cúpulas e zimbórios com lanternins foram forma de marcar a vertical que define este terceiro eixo, sinal de Teofania, *“Porta dos céus” que consagra um espaço pelo próprio facto de o tornar “aberto” para o alto.*

Hoje não assistimos a este cruzamento físico de eixos, por isso torna-se necessário recorrer à tradição e cultura cristãs para perceber a sua natureza. A zona de encontro da assembleia com o presbitério corresponde ao ponto de partida para a interpretação do problema. Não é só zona de encontro, como é, ou era o lugar onde cada um comunga e participa assim do mistério eucarístico - *Epifania de comunhão*. É esta característica que faz do lugar de comunhão de cada um ponto tão importante para a compreensão do espaço sagrado, por vezes tão pouco trabalhado e esquecido. Não basta então o vazio correspondente a uma fila de bancos entre o altar e a comunidade para dar dignidade a um momento fundamental do percurso de cada um dentro da igreja. Em muitos casos, na procura de uma aproximação física do altar à comunidade perdeu-se a distância necessária para este outro *ponto de encontro*.

XXI - Seria errado que sem uma razão forte a nave esteja de tal forma cheia de cadeiras ou de bancos que eles quase toquem a balaustrada da comunhão ou nas paredes laterais. Na igreja ideal reservar-se-ão passagens suficientemente grandes frente ao altar, à entrada da igreja, no meio da nave e dos lados, de forma a permitir um fácil acesso à comunhão mesmo a centenas de fiéis sem causar desordem, e para que certas procissões litúrgicas possam ter lugar facilmente.

Klauser, Theodor 1956

A definição de várias direcções dentro do espaço sagrado ajuda a compreender a importância de cada um dos pólos litúrgicos, que é caracterizado de modo a atribuir-lhe o destaque e protagonismo devidos. A matéria com que cada um destes espaços é projectado, a luz que sobre eles incide e a sua localização, são fundamentais para uma melhor compreensão da complexidade do organismo que a igreja é.

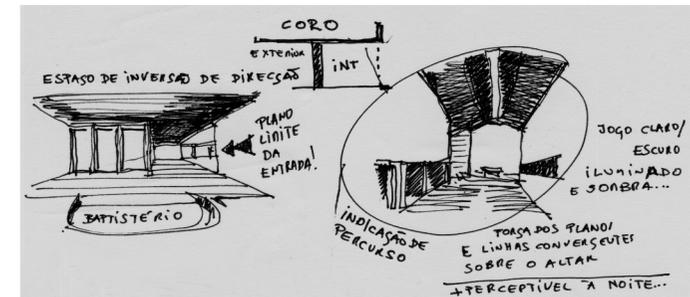
A igreja de **Sta. Eufémia** (Leiria) apresenta uma situação de percurso interessante. Apesar da aparente rigidez da forma escolhida, ela revelou-se maleável nas soluções encontradas para as duas extremidades: entrada e presbitério. O desenvolvimento de uma planta longitudinal, neste caso, não deu origem à colocação da porta a eixo do altar, como foi tão simbolicamente explorado na igreja de Sta. Maria do Marco de Canaveses (Porto).

A única entrada na igreja é feita lateralmente, obrigando a contornar a parede que encerra toda a largura da nave. Na sequência de um espaço exterior coberto, surge o baptistério, a que se segue um espaço de entrada interior e, só depois, a nave da igreja, fortemente iluminada em contraste com os primeiros espaços. Esse espaço interior, lugar do vazio, tem a fronteira com a nave bem perceptível, correspondendo ao fim do coro alto, ao longo da “linha” sublinhada pelo remate da pavimentação proveniente do exterior e pela presença de uma série de lâmpadas fluorescentes que o acompanham ao nível do tecto. Toda essa faixa correspondente à transição exterior/interior tem aproximadamente a mesma área da zona presbiterial, reflectindo a importância que se lhe quer atribuir.

O percurso na nave, que não é marcado ao nível do pavimento, aparece contudo reforçado pelos planos e linhas convergentes sobre o altar - veja-se a força dos muros brancos despídos, da linha branca definida pela iluminação ao nível da cobertura escura, ou da faixa de madeira escura, com uma composição geométrica abstracta de pequenos vãos. Esta solução é muito distante da que se encontra em Sto. António de Moscavide (Lisboa), que explora a direcção do percurso pontuada por elementos verticais resultantes da própria estrutura – as colunas.

A nave lateral de Sta. Eufémia, de pé direito igual ao da entrada, tem uma identidade intimista, propícia à meditação e reconciliação, ao mesmo tempo que serve de acesso à sacristia. Ao não ser rematada directamente pelo presbitério, a nave lateral adquire um carácter secundário, por isso a ideia de “direcção” não foi aqui tão reforçada: a luz é pontual e os pilares marcam os vãos de abertura para a nave.

O ponto central de toda esta composição é o presbitério que “flui” sobre o espaço da nave, dando origem a uma frente quebrada que exprime a vontade de abertura desta zona, convidando à participação de todos em torno do altar que ali adquire especial protagonismo.



1 | esquissos da visita à igreja de Santa Eufémia (Leiria, 1960-1968, João Pedro Mota Lima)

A igreja do **Sagrado Coração de Jesus** (Lisboa) levanta uma série de questões relativas ao tema de percurso e hierarquias, algumas delas já exploradas em capítulos anteriores, a propósito da organização do presbitério e da assembleia.

(...) um todo unitário basilical desencadeador de diversos espaços de variado valor intimista, definidos pelo próprio valor da coerente geometria através de uma fluidez expressionista dramatizada com o jogo espiritualizado da luz.

Tostões, Ana 1997

Ainda que a identidade de cada unidade espacial no interior da igreja seja já reveladora do seu grau de importância, as entradas da igreja evidenciam também a singularidade e a complexidade deste projecto, dando origem a percursos distintos que sugerem diferentes tipos de aproximação ao espaço interior.

O projecto assenta no cruzamento de dois vectores: o Santuário, enquanto corpo principal para o qual converge a igreja, e o segundo constituído pelo Baptistério que se orienta para o altar-mor através da coxia lateral e cuja forma é realçada pelo rasgamento de um grande cunhal.

Pereira, José Carlos 2000

Existem três portas distintas que, a partir do mesmo adro, conduzem ao espaço interno da igreja:

A principal, de uso corrente (não se entenda a mais larga), conduz a um espaço de antecâmara não completamente encerrado. Este espaço, vazio, prolonga-se longitudinalmente pelo fundo da nave por baixo do balcão, até onde convergem o percurso pelo meio da nave e a escada de acesso à tribuna. O percurso cerimonial, rematado pelo presbitério e tribuna, é enfatizado na sua extensão pela convergência dos balcões e pelo ritmo estrutural marcado pela sequência de colunas.

A segunda porta de uso corrente dá acesso directo a um corredor de circulação lateral que liga o baptistério (junto à entrada) ao altar. A definição deste eixo traz à memória o proposto na igreja de St. António de Moscavide (Lisboa). Contudo, aqui o eixo altar/pia baptismal não adquire tanta importância. À direita deste eixo, definido pelo baptistério e altar, encontram-se a uma cota mais baixa os confessionários, a capela do Santíssimo e o acesso à cripta.

A porta mais larga, central em relação às outras duas, não conduz a um percurso, abre porém a possibilidade do espaço interno da igreja se estender ao exterior, abrangendo o adro como parte integrante da própria igreja.



1 | esboços da visita à igreja do Sagrado Coração de Jesus (Lisboa, 1962-1970, Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas)

A igreja da **Na. Sra. da Conceição** (Lisboa) apresenta um esquema realmente inovador na concepção e organização do espaço interno. O projecto é uma experiência de cruzamento do modo de “fazer cidade” com o de organizar o espaço sagrado.

O complexo paroquial resulta da aplicação de uma malha ortogonal que estrutura eixos, percursos e vazios. Em termos de urbanismo diríamos: ruas que definem quarteirões, fazendo lembrar a “baixa pombalina”!

As diferentes entradas são neste caso uma questão secundária, pouco relevante para o modo como se define a organização espacial interior. Existem quatro portas de acesso ao exterior. Contudo, no interior da área de culto nem sequer são visíveis.

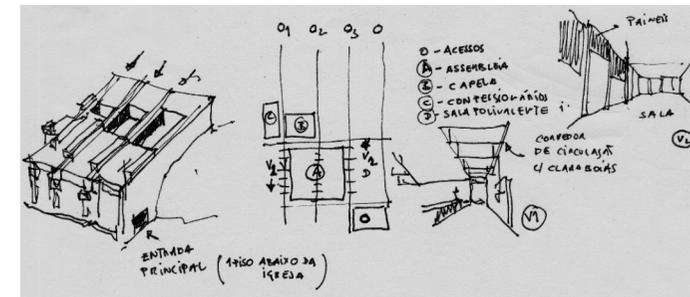
Num jeito simplista, quase se poderia dizer: não importa donde se vem, chega-se vindo de todas as partes!

As “ruas” são, aqui também, espaços de circulação, independentes dos eixos de composição tradicionais que caracterizam a igreja. Os elementos de identidade, os diferentes pólos litúrgicos, são introduzidos nesta grelha, criteriosamente, definindo o que poderíamos designar por “frente de construção”. Pelo modo como se dispõem as diversas peças (alinhas, avançadas, agrupadas, elevadas ou rebaixadas), torna-se mais fácil perceber a importância que lhes é atribuída, isto é, os respectivos graus na hierarquia.

De todo o conjunto interno de que constam sacristia, gabinetes, pátios, capela do santíssimo, confessionários e sala polivalente, destaca-se a “grande praça quadrangular”, correspondendo ao espaço que mais facilmente identificamos

como a igreja. Este espaço tem a possibilidade de se expandir, agrupando a sala polivalente como espaço integrante da área de culto.

É na “grande praça” que encontramos o tabernáculo, a fonte e o tanque baptismal, o sítio, o ambão, o altar, e toda a área para a assembleia. Este espaço encontra-se a uma cota inferior à dos “arruamentos” que o delimitam, conferindo-lhe um pé direito mais elevado de todo o conjunto. A frente desta “praça” é ocupada pelo sacário, baptistério e presbitério. Ora, nesta sequência, a mesa do altar, ao contrário do baptistério que ocupa uma posição central, reforçada ainda pela luz zenital, ocupa uma posição quase periférica. Dada esta disposição, a leitura de percursos/hierarquias e a organização da assembleia voltada para o altar, resulta algo ambígua, mas simultaneamente bastante curiosa.



1 | esboços da visita à igreja de Nossa Senhora da Conceição, Olivais (Lisboa, 1962-1970, Pedro Vieira de Almeida)

flexibilidade e polivalência

É um erro definir a igreja como “templo”, isto é, como “edifício sagrado”, separado de todo o uso profano, para uso exclusivamente sacro. O programa deve basear-se na vida da comunidade e não no espaço ritual, porque o carácter do “sagrado” está no cristão e na comunidade, cujas acções são todas sagradas.(...) É também um erro considerar a igreja – templo como centro da comunidade cristã. Equivaleria a admitir que a essência do cristianismo está no “ritual” e não na vida. Por isso, em termos espaciais o centro paroquial não constitui um complemento do espaço litúrgico. Seria melhor ao contrário, o “espaço” como uma exigência do centro e comunidade paroquial. É um equívoco falar de uma zona de celebração contraposta à zona da assembleia. Todo o espaço é zona de celebração.

Rodrigues, Pe. José Felicidade Alves 1966

No final das décadas de 60 e 70, na sequência de um período de grande abertura e partilha de opiniões sobre o papel da igreja na sociedade, levantaram-se questões sobre a identidade estática do espaço sagrado. De igual forma, num período marcado por uma produção arquitectónica de cariz acentuadamente funcional, levantaram-se questões relativas à natureza do espaço de culto.

Afinal, a igreja enquanto contentor, não poderia ser, ela também, espaço para algo mais do que um simples espaço de culto? A noção de “serviço” ganhava presença e “polivalência” - apresentava-se como novidade!

As primeiras experiências que remetem para a temática da polivalência surgem relacionadas com a possibilidade de aumento da área celebrativa, para uma maior comunidade de fiéis. As capelas-salão, promulgadas pelo Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado (SNIP), espelham esta “moda” em que a área destinada à assembleia ganhava novos limites, prolongando-se numa lógica de espaços de natureza diferente, que se abriam sobre o espaço celebrativo principal

nas celebrações dominicais. Outras propostas surgiram, apontando para a criação de espaços de natureza dupla, ora palco litúrgico, ora profano. A lógica funcional de optimização espacial e gestão de recursos económicos assim permitia. Porém, estas soluções desde cedo revelaram fragilidades relativamente à “apropriação” do lugar sagrado.

Santa Joana Princesa foi a maior experiência que eu fiz! Sinceramente eu hoje tenho muitas dúvidas se aquela terá sido a melhor solução. Eu hoje não faria aquela igreja! Eu acho que é difícil ser polivalente. A pessoa quando entra num espaço para uma celebração tem que pensar que aquilo não é um espaço qualquer. Daí que a utilização para outros fins destrói o clima, que eu acho que é importante que se mantenha. Eu hoje não faria isso!

Cunha, Luís 2005

Se nos parece óbvia a identidade e natureza específica do espaço sagrado, esta questão da polivalência remete para uma outra: a da “flexibilidade” do espaço litúrgico. Esta capacidade espacial de adaptação a modelos e modos diferentes de celebrar, característicos de uma época, de um lugar, de uma comunidade ou da natureza da celebração (missa dominical, baptismo, matrimónio). O exercício da capacidade de adaptação do espaço numa “igreja em mudança” não é novo na história da arquitectura, como se pode ver pelo modo como as igrejas “absorveram” a passagem de cada época.

É errado pensar que possuímos critérios litúrgicos e pastorais que definam – de um modo definitivo – a estrutura das múltiplas celebrações. A evolução da liturgia e da pastoral altera a sua fisionomia.

Rodrigues, Pe. José Felicidade Alves 1966

materialidade e verdade

Se o povo vir o seu granito ou o seu tijolo, o mesmo que usa para a própria casa, se ele os vir “consagrados na casa de Deus”, esse povo amará a sua igreja, qual símbolo espiritual da geografia que o rodeia e continuação sublimada do próprio lar onde habita.

Atanásio, Pe. Manuel Cardoso 1959

O desafio da concepção da forma do espaço sagrado leva a pensar sobre a matéria com que é construído. Recriar o sagrado com a mesma matéria com que se constrói o mundo profano é o ponto de partida para esta análise.

Penso que grande número de edifícios de culto dos nossos dias, salvo notáveis excepções representam um défice impressionante de sensibilidade (...); umas vezes, porque se pretende atingir o sagrado com uma mera “decoração”, a posteriori; outras porque a ausência de dignidade é flagrante.

Botelho, Manuel 1995

Este preconceito contra aquilo que antes se chamava “ornato”, levou a uma depuração na maior parte dos casos empobrecedora. O ornato não é, obrigatoriamente, uma coisa que se apoie por cima. A construção, na sua expressividade, pode ser também ornamental!

Cunha, Luís 2005
entrevista

A linha depurativa explorada pela arquitectura conduziu ao abandono progressivo do ornamento, pondo em evidência as qualidades das formas e das estruturas. Esta tendência também se fez sentir no meio da produção de arquitectura sacra. A “verdade construtiva” afirmou-se como valor arquitectónico de referência, tendo encontrado na Igreja ponto de afinidade.

Quanto aos materiais, se são tratados de maneira a não desaparecerem debaixo da forma, mas se esta se lhes adaptar, realçando de tal maneira que pareça natural a composição – pode-se falar em “verdade dos materiais”.

Se o betão é modelado, tendo em conta a sua natureza elástica e forte, a permitir cálculos inesperados e se deixa perceber a sua face negra e rugosa, sem a mácula de pintura ou caiação falsa. O betão é verdadeiro. Mas, se ao contrário, se utiliza o betão como se fora pedra (brincando aos arcos), ou se alinha a superfície por medo da sua face real. O betão é falsamente empregado.

Esta linguagem é por demais conhecida dos artistas construtores, ao menos teoricamente, já que na prática algumas concessões se fazem, sobretudo quando a sensibilidade barroca e a pressão do público ajudam o arquitecto na ética de construir.

Atanásio, Pe. Manuel Cardoso 1959

Evidenciar a “verdade” da matéria na sua simples essência plástica foi lema para a criação do lugar sagrado, o espaço autêntico e durável, que convida à comunhão de verdade e simplicidade!

Outro valor Moderno é a simplicidade. O gosto contemporâneo aprecia sobretudo, aquele género de beleza (haverá outro?) que resulta do esplendor da verdade.

Simplicidade não é equivalente de pobreza, de nudez, de carência, como se poderia julgar por certas igrejas que ainda não foram acabadas.

A simplicidade resulta da justeza, da pureza, da unidade. Só se consegue por esforço humilde de selecção, de renúncia, de purificação. Repugna-lhe a afectação, o artifício, a grandiloquência.

Cerejeira, D. Manuel Gonçalves 1953

A criação de uma arquitectura sacra moderna com identidade regional valorizou a natureza dos materiais, colocando em destaque superfícies trabalhadas quase num jeito artesanal. As paredes em pedra aparelhada, os trabalhos de serralharia, de marcenaria e azulejaria, demonstram esta vontade de integração.

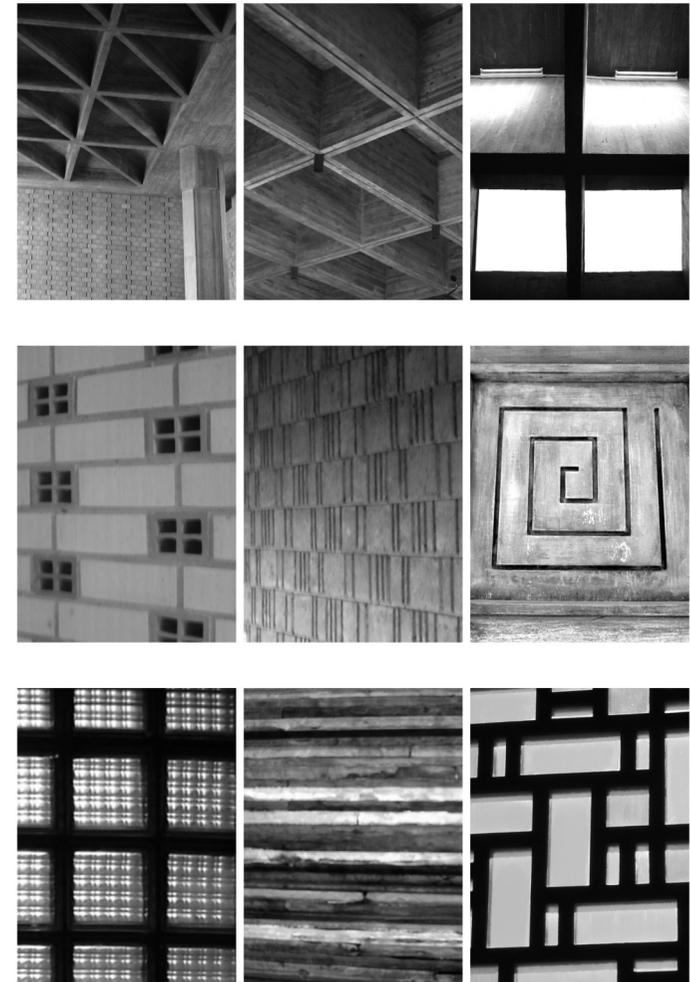
A arquitectura elevava assim o saber e tradição locais, não os subjugando à importação de uma arquitectura moderna internacional.

Num segundo momento, podemos identificar um conjunto de projectos em que a materialidade se confinou a expressão da própria estrutura. A franqueza e sobriedade são valores subjacentes à ideia de uma igreja que ser quer nobre mas pobre. A nobreza do espaço sagrado é conseguida, não pela riqueza dos materiais, mas antes pela própria estrutura que se revelava capaz de criar beleza exaltada com sábios jogos de luz, e tirando proveito das qualidades plásticas como texturas, brilhos e reflexos.

A identidade do lugar sagrado é indissociável da matéria que o compõe, uma vez que esta não só o caracteriza mas também lhe impõe um ambiente específico. A vivência de uma espiritualidade é motivada pela envolvimento, seja ela uma parede revestida de representações iconográficas, uma parede de betão, uma superfície envidraçada ou um abstracto “pano branco”.

A nossa sensibilidade, como arquitectos, leva-nos a dar uma preferência por uma legível verdade construtiva aparente. Temos obras que, em termos construtivos, talvez não sejam nada verdadeiras mas são profundamente emotivas e expressivas. Também aí, eu não saberia dar uma receita permanente. Eu acho que, como arquitectos, nós gostamos de perceber como as coisas são feitas. Que a solidez é uma solidez teológica, que a gente percebe onde é que estão os elementos estruturais persistentes, o que é tapamento. O que é osso e o que é pele! Mas não quer dizer que, em termos de liturgia, isso tenha que ser levado ao extremo.

Cunha, Luís 2005
entrevista



1 a 3 | coberturas: Sagrado Coração de Jesus (Lisboa),
Na. Sra. da Boavista (Porto) e Na. Sra. da Conceição (Lisboa)
4 a 5 | paredes: Cristo-Rei (Lisboa) e Sagrado Coração de Jesus (Lisboa)
6 e 8 | pormenores de portas: Dehonianos (Coimbra) e S. Jorge de Arroios (Lisboa)
7 e 9 | vãos: Na. Sra. da Conceição (Lisboa) e Sta. Eufémia (Leiria)

projecto e experimentação

23. *Para conservar a sã tradição e abrir ao mesmo tempo o caminho a um progresso legítimo, faça-se uma acurada investigação teológica, histórica e pastoral acerca de cada uma das partes da Liturgia que devem ser revistas. Tenham-se ainda em consideração as leis gerais da estrutura e do espírito da Liturgia, a experiência adquirida nas recentes reformas litúrgicas e nos indultos aqui e além concedidos. Finalmente, não se introduzam inovações, a não ser que uma utilidade autêntica e certa da Igreja o exija, e com a preocupação de que as novas formas como que surjam a partir das já existentes.*

Concílio Vaticano II, Sacrosanctum Concilium

Este talvez seja um artigo chave para a compreensão do que é mudança dentro da igreja. Uma experiência que é sempre de continuidade, onde a “descontinuidade” não adquire o significado de ruptura. O aperfeiçoamento é desafio colocado constantemente, sempre enraizado numa cultura assimilada no decorrer do tempo. A arquitectura, na sua vertente de projecto, acompanha todo este longo e lento processo.

As inovações, as formas que “realmente resultaram”, não são fruto de um simples “génio criativo”, mas sim de diálogo aberto e de uma comunidade receptiva. Só assim o espaço sagrado se torna *vivido*, do mesmo modo que uma casa é fruto de um “*querer habitar*” de uma família.

O Movimento de Renovação de Arte Sacra (MRAR) foi uma plataforma de debate que muito contribuiu para a abertura de um diálogo que se revelou essencial para o sucesso de algumas das igrejas construídas, ainda que hoje as consideremos datadas pelo gosto da época. A reflexão de todo um grupo de interessados, que

não englobava somente arquitectos, tornou mais rico todo o processo projectual. O auxílio de teólogos e párocos foi uma mais valia essencial para a realização de edifícios que se enchiam de significado. Este envolvimento comprometido e responsável viria a ser reconhecido posteriormente pela Igreja no decorrer do Concílio Vaticano II.

127. *Cuidem os Bispos de, por si ou por sacerdotes idóneos e que conheçam e amem a arte, imbuir os artistas do espírito da arte sacra e da sagrada Liturgia.*

Recomenda-se também, para formar os artistas, a criação de Escolas ou Academias de arte sacra, onde parecer oportuno.

Recordem-se constantemente os artistas que desejam, levados pela sua inspiração, servir a glória de Deus na santa Igreja, de que a sua actividade é, de algum modo, uma sagrada imitação de Deus criador e de que as suas obras se destinam ao culto católico, à edificação, piedade e instrução religiosa dos fiéis.

Concílio Vaticano II, Sacrosanctum Concilium

Contudo, o movimento foi criticado por se centrar excessivamente nas questões relativas à localização das peças necessárias para o bom desenvolvimentos dos ritos litúrgicos.

Até que ponto será justificável o critério de subordinar exhaustivamente o processo criativo dos projectos de igrejas àquilo que poderemos definir por funcionalismo litúrgico, menosprezando todos os infindáveis e fecundíssimos recursos da subordinação desse mesmo processo criativo à capacidade de dramatização dos espaços ainda que, evidentemente, com estrito respeito das exigências litúrgicas em jogo.

Portas, Nuno 1957

Partindo deste princípio a arquitectura religiosa centrou-se ao longo da década de 50 e 60, numa lógica de funcionalismo litúrgico. A dialéctica centrava-se entre a arquitectura significante versus liturgia, tendo sido o bom “funcionalismo litúrgico”

meta primeira da arquitectura. É pois, possível de identificar um conjunto vasto de igrejas que procuraram responder de modo evidente aos problemas de índole funcional. Reproduziram-se modelos distributivos tipo, onde a boa visibilidade e a criação de espaço unitário, da assembleia e dos presbíteros, estivessem presentes. A proximidade poucas vezes foi realmente testada...

A tendência no desenho de igrejas, nos últimos anos, tem estado direccionada para desenhar espaços quase como auditórios, com escassa atmosfera. Queria fazer um edifício que pudesse transmitir a ideia de igreja na sua forma, e isso automaticamente supunha reconsiderar a tradição.

Siza, Álvaro 1999

A “experimentação” passava essencialmente pela composição em torno da organização do espaço, fruto de um conhecimento profundo das normativas eclesiais e dos rituais litúrgicos. O grau de independência intrínseco ao acto criativo da arquitectura escondia-se por detrás da caracterização de um espaço físico quase sem significado. A arquitectura enquanto acto disciplinar parte da interpretação de um programa para lhe dar forma no desenho, de modo a que os espaços transcendam a função (Kahn, Louis 1957), podendo assim ser conseguida a valorização e dignificação do espaço enquanto lugar. O processo de apresentação e discussão do projecto são peças fundamentais para que a igreja possa ser entendida como monumento, lido por uma comunidade que participa e que o vive. O reconstruir o “modelo significativo” trazido pela história ganha assim sentido!

128. Revejam-se o mais depressa possível, juntamente com os livros litúrgicos, os cânones e determinações eclesiais atinentes ao conjunto das coisas externas que se referem ao culto, sobretudo quanto a uma construção funcional e digna dos edifícios sagrados, erecção e forma dos altares, nobreza, disposição e segurança dos sacrários, dignidade e funcionalidade do baptistério, conveniente disposição das imagens, decoração e ornamentos. Corrijam-se ou desapareçam as normas que

parecem menos de acordo com a reforma da Liturgia; mantenham-se e introduzam-se as que forem julgadas aptas a promovê-la. Neste particular e especialmente quanto à matéria e forma dos objectos e das vestes sagradas, o sagrado Concílio concede às Conferências episcopais das várias regiões a faculdade de fazer a adaptação às necessidades e costumes dos lugares.

Concílio Vaticano II, Sacrosanctum Concilium

O carácter unitário de todo o conjunto é símbolo de integridade. Um trabalho global que envolve não só a arquitectura, mas também as restantes artes, da parede à estola, é expressão máxima de autenticidade. Por isso assistimos cada vez mais a projectos globais, que dão forma e coerência a todo o conjunto sagrado, sem que o santo valha mais que a representação de Cristo, ou em que a cadeira presidencial tenha mais presença que o ambão.

A experimentação à escala das pequenas comunidades crentes mereceria também análise. O universo das capelas de conventos, mosteiros, casas diocesanas, colégios, pode ser exemplo onde a participação da assembleia tenha um significado mais forte, traduzido numa arquitectura mais livre (ver anexos).

088

A ideia do puro contentor era possível (...) onde o acto litúrgico era expressão de um grupo restrito, que vivia uma intensa experiência comunitária, impossível na vida normal de uma paróquia.

Schwarz, Rudolph 1960

Num espaço intimista e acolhedor, as exigências do “rito” não têm a mesma força, ganhando todo um outro significado mais próximo do essencial, tal como experimentou Rudolph Schwarz em Rothenfelds.

Pois onde estiverem reunidos em Meu nome, dois ou três, Eu estarei no meio deles.
Mt19,20

III. ideias finais

Igreja: espaço de encontro conosco, com os outros e com Deus

Todo o espaço realmente habitado traz a essência de casa (...) a imaginação trabalha nesse sentido quando o ser encontrou menor abrigo: veremos a imaginação construir paredes com sombras impalpáveis, reconfortar-se com ilusões de protecção – ou inversamente, tremer atrás de grossos muros, duvidar das mais sólidas muralhas.

Bachelard, Gaston 1957

Perceber a igreja como **casa** é o ponto de partida para estas últimas notas. A igreja, enquanto objecto construído, é vivida. Não só em comunidade, mas individualmente também. Ora é especialmente neste contexto do indivíduo que os conceitos de acolhimento e refúgio ganham mais sentido. Assim, podemos entender a igreja como lugar de encontro. São as experiências da verdade e da fé que nos fazem dizer tratar-se de um lugar sagrado, pois vemos nela o lugar, o “contentor de existência” da nossa relação com Deus, não fosse “*logos, a casa do ser*”¹.

Paralelamente, o edifício da igreja procura também concentrar a ideia de colectivo, da partilha e comunhão, e tende por isso a manifestar referências espaciais da cultura, da identidade de um lugar e de uma **comunidade**.

A casa de Deus tem que servir as pessoas dos nossos dias. Os nossos contemporâneos devem sentir-se atraídos por ela. Ela deve responder às suas exigências e tendências legítimas: a aspiração à comunidade; a exigência de verdade e sinceridade; ao desejo de abandonar as coisas periféricas para se concentrar no que é essencial; a exigência de clareza, luminosidade e lucidez; uma nostalgia da calma e da paz; um desejo de uma intimidade acolhedora; uma necessidade de segurança.

Klauser, Theodor 1956

Se por um lado a igreja pertence ao lugar, por outro deve transcendê-lo, recontando, mais do que o sentimento de pertença, o de **universalidade**. A Igreja define-se como Universal e não composta por um só “povo eleito”. Por isso tem a igreja que representar valores partilhados e perenes, que embora relacionados com a tradição não se limitem ao tempo nem ao espaço!

Pela sua forma e linguagem arquitectónicas, a igreja revela e exprime “ser monumento”, que não serve só para ser visto e lembrado. Mais do que aparatosa, grandiosa e monumental a igreja faz um apelo à simplicidade, um convite ao *encontro*! A **memória**, que atravessa toda a história da Igreja é razão de ser da sua construção: de “*geração em geração*”² e “*em Minha memória*”³.

A construção da igreja está assim relacionada com a história, com a cultura de um tempo e de um lugar. O seu carácter sagrado está também relacionado com as formas interpretativas dadas pela especificidade de uma religião, cuja tradição e códigos mandam celebrar uma liturgia estruturada por regras, que transmite valores, define papéis e sugere comportamentos.

É tarefa da arquitectura **representar** e **organizar** em espaço. Procurando o equilíbrio, evitando cair na rigidez “funcionalista” que caracterizou algumas das obras construídas no último século. Dar sentido e forma à ideia pós-conciliar do edifício para o culto, fundada numa **nova liturgia** que não é ruptura mas adaptação aos “*sinais dos tempos*”⁴, é ainda hoje o desafio!

Assistimos, na sequência do Concílio Vaticano II, à continuação de um período intenso na procura e produção de formas que convidassem à **participação** mais

activa da comunidade. Reflectiam-se assim na Igreja os rumos de um quadro sociológico novo, movido pela ideia de mudança. Foram criadas igrejas que quiseram ser manifestos de ruptura, mas que talvez não tenham passado da tentativa de criar novos modelos para um espaço de encontro, acentuadamente vivido em comunidade.

A **experimentação** foi fundamental para poder testar e reconhecer os potenciais de cada proposta, mas porventura também as suas fragilidades.

A visibilidade foi tida como essencial para o exercício de aproximação. Por isso fez sentido o avançar da mesa eucarística ao encontro da comunidade e talvez tenha sido necessário dispor a assembleia num anfiteatro para perceber que o presbitério não é um simples palco nem a eucaristia se pode reduzir a uma mera representação teatral, ainda que participada de perto!

A comunidade é elemento essencial para o viver da fé e a igreja é, por excelência, o seu lugar de encontro. Contudo, a ideia de comunidade paroquial é hoje diferente daquela que caracterizava as décadas de 60 e 70 e, por isso, urge repensar o seu significado e os anseios perante um espaço de natureza sagrada, em cidades compostas por comunidades que não se esgotam numa simples delimitação geográfica.

A saudade e a nostalgia da igreja como símbolo podem conduzir assim ao culto de formas, mais do que as formas apropriadas ao culto, tão exploradas por Rudolf Schwarz.

Olhar cada uma das obras analisadas neste trabalho, cada uma das **diferentes moradas**, ajudou a perceber a diversidade plural do desenho de

formas que apelam à participação, seguindo a lógica de uma Igreja que se propõe e não se impõe.

Trabalhar a **unidade** espacial num espaço que é por natureza complexo e cheio de relações, (ou não fosse a igreja um organismo em que cada uma das partes é cheia de significado, desde a porta de entrada até à mesa do altar no presbitério) foi um desafio constante! Perceber a especificidade de cada uma das partes, a importância delas no decorrer de uma cerimónia litúrgica ou fora dela, revelou-se essencial para perceber o peso, destaque e protagonismo atribuídos a cada uma. É neste contexto que lugares aparentemente tão simples, como a entrada ou o lugar da comunhão, ganham especial sentido e valor, não podendo por isso ser desprezados.

Cortar o redundante e trabalhar a **simplicidade** é talvez outra das ideias-chave que esteve e está presente neste início de século, por detrás da concepção do espaço sagrado, evitando as abordagens meramente funcionais que desprezam a poética tão necessária para o espaço de encontro que é efectivamente especial. O convite à depuração é porém exigente, não se resumindo ao simples corte com a tradição e rejeitando o excesso de zelo expresso na introdução de um número infundável de símbolos a sublinharem a identidade de cada um dos espaços da igreja.

É hoje necessário rever a integração dos símbolos, figurados nalgumas “obras de arte sacra”, e reflectir acerca do seu papel e contributo. De facto, vitrais, pinturas, painéis cerâmicos, representações escultóricas, obras de ourivesaria e alfaias litúrgicas são elementos co-responsáveis pela caracterização espacial que podem contribuir ou não para uma harmonia global do conjunto.

Procura-se nas formas o valor do **autêntico**, daquilo que não é meramente superficial! Os recursos da arquitectura, do desenho à técnica, são essenciais para a criação deste lugar signficante.

Serão então desnecessárias explicações sobre as escolhas formais, não será necessário dizer por que se sobe três ou sete degraus para o presbitério, ou por que razão o altar está no centro.

Diferentes materiais e combinações de materiais podem constituir respostas para a criação do lugar do **silêncio** “que não é vazio”⁵, essencial na construção de um espaço para oração, que a igreja representa. A luz e a sombra, inteligentemente distribuídas, são elementos base para conseguir, simultaneamente, responder às necessidades práticas e criar um ambiente envolto de mistério... Assim, num ambiente signficante, o *visível da igreja favorecerá a contemplação do Invisível!*⁶

Neste trabalho foi identificado um conjunto de temas a abordar num projecto de construção de uma igreja – um espaço onde se respire **equilíbrio e paz**, que respeite o percurso de cada um e a identidade da comunidade que serve.

É por isso que a igreja é mais do que um simples objecto de arquitectura de uso público: é *casa de encontro* onde celebraremos uns com os outros em comunidade, mas onde estaremos inevitavelmente sós no encontro com Deus.

À arquitectura cabe materializá-la enquanto morada!

O desafio estará aí, sabendo que a arquitectura é limitada ao tempo e ao espaço, mas que deseja, ultrapassar a linguagem característica do momento.

A igreja far-se-á valer mais pelo conceito do que pela estética! Não será fruto do simples devaneio criativo, mas sim do génio que, levando beleza, vai ao

encontro dos anseios escutados de uma comunidade. Se assim se fizer, a validade e pertinência da obra estarão justificadas e o seu limite não se esgotará na construção.

A Igreja, na sua **busca da essência**, demonstra de forma evidente a importância de tais princípios que, de uma maneira geral, se podem aplicar a toda construção... Assim se criarão *vividoss lugares de encontro!*

Poder-se-ia exprimir tudo isto dizendo: importa evangelizar – não de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade e isto é até às suas raízes – a cultura e as culturas do homem, a partir sempre da pessoa e fazendo continuamente apelo para as relações das pessoas entre si e com Deus.

Paulo VI, Evangelii Nuntiandi 1975

1 - Cf. Belo, Fernando, Heidegger pensador da terra, 1992

2 - Ex 12, 41-42

3 - 1 Cor 11, 24-26

4 - Gaudium e Spes – Constituição da Igreja no mundo actual, Concílio Vaticano II 1965

5 - Guardini, Romano 1931

6 - Ano da Eucaristia - Sugestões e propostas, Vaticano 2004

IV. bibliografia

ABRUZZINI, Eugénio - 1983

Nuovi edifici sacri: considerazioni per una ricerca ecclesiale dell'architettura
in "Parole e linguaggio dell'architettura religiosa 1963-1983"
Faenza Editrice 1983

ATANASIO, Pe. Manuel Cardoso - 1959

Arte moderna e Arte da igreja – critérios para julgar e normas de construção
Ministério das Obras Públicas.
Centro de Estudos de Urbanismo, Coimbra 1959

AZEVEDO, Carlos Moreira (direcção) - 2000

Dicionário de História Religiosa em Portugal
Centro de Estudos da Universidade Católica Portuguesa
Círculo de Leitores, 2000

AZEVEDO, Carlos Moreira (direcção) - 2001

História Religiosa em Portugal vol-III
Centro de Estudos da Universidade Católica Portuguesa
Círculo de Leitores, 2001

BACHELARD, Gaston - 1957

Poética do Espaço
Martins Fontes, São Paulo 1998

BAGLIONE, Chiara - 1996

Il mondo sulla soglia. L'architettura sacra di Rudolph Schwarz
in "Casabella", nº 640-641, Dec-Jan 1996-1997

BENEDETTI, Sandro - 1987

Complessità e significati nell'architettura sacra dopo Concilio
in "Lo Spazio Eloquente, L'architettura sacra nell' Triveneto 1963-1986",
edizione Biblioteca dell'immagine, 1987

BÍBLIA SAGRADA

BOTELHO, Manuel - 1995

Espaço e materiais da construção sacra. Ambiente celebrativa
in "Theologica - Arte e Igreja, Ruptura ou Comunhão",
Universidade Católica Portuguesa Faculdade de Teologia, Braga 1995

BRAGA DA CRUZ, Manuel; GUEDES, Natália – 2000

A Igreja e a cultura contemporânea em Portugal
Universidade Católica Editora, 2000

CACCIARI, Massimo - 1996

Ecclesia
in "Casabella", nº 640-641, Dec-Jan 1996-1997

CATTI, Giovanni - 1983

Spazio Liturgico e pedagogia della parola
in "Parole e linguaggio dell'architettura religiosa 1963-1983,
20 anni di realizzazione in Italia"
Faenza Editrice 1983

CEREJEIRA, D. Manuel Gonçalves - 1953

Pastoral sobre arte sacra
in "Lumen", Lisboa Maio de 1953

CLETO, D. Albino Mamede - 1995

Arte e Liturgia. Expressão do Homem, Revelação de Deus
in "Theologica - Arte e Igreja, Ruptura ou Comunhão"
Universidade Católica Portuguesa Faculdade de Teologia, Braga 1995

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II - 1965

Gaudium e Spes – Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo actual
Vaticano 1965

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II - 1965

Lumen gentium – Constituição Dogmática A Igreja
Vaticano 1964

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II - 1963

Sacrosanctum Concilium – Constituição sobre a Sagrada Liturgia
Vaticano 1963

CONGREGAÇÃO DO CULTO DIVINO - 1969

Instrução Geral do Missal Romano
3ª edição portuguesa 1992

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO
E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS - 2004
Ano da Eucaristia – sugestões e propostas
Vaticano, 15 de Outubro de 2004

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO
E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS - 2004
Instrução - Redemptionis sacramentum
Vaticano, 25 de Março de 2004

CRIPPA, Maria Antonietta - 1987
Beleza del sacro e sacralità del bello
in “*Lo Spazio Eloquente, L’architettura sacra nell Triveneto 1963-1986*”,
edizione Biblioteca dell’immagine ,1987

CRIPPA, Maria Antonietta - 1996
*A renovação do Concílio Vaticano II,
suas consequências para a arquitectura e para a arte*
in “*Novas Igrejas de Vários Tempos –
Actas do colóquio sobre arquitectura e arte sacra,
Lisboa - Mosteiro de S. Vicente Fora, 16 e 17 de Novembro de 1996*”
Rei dos Livros 1998

CUNHA, Luís - 1957
Arquitectura religiosa moderna
Imprensa Portuguesa, Porto 1957

CUNHA, Luís - 1972
Alguns exemplos de moderna arquitectura sacra
in “*Ora e Labora*”, nº23, Janeiro de 1972

ELIADE, Mircea - 1956
Sagrado e o Profano: A essência das religiões
Edição “Livros do Brasil” Lisboa sd

FERNANDES, Fátima; CANNATÀ, Michele - 2002
Guia da arquitectura moderna, Porto 1925-2002
Edições ASA, 2002

FERNANDES, José Manuel - 1994
*Catálogo da exposição “Anos de ruptura - arquitectura portuguesa
nos anos sessenta”;*
Lisboa Capital Europeia da Cultura
Livros Horizonte; 1994

FERNANDES, José Manuel - 2000
Arquitectura Religiosa
in “*A Igreja e a cultura contemporânea em Portugal*”
Universidade Católica Editora, 2000

FERREIRA DA SILVA, Cidália - 1999
*Três momentos na arquitectura religiosa do séc. XX em Portugal
prova final para licenciatura DARQ – Universidade de Coimbra*
edição do autor 1999

FRANÇA, José Augusto - 1974
A arte em Portugal no séc. XX
Bertrand, Lisboa 1974

GOMES, Helena - 2000
A Arquitectura Religiosa do séc. XX
prova final para licenciatura FAUP – Universidade do Porto
edição do autor 2000

GONÇALVES, Manuel Rodrigues - 1972
Alguns exemplos de moderna arquitectura sacra
in “*Ora e Labora*”, nº23, Janeiro de 1972

HIGINIO, Nuno; SIZA, Álvaro – 1998
Igreja de Santa Maria – Marco de Canaveses
Edição da Paróquia de Santa Marinha e Francisco Guedes, 1998

HUMPHREY, Caroline; VIETESKY, Piers - 2002
Arquitectura Sagrada
Taschen, 2002

JOÃO PAULO II - 2003
Carta Apostólica “Spiritus et Sponsa”, sobre a Sagrada Liturgia
Vaticano, 4 de Dezembro de 2003

JOÃO PAULO II - 2004

Carta Apostólica "Mane Nobiscum Domine", para o ano da Eucaristia
Vaticano, 7 de Outubro de 2004

JODIDIO, Philip – 1999

Álvaro Siza
Taschen, 1999

Klauser, Theodor - 1956

Petite histoire de la liturgie occidentale,
Cerf, Paris 1956

MARTIMORT, Aimé-George - 1965

A Igreja em oração- introdução à liturgia
Ora e labora e Desclée e Cie, 1965

MARTINI, Carlo Martine - cardinale arcievescovo di Milano - 1996

Il mistero indicibile
in "Casabella", nº 640-641, Dec-Jan 1996-1997

MASIERO, Roberto - 1996

Rudolph Schwarz: l'altra modernità
in "Casabella", nº 640-641, Dec-Jan 1996-1997

MELO, Alfredo - 2000

Lugar e sede do sacramento da penitência
Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2000

MENÉRES, Clara - 2000

Artes Plásticas de Temática Religiosa
in "A Igreja e a cultura contemporânea em Portugal"
Universidade Católica Editora, 2000

MIRANDA, Elisiário - 2004

Arquitectura e Liturgia em Portugal 1926-1974
prova de aptidão pedagógica e capacidade científica,
DAAUM - Universidade do Minho
edição do autor 2004

MONTEIRO, Crisóstomo - 1972

Igrejas Modernas: Novo Rosto da velha Casa de Deus
in "Ora e Labora", nº23, Janeiro de 1972

MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO DE ARTE RELIGIOSA;

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN - 1959
Catálogo da exposição "Arte sacra"
Porto 1959

MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO DE ARTE RELIGIOSA - 1961

Boletim do MRAR, nº7 Dezembro 1961

MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO DE ARTE RELIGIOSA - 1962

Boletim do MRAR, nº11 Abril 1962

MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO DE ARTE RELIGIOSA - 1964

Boletim do MRAR, nº29 Janeiro-Março 1964

PARÓQUIA DO CARVALHIDO - 2000

Mensagem do Carvalhido - revista paroquial nº19
Porto 2000

PARÓQUIA DO CARVALHIDO - 2004

Mensagem do Carvalhido - revista paroquial nº23
Porto 2004

PARÓQUIA DE CRISTO REI DA PORTELA - 1998

Igreja Paroquial da Portela, obra de Luís Cunha
Lisboa 1998

PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA BOAVISTA - 1998

Paróquia de Nossa Senhora da Boavista- 25 anos 1973-1998
Porto 1998

PARÓQUIA DE SANTA JOANA PRINCESA - 1976

Igreja Paroquial de Santa Joana Princesa, Notas explicativas
Aveiro 1976

PAULO VI - 1975

Exortação Apostólica - Evangelii Nuntiandi
Vaticano, 8 Dezembro de 1975

PEHNT, Wolfgang - 1996

La luce nell'oscurità: Mies van der Rohe e Rudolf Schwarz
in "Casabella", nº 640-641, Dec-Jan 1996-1997

PEHNT, Wolfgang; STROHL, Hilde – 2000

Rudolph Schwarz 1897 –1961
Electa, Milano 2000

PEREIRA, José Carlos – 2000

O Movimento de Renovação da Arte Religiosa
in "Arte Teoria - revista do mestrado de teorias de arte
da faculdade de belas artes da universidade de Lisboa", nº1, 2000

PEREIRA, Nuno Teotónio

Escritos (1947-1996 selecção)
Faup publicações, Porto 1996

PEREIRA, Nuno Teotónio; PORTAS, Nuno - 1962

*Concurso de anteprojectos para a Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus
e seus anexos*
in "Arquitectura", nº76, 1962

PETERS, Paulhans - 1970

Temas de arquitectura actual 2 – Iglesias y Centros Parroquiales
Gustavo Gili, 1970

PORTAS, Nuno - 1957

Arquitectura Religiosa em Portugal
In "Arquitectura", nº60, 1957

PORTAS, Nuno - 1971

Testemunho de um dos autores
in "Arquitectura", nº123, 1971

PORTAS, Nuno 2004

Igreja do Sagrado Coração de Jesus
In "Público, Suplemento Mil folhas", 26 Junho 2004

RAMOS, Margarida - 2004

Experiências de luz no espaço litúrgico
prova final para licenciatura FAUP – Universidade do Porto
edição do autor 2004

RIBEIRO, José Manuel de Oliveira - 1995

Trilogia temporal da Arte cristã. Criação, Significação, Testemunho
in "Theologica - Arte e Igreja, Ruptura ou Comunhão",
Universidade Católica Portuguesa Faculdade de Teologia
II série, vol XXX, fasc.1, Braga 1995

RICCA, Agostinho; RODRIGUES, Jacinto - 2001

Agostinho Ricca – projectos e obras 1948 a 1995
Ordem dos Arquitectos zona Norte

RICCA, Agostinho - 2002

Um espírito inconformado - entrevista
in "Arquitectura e Vida", nº27, Maio de 2002

SÁ, Fernanda - 2000

O Espaço Litúrgico
prova final para licenciatura FAUP – Universidade do Porto
edição do autor 2000

SCHWARZ, Rudolf - 1960

Kirchenbau
F. H. Kerle Verlag - Heidelberg 1960

SCHNELL, Hugo - 1960

Novas igrejas na Alemanha/ Congresso Eucarístico Internacional
Zurich 1960

SECRETARIADO DAS NOVAS IGREJAS DO PATRIARCADO - 1988

Igreja e Centro paroquial – elucidário para a sua construção
Lisboa, 1988

SIZA, Álvaro - 1998
Entrevista com Álvaro Siza
in "Obradoiro" nº 27, 1998

SIZA, Álvaro - 1999
Álvaro Siza 1995-99
in "El Croquis" nº 95, 1999

SIZA, Álvaro - 2000
Imaginar a evidência
edições 70, 2000

TÁVORA, Fernando - 1962
Da organização do espaço
Faup publicações, Porto 1999

TOSTÕES, Ana - 2004
Arquitectura e Cidadania: Atelier de Nuno Teotónio Pereira
Quimera Editores, Lisboa 2004

TOSTÕES, Ana - 1997
Os verdes anos da arquitectura portuguesa
FAUP publicações, Porto 1997

TRIACCA, Achille; SARTORE, Domenico -1984
Dicionário de Liturgia
Edições Paulinas, São Paulo 1992

VARALDO, Giuseppe - 1987
La ristrutturazione dell'area presbiteriale
in "Lo Spazio Eloquente, L'architettura sacra nell Triveneto 1963-1986",
edizione Biblioteca dell'immagine, 1987

ZAHNER, Walter - 2004
Christian Ecclesiastical Architecture – Developments from the 1920s in "Detail
Konzept 9", Ecclesiastical Buildings, September 2004

V. anexos

índice dos anexos

Conversa com Luís Cunha	anexo I	
Directivas para construção de igrejas no espírito da liturgia romana normas saídas à responsabilidade do episcopado alemão	anexo II	
	anexo III	
1949-1957 igreja paroquial de Águas, Penamacor (Guarda)	01	
1953-1956 igreja de Santo António, Moscavide (Lisboa)	02	
1955-1957 igreja de São José, Solum (Coimbra)	03	
1958-1966 igreja de São Bernardo (Aveiro)	04	
1960-1968 igreja de Santa Eufémia (Leiria)	05	
1962-1970 igreja do Sagrado Coração de Jesus (Lisboa)	06	
1962-1972 igreja de São Jorge, Arroios (Lisboa)	07	
1966-1975 igreja de São Martinho, Cedofeita (Porto)	08	
1967-1977 igreja do Sagrado Coração de Jesus, Carvalhido (Porto)	09	
1968 igreja de Nossa Senhora de Fátima, Mamodeiro (Aveiro)	10	anexo I
1970-1982 igreja do Sagrado Coração de Jesus (Viseu)	11	Entrevista a Luís Cunha, realizada para este trabalho a 22 de Setembro de 2005, em sua casa, Lisboa.
1971-1976 igreja de Santa Joana Princesa (Aveiro)	12	
1975-1981 igreja da Nossa Senhora da Boavista, Foco (Porto)	13	
1979-1986 igreja do Patronato de Mangualde (Viseu)	14	anexo II
1980-1988 igreja de Nossa Senhora da Conceição, Olivais (Lisboa)	15	Tradução do documento “Petit histoire de la liturgie occidentale” para a construção de igrejas, de Theodor Klauser, aprovado pelo episcopado alemão, e utilizado como referência em Portugal até a um novo criado pelo Secretariado das Novas Igrejas do Patriarcado.
1981-1992 igreja de Cristo-Rei, Portela de Sacavém (Lisboa)	16	
1989-1996 igreja de Santa Maria, Marco de Canavezes (Porto)	17	
1990-2004 igreja paroquial de Ramalde (Porto)	18	
Análise comparada	19	anexo III
		Análise sistemática de cada uma das obras, para acompanhamento da leitura do trabalho. Fotografias realizadas durante as visitas às obras (com excepção das fotografias das igrejas de Águas de Penamacor e do Marco de Canavezes). Plantas, rigorosas e esquemáticas, onde se assinala a distribuição do programa. Quadro de síntese das igrejas.
Outros projectos	anexo IV	
João Pedro Mota Lima		
igreja Rio de Couros, capela Na. Sra. de Fátima, capela de Oleiros	01	
capela numa base aérea	02	
capela do Seminário da Boa-Nova, Valadares	03	anexo IV
capela da Casa Diocesana de Albergaria, Aveiro	04	Outros projectos de João Pedro Mota Lima e apresentação de algumas capelas visitadas
capela do Centro de Reflexão e Encontro Universitário Inácio de Loiola; porto	05	
Informação digital de apoio	anexo V	anexo V
		Informação digital de apoio. Plantas e levantamento fotográfico das obras visitadas.

Conversa com Luís Cunha

Lisboa, 22 de Setembro de 2004

Organização e composição do espaço litúrgico

O Espaço sagrado - o que é que o faz?

Ordem, distribuição e valores

Luís Cunha (LC): O espaço sagrado é fundamentalmente um espaço apartado do resto. Pressupõe-se que Deus está em toda a parte mas a percepção da presença de Deus pelo Homem é sempre uma percepção que está sujeita aos nossos próprios sentidos de entender o mundo e, portanto, a ideia de sagrado é sempre uma coisa que está separada do resto, que se define. “É mais sagrado aqui do que é ali” daí que toda a simbologia antiga da consagração no espaço, quer fosse o espaço de uma cidade inteira quer fosse o do santuário, do local de culto é sempre separada do resto. Portanto, digamos criar condições em que a pessoa sinta que está envolvida pelo sagrado, mas excluindo aquilo que se pode chamar o mundo. Nas igrejas, o que se pretende é um espaço que seja tranquilo, que não perturbe, que tenha uma iluminação sugestiva e que tenha alguma funcionalidade em relação aos actos litúrgicos. Receitas em termos de expressão não as há, e a própria Igreja, sobretudo a Igreja Católica, nunca definiu normas a ponto de dizer “é assim e não pode ser de outra maneira”, o que não acontece com outras religiões. Por exemplo, entre os muçulmanos há modelos que não podem ser alterados que vêm das normas primordiais. Na Igreja Católica não! Cada época entendeu o sagrado à sua maneira de acordo com a sua cultura, de acordo com particularidades topográficas. Enfim, a arquitectura cristã como uma herança universal em termos culturais. No nosso

tempo, o modelo predominante do século anterior estava a ser posto em causa, na medida em que os estudos teológicos sobre a liturgia apontavam para o regresso aos modelos originais, aos paradigmas primários. Impunha-se modificar espaços! A maior parte das igrejas não era muito fácil de alterar. Sobretudo com as igrejas novas houve a preocupação de lhes dar uma forma que fosse mais adequada à “representação litúrgica” porque as pessoas estavam num sentido mais envolvente, porque a decoração, isto é, as formas visuais que se podem associar aos actos litúrgicos que estão a ser processados, também precisavam de limpidez. Tudo isso levou a que as igrejas modernas ou contemporâneas experimentassem uma linguagem muito mais de acordo com a própria arquitectura laica que se estava fazendo. Aqui há um aspecto muito experimental, porque quando o concílio Vaticano II divulgou determinadas normas, para quem estava na linha de pesquisa anterior essas normas não eram, propriamente, novidades. Eram coisas que já se tinham experimentado na Bélgica, na Suíça, na Áustria, na Alemanha. Havia uma certa instabilidade, porque nas conversas e reuniões entre arquitectos, teólogos e liturgistas nem sempre havia uniformidade entre eles. A discordância em relação ao baptistério é nítida! O entendimento do local do baptistério era defendido por uns de uma maneira, por outros de outra e tudo assim. Em relação ao altar havia mais consenso. Em relação ao sítio da Palavra também havia uma grande diversidade de soluções. As igrejas que eu fiz ao longo dos anos, de certo modo, espelham essa instabilidade. Há soluções que nos pareciam mais adequadas em certa altura mas depois, 2, 3, 4, 5 anos depois achávamos que podia ser de outra maneira melhor. Nomeadamente, uma coisa que teve muita influência e que foi sendo progressivamente simplificada, era a delimitação dos espaços através de desníveis no chão. Houve uma altura em

que aquela ideia de exprimir a funcionalidade e hierarquia levava a que um espaço fosse um bocadinho mais alto, outro um bocadinho mais baixo. A certa altura aquilo era uma confusão que até estava lógica mas, na maneira de utilizar, aquilo era profundamente perturbador. Porque as pessoas até tropeçavam, esqueciam-se e depois havia um que não conhecia a igreja e dava um passo em falso... Essas pequeninas coisas!

Quando o concílio Vaticano II divulgou as normas litúrgicas, nomeadamente a maneira de celebrar a missa voltada para o povo, as coisas de certo modo acalmaram. Mas quando há normas também há outro risco: as pessoas procuram aplicar as normas de uma maneira cega e então também se fez muita igreja executando 'tal e qual' e também não pode ser assim! Eu penso que mesmo actualmente há uma revisão muito profunda em relação ao próprio concílio Vaticano II. Nomeadamente, a partir do movimento que tem sido desenvolvido em Itália animado por um rapaz espanhol que é também pintor que é o Quico Arguello e que tem conseguido, em Itália, fazer igrejas que têm muito sentido e que não são nada parecidas com as normas que o Vaticano II divulgou. São mais arcaicas ainda! Concretamente, na utilização dos baptistérios em que a criança que vai ser baptizada é mergulhada num banho. Esse esquema em Itália tem sido feito em vários sítios. Esse grupo italiano está também tentando que a nave não seja totalmente plana, que seja escalonada, de maneira a que o altar esteja no centro, mas no ponto mais baixo e depois as pessoas à volta distribuem-se em degraus de estádio - Haver uma ideia de convergência! Não pôr o altar lá em cima como qualquer coisa inacessível mas estimular no sentido duma humildade e de uma sacralidade. O Vaticano II não previa nada desses modelos.

observadores/participantes na liturgia

LC: Este actual Papa que foi discípulo de um liturgista alemão chamado Romano Guardini é nitidamente favorável à igreja longitudinal. Reactualizar em cada celebração a ideia do *caminho para*, portanto do percurso. Igrejas profundas em que as pessoas se aproximam para um núcleo que é a zona do altar.

zona presbiterial

LC: A grande distinção, dos últimos anos, foi destacar o altar da parede do fundo. A maior parte dos altares antigos, do séc. XVIII e XIX, eram altares que tinham a sua origem no altar como túmulo de um mártir, de um santo. A liturgia contemporânea revalorizou a imagem do altar como a própria imagem de Cristo. Não como um Cristo morto mas como um Cristo ressuscitado. Daí essa ideia toda de o trazer mais para o centro, de ser o centro da celebração. Portanto, o altar como mesa. Mas como mesa de uma acção que é também *memória*. Não é uma refeição qualquer, é uma refeição sagrada que tem em si uma dimensão de memória. Daí que, por exemplo, a ideia de mesa de quatro pés está hoje a ser posta bastante em causa. Continua a ser uma mesa grande e comunitária, mas uma mesa bloco. Uma mesa que se apresenta como monólito num espaço amplo. É que a celebração não é realizada exclusivamente num determinado local. Pressupõe uma acção do próprio celebrante juntamente com os fiéis e que, como tal, precisam de espaço. A celebração da palavra faz-se num sítio e a celebração eucarística noutra.

percursos
espaço central e longitudinal

LC: A questão do percurso torna-se muito mais convincente se o percurso se fizer a partir de um percurso exterior. Nem sempre é possível, mas potencializar o caminho a percorrer começando no exterior tem uma outra força e um outro significado. Às vezes, fazer um percurso só dentro - e então nas igrejas redondas - acaba por ser só um capricho. É forçado! Mas a questão do percurso é muito importante. Aliás, como são importantes todas as questões litúrgicas. A maior parte das pessoas de hoje não tiveram catequese em criança, não aprenderam com a família a estar numa celebração. Por exemplo, nesta igreja em frente de nossa casa, quando há casamentos, os convidados andam por ali de mãos nos bolsos e tal a conversar. Todo aquele ambiente de dispersão é prejudicial! Há necessidade de uma formação mesmo ao nível da sensibilidade, para perceber as coisas... porque senão é como se fosse um cinema!

LC: Perder o sentido de percurso dentro da igreja, eu acho que é uma pena. Pela minha parte tenho feito vários baptistérios e até já fiz alguns, a pedido de alguns padres, mais juntos ao altar. Eu, pessoalmente, prefiro o baptistério junto à entrada para que seja uma espécie de filtro de entrada.

baptistérios

LC: Jesus aceitou, quis mesmo ser baptizado por João Baptista. O João Baptista, uma espécie de último elo do antigo testamento, fazia um baptismo contra o pecado, era uma lavagem simbólica. No fundo, aquele homem estava obcecado pela ideia de que a falta humana, o pecado cortava a relação com Deus. Jesus

Cristo não precisava de se submeter a essa prova, ele que tinha uma auto consciência completamente diferente sentia isso. Mas por uma espécie de solidariedade com o seu povo e porque naquela altura considerava que não era conveniente escandalizar pois a *doutrinação* que ele queria fazer não estava divulgada, ele aceitou ser baptizado por João Baptista. O nosso baptismo é diferente daquele que fazia João Baptista. É uma restauração da confiança com o nosso Deus. Portanto, há uma atitude de confiança, aproximação, identificação, à nossa maneira, com um Deus que se nos dá em pleno amor, em plena aceitação. João Baptista ficou muito perturbado com aquilo que dizia Jesus Cristo. Ele que pensava que a humanidade seria toda exterminada pelo fogo vem agora um Outro que lhe diz que Deus é perdão que Deus é amor. *Coitado ele na sua boa vontade deve ter sofrido imenso!* Tanto que depois mandou perguntar através dos seus discípulos *“Ele é O tal que dizem que vem? É por Ele que devemos esperar ou devemos esperar outro?”* Isto só revela a perplexidade daquele homem que, na sua honestidade, estava num caminho totalmente diferente daquele que Jesus Cristo veio mostrar. O nosso baptismo é um caminho que também é de morte, mas é sobretudo de renascimento.

(LC: As confissões eram em massa. Na idade média, sobretudo, a adesão a uma fé religiosa fazia-se não por uma decisão pessoal mas porque o chefe mandava. Ele dizia que era assim e então todo o povo seguia. Desta forma, de um momento para o outro, sobretudo a partir das cruzadas, o baptistério não chegava para nada. Então, se havia um chefe militar que com o seu exército todo decidia *‘vamos ser cristãos’*, tinha que se baptizar toda aquela multidão. Nessa altura, aparecem aqueles grandes baptistérios, que há por exemplo em Roma, que são autênticas igrejas. São muito bonitos em termos arquitectónicos mas hoje aquilo não corresponde.)

baptistérios exteriores

LC: Eu acho que certas evoluções, mesmo contemporâneas, fazem perder o simbolismo desses actos. Não digo que, em termos de fé, as coisas sejam postas em causa. O baptismo celebrado junto ao altar tem a mesma validade. É evidente! Na medida em que começaram a haver baptismos de adultos faz muito mais sentido que a pessoa responsabilmente faça um bocadinho de aproximação e depois tenha um acto solene. Sanciona todo aquele caminho através do baptismo que é uma situação prévia em relação à entrada na comunidade. Não me faz impressão que haja esse tipo de baptistérios, sobretudo hoje que há tantos baptismos de adultos.

A água é um elemento altamente expressivo. Alguns sabem a composição química da água mas a água como imagem simbólica tem hoje muito pouco sentido.

baptistérios vs confessionários

LC: A pessoa que vai confessar-se pressupõe-se que já pertence à comunidade. Vai numa atitude de conversão interior, de arrependimento de qualquer coisa que porventura sente que transgrediu, não propriamente uma norma. Transgrediu ao nível do amor em relação aos outros por uma questão de egoísmo e raiva, de traição. Portanto em princípio não está irradiado da comunidade. Vai ali numa atitude de se sentir perdoado porque no fundo a essência que vem do relacionamento de Deus com os homens é uma essência de perdão.

confessionários

LC: Numa comunidade crente há sempre gente em estádios muito diferentes de vivência religiosa. Há os velinhos, há os de meia-idade, há os jovens. Isso perturba muito! Acho que não podemos enveredar por soluções muito radicais porque se uns ficam muito satisfeitos, outros sentem-se defraudados. Ora para uma pessoa que tem hoje 60/70 anos, se calhar, até se sentirá mal numa conversa com o sacerdote assim *cara a cara*, daí aqueles confessionários antigos com a grelha, com a rede... A verdade é que nós hoje entendemos a confissão como, por um lado, o reconhecimento do pecado pessoal mas por outro lado uma espécie de recurso ao aconselhamento de natureza espiritual. Há que tornar a confissão uma coisa mais profunda que nos toque mais porque o facto de chegar e dizer eu fiz isto *isto e isto*, em termos gerais tem o mesmo valor, mas em termos de construção psicológica da pessoa é capaz de não ser suficiente. Hoje fala-se tanto no acompanhamento espiritual quando há qualquer coisa, qualquer desastre. Ora, a Igreja é que tradicionalmente fazia esse tipo de acompanhamento e hoje a gente tem consciência de que há coisas que precisam de ser conversadas, com calma! Portanto, a existência de uma pequenina sala com duas cadeiras, onde as pessoas possam estar isoladamente a conversar, tem todo o sentido. Mas também temos que pensar que outros precisam de outro tipo de apoios físicos, como a rede. De maneira que eu acho que a ideia de uma capela penitencial é capaz de ser a coisa mais correcta, *uma pequenina capela*. Não é uma conversa de desabafos! A pessoa, em princípio, considera o sacerdote que tem na sua frente como uma imagem visível de Cristo e é em relação a Cristo que nós fazemos a nossa conversão.

Eu acho que faz sentido que a confissão seja dentro da igreja. Não faz sentido isolá-la, mas criar umas condições de boa audição, um certo recato de modo que a confissão seja até mais à vontade.

verticalidade e horizontalidade do espaço sagrado

LC: Eu pertencço a um movimento espiritual, que surgiu na Polónia, em que se faz uma grande insistência na humildade. A humildade é fundamentalmente uma atitude de baixar, de perceber que Deus não se atinge pelo nosso próprio esforço. Nós só podemos ter uma relação com o divino, uma relação extremamente passiva. Nós não podemos dizer: *eu quero aproximar-me de Deus!* Eu ponho-me numa atitude de tal maneira humilde e receptiva que Deus pode actuar em mim mas eu não posso, por iniciativa própria, comandar qualquer tipo de aproximação com êxito e isso também se pode traduzir um pouco em arquitectura. Por exemplo, a arquitectura monástica sempre explorou muito isso: uma atitude de passividade, de humildade, de simplicidade, de minimalismo. Se eu quisesse fazer uma igreja de uma extrema humildade talvez não conseguisse porque as pessoas não estariam sensíveis a esse tipo de valores.

verdade material

LC: A nossa sensibilidade, como arquitectos, leva-nos a dar uma preferência por uma legível *verdade construtiva aparente*. Temos obras que em termos construtivos talvez não sejam nada verdadeiras mas são profundamente emotivas, expressivas. Também aí, eu não saberia dar uma receita permanente. Eu acho que, como arquitectos, nós gostamos de perceber como as coisas são

feitas. Que a solidez é uma solidez teológica, que a gente percebe onde é que estão os elementos estruturais persistentes, o que é tapamento. O que é osso e o que é pele! Mas não quer dizer que, em termos de liturgia, isso tenha que ser levado ao extremo.

LC: Este preconceito contra aquilo que antes se chamava ornato levou a uma depuração, na maior parte dos casos, empobrecedora. O ornato não é, obrigatoriamente, uma coisa que se apoie por cima. A construção, na sua expressividade, pode ser também ornamental! Muitas vezes quando fazia coisas em tijolo era para que se percebessem as texturas, a materialidade das paredes. Uma parede completamente branca é de certo modo abstracta. Não se sabe o que está lá por dentro: *pode estar um papelinho ou pode estar um betão armado!* Essa aparente neutralidade, a mim, sempre me incomodou bastante!

a diversidade espacial num espaço uno: gente para a 1ª e para última fila

LC: Acredito que, na medida em que as pessoas entendam melhor a leitura dos símbolos, não faz muito sentido atitudes individuais. No nosso tempo, a leitura espontânea dos significados simbólicos desapareceu em grande parte. A maior parte das pessoas não saber ler uma cruz! A nossa cultura científica faz com que se entenda muito mais aquilo que se prova, aquilo que se visualiza. Nós sabemos que o pensamento nas épocas antigas em grande parte procedia por analogias. Hoje, a analogia não prova nada. *Se eu vir uma bola de futebol e um ovo de avestruz isso não prova nada, são coisas que na forma até são relativamente próximas*. Não podemos dizer que uma bola de futebol é um ovo de avestruz,

estou a exagerar, mas antigamente era desse tipo! Nas artes e na poesia isso funciona muito bem. A analogia é uma forma de conhecimento, com raízes muito antigas, que eu acho lamentável que se tenha perdido.

iconografia

LC: A doutrina sobre a vida eterna, que é no fundo a grande esperança que se dá aos crentes, explica-se muito melhor através de uma iconografia que mostra o céu, que mostra a presença simultânea de santos e anjos, do que através do abstracto. Talvez tenham oportunidade de visitar durante a vossa vida as igrejas bizantinas. Aquilo funciona lindamente! A gente sente-se arrebatado perante aqueles ambiente dourados, brilhantes, povoados de imagens. Tudo aquilo é de uma beleza extraordinária. Nem todas as pessoas têm capacidade de, perante uma parede branca, evocar todo aquele mundo!

depuração, experiência alemã

LC: Rudolph Schwarz teve a sua época, era legítimo! Eu hoje acho que aquilo trouxe perdas. Continuo fascinado com as coisas bizantinas, mesmo com as coisas pequeninas. Quando tive que fazer o santuário de São Bento da Porta Aberta, fui a Itália estudar as catedrais, saber como se faziam aqueles telhados enormes de madeira. Aquilo é tão bonito lá, que se torna fascinante! A maneira de construir um céu de madeira é uma coisa maravilhosa, para nós arquitectos. Há toda uma linguagem transposta da arquitectura de uma maneira poética para uma realidade que é transcendente, imaginada mais do que vista.

percursos e hierarquias

LC: A nossa capacidade de leitura dos espaços arquitectónicos é relativamente limitada. Se entrarmos num espaço que tenha muitas orientações, muitos planos, muitos desníveis, a certa altura perdemos a leitura do que é essencial. Eu acho que a igreja deve continuar a manifestar aquele equilíbrio da composição. Todo o classicismo se fez com regras que qualquer criança percebia! Regras muito simples de simetria, o eixo, a musicalidade, a relação com o sítio onde nasce o sol. *São coisas que qualquer pessoa entende!* Quando começamos a complexificar e a retorcer, a nossa capacidade de leitura dos ângulos é muito limitada. Percebemos bem um ângulo recto mas se o ângulo não é bem recto, às vezes, não se apanham essas subtilidades! Na questão do urbanismo isto é muito importante: a nossa capacidade de entendimento do espaço funciona segundo coordenadas muito simplificadas. Isso, no fundo, é um padrão de conforto que a gente pode dar aos nossos espaços arquitectónicos.

curva vs. linha recta

LC: Havia aqui um homem que era muito directo nas coisas que dizia, um dia conversando comigo, sabendo que eu era arquitecto, ele disse assim: *“Porque é que os arquitectos só fazem as coisas com linhas rectas? Se pudessem fazer com linhas curvas era capaz de ser tudo muito mais agradável!”*. Aquele homem, na sua simplicidade, tinha a percepção que a gente às vezes encerra-se em esquemas que nos encerram que nos manietam para além do admissível e às vezes exactamente a curva ajuda-nos a essa libertação.

esquemas orgânicos nos anos 60

Lc: Eu acho que os esquemas orgânicos são mudados a um grau de hegemonia em relação ao projecto geral, acho que são altamente perturbadores. Prefiro quando há linhas que se impõem com clareza. Isso não exclui que, em certas situações, haja uma atitude de libertação, mas essa atitude tipo *Frank Ghery*, confesso que vem um bocado à margem!

polivalência

LC: Santa Joana Princesa foi a maior experiência que eu fiz! Mas eu sinceramente hoje tenho muitas dúvidas se aquela será a melhor solução. Eu hoje não faria aquela igreja! Eu acho que é difícil ser polivalente. A pessoa quando entra num espaço para uma celebração tem que pensar que aquilo não é um espaço qualquer. Daí que a utilização para outros fins destrói o clima, que eu acho que é importante que se mantenha. Eu hoje não faria isso! Na altura parecia-nos bem e tentou-se com a melhor das intenções. Nós somos muitos sensíveis às nossas próprias impressões! Nós sabemos que o próprio Jesus Cristo, um dos aspectos importantes e novos e que fez com que os judeus ficassem revoltados contra Ele, é que Ele dizia que o louvor a Deus já não se fazia nem aqui nem no monte. Era uma coisa a nível do espírito! Era à parte! Mas as coisas no plano prático não funcionam assim.

o que é uma igreja?

LC: Uma igreja é um espaço de encontro entre Deus invisível e nós, que somos, enfim, condicionados a este mundo!... O que implica muita coisa em termos arquitectónicos e espaciais. Esta nossa sala pode ser uma igreja se estivermos com o coração puro e numa atitude de verdade. Aliás, já aqui nesta sala se celebrou missa!

**Directivas para construção de igrejas no espírito da liturgia romana
normas saídas à responsabilidade do episcopado alemão**

Theodor Klauser, *Petit histoire de la liturgie occidentale*, Cerf, Paris 1956
tradução realizada por João Marques

Os princípios

I

A igreja cristã é o edifício onde se reúne o povo de Deus. Esta edificação é consagrada por um acto ritual. Está cheio por uma presença especial de Deus, independentemente de ser lá que se guarda a reserva eucarística. Os crentes vão lá para fins diferentes que enumeram por ordem de importância: primeiro que tudo para renovar o sacrifício redentor de Cristo; para escutar a palavra de Deus; para adorar o Cristo presente na hóstia; para se dedicarem a devoções extra litúrgicas como assembleia ou em grupos.

II

Além disso a Igreja não alberga somente as devoções litúrgicas e extra litúrgicas da comunidade: oferece um quadro religioso para a devoção pessoal dos fiéis.

III

Do que se disse resulta que a igreja possui dignidade incomparável:

- A igreja cristã é desde logo, de forma completamente particular, “a tenda de Deus entre os Homens” (Apocalipse XXI, 3), um lugar onde o Povo pode estar

certo de encontrar o seu Deus; é a “Casa Paterna” (ver Lucas XV, 17); é ainda o “Palácio Real” (*basílica*) de Deus,

- A igreja cristã é depois o lugar onde se forma e desenvolve a Igreja, o Corpo de Cristo; é portanto símbolo significativo desse Corpo de Cristo,

- A igreja cristã é por fim o lugar onde se antecipa aquela união que reunirá Deus ao seu povo no fim dos tempos; é por isso que a igreja se chama, não sem razão, a “Jerusalém Celeste descida sobre a Terra” (ver Apoc XXI,2).

IV

Assim, a natureza complexa de uma igreja, que resulta de finalidades tão diferentes, coloca aos arquitectos problemas especiais. A celebração eucarística reclama uma distribuição espacial completamente diferente daquela que é pedida pela administração do baptismo e pela penitência; as exigências da liturgia sacramental são diferentes das da prece/oração, elas próprias diferentes das da adoração do santíssimo sacramento; estas são diferentes das exigências das devoções extra litúrgicas da comunidade; estas últimas, enfim, não coincidem com as exigências da oração individual/privada. A tarefa do arquitecto consiste em estabelecer um plano que responda da melhor maneira a estes diferentes destinos de uma igreja.

V

O sacrifício eucarístico, a administração dos sacramentos, o anúncio da palavra de Deus e o culto do santíssimo sacramento não se realizam da mesma maneira em todas as igrejas cristãs. Com o decorrer dos séculos desenvolveram-se várias maneiras de celebrar, várias “liturgias” ou “ritos”. As liturgias mais importantes são

a romana e bizantina. A primeira é regra de culto nas dioceses do ocidente e a segunda nas do oriente.

Apesar do seu acordo sobre o essencial, a liturgia romana e a bizantina têm uma estrutura diferente. Por isso, o edifício destinado a servir à liturgia romana não pode ser exactamente o mesmo que o destinado à liturgia bizantina.

VI

A casa de Deus tem que servir as pessoas dos nossos dias. Os nossos contemporâneos devem sentir-se atraídos por ela. Ela deve responder às suas exigências e tendências legítimas: a aspiração à comunidade; a exigência de verdade e sinceridade; o desejo de abandonar as coisas periféricas para se concentrar no que é essencial; a exigência de clareza, luminosidade e lucidez; uma nostalgia da calma e da paz; um desejo de uma intimidade acolhedora; uma necessidade de segurança.

Consequências dos princípios

I

Seria um erro construir a igreja, a escola, o hospital e centro de beneficência, o salão paroquial e biblioteca paroquial, o presbitério e residência do sacristão, em lugares afastados uns dos outros, a menos que uma razão de força maior a tal obrigue.

O ideal seria poder reunir todas estas instalações num centro comunitário, para que as relações estreitas que existem entre a igreja e o padre, entre a eucaristia e as obras de caridade, entre os sacramentos e a educação, encontrem expressão visível na disposição desses edifícios.

II

Não seria feliz, excepto por razões insuperáveis, construir uma igreja num barulhento bairro de negócios e contudo é urgente indicar à humanidade, o caminho que eleva ao Deus eterno.

É desejável que para ir à igreja os fiéis tenham de atravessar uma zona de silêncio e recolhimento, um espaço envolvido de verdura ou um átrio clássico; esta disposição dos espaços introduziria ao silêncio do espaço sagrado que está cheio da presença de Deus.

III

Seria errado pretender conformar em absoluto a arquitectura exterior da igreja e as suas dimensões, linhas, estrutura e depuração aos edifícios profanos da época e do meio para dar à própria igreja o ar de um edifício profano. Seria igualmente errado querer chamar a atenção dos passantes para formas bizarras e gritantes. Dever-se-á, pelo contrário, fazer da igreja e das suas formas exteriores uma expressão plena de dignidade, que fale por si mesma do transcendente, do divino, do que é completamente diferente que se realiza no interior das nossas igrejas. Não decorre daí, contudo, que a construção de uma igreja tenha de romper a harmonia de um bairro ou conjunto.

IV

Não é correcto fazer depender o problema da implantação da igreja, definindo-a pelo mapa dos ventos ou pelas necessidades de circulação. A arquitectura da igreja deverá esforçar-se por fazer da porta principal, sobretudo, mas igualmente de todas as outras portas, uma expressão tocante da relação que faz das portas de uma igrejas, símbolos da porta do céu.

V

Seria errado repartir os volumes em função não do sacrifício eucarístico mas, como por vezes aconteceu, do culto da presença eucarística de Cristo, e de criar um espaço ordenado especificamente para a adoração e a contemplação. Seria errado porque, na hierarquia das finalidades da casa de Deus, o culto da presença eucarística não ocupa o primeiro lugar.

O problema colocado pela concorrência dos diversos destinos de uma igreja só pode ser resolvido de maneira satisfatória quando, na medida do possível, se separa o espaço destinado à celebração eucarística do reservado à adoração do Santíssimo Sacramento. Importa também sublinhar, através da arquitetura, a independência dos espaços destinados à administração dos sacramentos do baptismo e penitência. Cada um dos volumes arquitectónicos poderá então ser concebido em função do seu destino específico.

VI

Está errada a opinião, muito divulgada, segundo a qual se deve procurar a todo o custo instalar o altar no centro da assembleia dos fiéis, preferindo a solução de planta central.

A casa de Deus é primeiro de tudo destinada a albergar a celebração do sacrifício eucarístico. No espírito do sacrifício eucarístico. Ora na liturgia romana ocidental esta celebração compreende-se como uma acção, antes de tudo, uma acção de Cristo e do seu representante, o celebrante consagrado, mas igualmente uma acção da comunidade. O culminar da acção da comunidade são as aclamações que precedem o prefácio e o *Ámen* que se segue ao cânone, assim como as procissões do ofertório e da comunhão, a primeira das quais de verdade só raramente se realiza hoje em dia. O acordo harmonioso destas acções requer

uma certa disposição dos espaços: o espaço deve ser concebido em função do altar, o padre e a assembleia devem celebrar face a face, as procissões litúrgicas devem poder desenrolar-se com comodidade. O ideal seria portanto uma igreja que satisfizesse as três exigências supraditas, sem que houvesse uma distância demasiada entre o altar e os últimos lugares reservados aos fiéis.

VII

Segundo o significado original, o altar é o local onde a Terra se eleva para o Céu. No contexto cristão, o altar, de acordo com o seu destino, é a mesa do sacrifício e do banquete do povo de Deus e, ao mesmo tempo o lugar da epifania eucarística de Deus entre nós. Mas uma vez que o Homem-Deus se torna presente sobre o altar pela consagração, o altar – mesmo o altar sem tabernáculo – torna-se o trono de Cristo. Porque é o trono de Cristo em que os antigos viam o símbolo de Cristo, pois o trono é símbolo do soberano. Tudo isto mostra quanto seria errado reduzir o altar a uma espécie de consola ou de arranjar como se ele fosse única ou principalmente destinado a servir de suporte ao sacrário e ao crucifixo, às luminárias e aos relicários, aos retábulos e às imagens.

Na igreja ideal o altar está isolado e ligeiramente elevado; deve poder-se andar à volta dele; as linhas são harmoniosas, os materiais escolhidos; o tamanho deverá ser monumental mas ao mesmo tempo corresponder às dimensões do edifício; a sua localização, no lugar mais iluminado do edifício, deve ser como um *foyer* onde vêm convergir todas as perspectivas; a instalação de um *zimbório* por cima da mesa do altar ajudará talvez a sublinhar o seu carácter sagrado. É assim que, tanto no plano visível como no plano invisível que o inspira, a casa de Deus será concebida em função do altar.

VIII

Seria errado renunciar, sem uma razão séria, à orientação tradicional da igreja para o oriente.

É preferível reavivar a significação simbólica desta orientação e explicá-la aos fiéis. Temos mais que uma razão para crer que, na igreja do futuro, o padre se colocará por detrás do altar e celebrará voltado para o povo, tal como se faz ainda hoje nas velhas basílicas romanas. O desejo que se sente, um pouco por toda a parte, de melhor exprimir a comunhão do banquete eucarístico, aponta nesse sentido. A lei da orientação da igreja para oriente não se opõe por si a tal solução. O oriente representa o nascer do sol, a chegada de Deus e do Seu Filho encarnado; ora, esta chegada de Deus, *teofania*, realiza-se sobre o altar, para onde estarão voltados o padre e todos os fiéis.

IX

Parece que seria errado, mesmo nas igrejas maiores, localizar o altar simplesmente ao fundo de uma sala única, como era uso na tradição cristã. Será mais conforme às exigências do culto e ao rito reservar para o altar um santuário rectangular, semi-circular ou poligonal, destacado da nave. Impõe-se portanto a solução de um edifício com duas unidades.

X

Seria errado ornar de janelas a parede de fundo do santuário o que torna mais difícil a vista do altar. Igualmente errado seria guarnecer essa parede de imagens figurativas sem relação imediata com o sacrifício eucarístico e que não conviriam a todas as estações do ano litúrgico.

No caso ideal a arquitectura e decoração do santuário devem conceber-se não de forma a absorver a atenção e o olhar dos fiéis, mas a concentrar a atenção da assembleia sobre o altar e a acção que aí se desenrola. Onde for necessário colocar imagens figurativas, elas escolher-se-ão a partir do conteúdo da grande oração eucarística (desde o *Sursum corda* até à grande doxologia final, antes do *Pater*). Não são de escolher acontecimentos históricos mas sim motivos estáticos.

XI

Seria errado articular o espaço da igreja de forma a fazer perder aos fiéis a consciência da celebração comunitária da liturgia. É preciso que a assembleia não perca de vista que é uma grande família. Seria igualmente errado suprimir o último recanto tranquilo onde os fiéis possam dedicar-se à oração individual.

A solução ideal seria uma igreja que dispusesse de mais de um lugar de culto, sendo um deles adaptado à assembleia dominical e aos dias de festa, enquanto um outro serviria à comunidade dos fiéis da semana. Além disso, tal igreja ofereceria cantos de oração personalizados, adaptados às necessidades da sua devoção.

XII

Seria lamentável que a concentração do espaço litúrgico sobre o altar fosse impedido por outros altares secundários, imagens, estações da via-sacra, confessionários, lustres e bancos desajeitadamente colocados e que tais objectos chamassem a atenção dos fiéis e distraíssem a assembleia.

Seria necessário suprimir tudo o que fosse supérfluo e colocar as instalações indispensáveis (altares secundários e confessionários) em naves laterais ou numa cripta. Tudo o que restar na nave principal deve dispor-se de modo a não impedir a corrente até ao altar.

XIII

Seria errado não instalar a sacristia nas imediações do altar para construir como se fazia, por exemplo na antiguidade cristã, ao lado da fachada do edifício.

Mas será bom prever uma comunicação entre a sacristia e a entrada da igreja a fim de permitir que, aos domingos e dias de festa, os celebrantes possam ir em procissão até ao altar-mor enquanto se canta o *Intróito* – que retomaria assim o seu pleno significado.

XIV

As grandes dimensões das catedrais, dos santuários de peregrinação e das igrejas das grandes cidades, impedem que o pregador se dirija aos fiéis a partir do altar. A fim de remediar esta situação construía-se o púlpito elevado, habitualmente do lado esquerdo, ou agarrado à parede esquerda, próximo do meio da nave. Isto explica porque se encontram por todo o lado, mesmo infelizmente, em igrejas muito pequenas, púlpitos que obrigam o pregador a dirigir-se a uma assembleia de fiéis que em parte ele vê de costas.

A pregação litúrgica, isto é, a que se insere organicamente na celebração eucarística, deve ser antes de tudo um prolongamento e interpretação da palavra de Deus anunciada na epístola e no evangelho. Tal como essas leituras, a pregação deveria pois ter lugar a partir da capela-mor, por exemplo, de um ambão lateral.

XV

O grupo de cânticos tem uma função litúrgica específica: compete-lhe dirigir e regular a oração, a aclamação e o canto da assembleia; executar os cânticos, individualmente ou com os fiéis. Decorre daí que esteja errado instalar os cantores numa tribuna que os esconda da vista dos fiéis.

Numa igreja construída segundo os princípios litúrgicos os cantores deveriam posicionar-se no santuário

XVI

No santo baptismo renascemos como filhos de Deus e ali mesmo somos incorporados na Igreja, o corpo místico de Jesus Cristo. É lamentável que na vida paroquial actual essa importância primordial do baptismo não seja de todo aparente e que as fontes baptismais se contem frequentemente entre as instalações mais negligenciadas da igreja.

Na igreja ideal, a fonte baptismal – monumento em forma de tanque – seria construída numa sala especial, próxima da entrada do santuário. As tradições eclesásticas ditam que esta sala tenha uma forma circular ou poligonal. A meditação dos ritos baptismais confirma tal disposição: O homem não aparece nas partes essenciais dos ritos baptismais como um actor, mas como objecto passivo de uma misteriosa acção divina. Enquanto que o edifício construído em comprimento, a nave, indica a participação activa dos fiéis na liturgia, um edifício circular, simboliza, graças ao seu eixo vertical, a passividade daquele que recebe a graça do sacramento.

XVII

Seria errado instalar ou ornar a igreja num estilo burguês, tal como seria errado adaptar expressamente a decoração e a mobília da casa de Deus à maneira de um lar proletário. O interior da igreja ideal, não terá um ar nem burguês nem proletário. Manifestará com poder a transcendência de Deus que está acima de todas as medidas terrenas e transportará o visitante para além dos horizontes da sua existência privada, fazendo-lhe sentir o calor da bondade de Deus nosso salvador e do seu amor pelos homens.

XVIII

Seria errado abandonar a decoração pictórica e escultural da igreja e do seu mobiliário, principalmente do pórtico, do santuário, do altar, da fonte baptismal e do púlpito, à inspiração do pároco ou do fundador ou mesmo ao acaso.

Sempre que se queira erigir uma igreja modelo, terá que haver um esforço para elaborar um plano arquitectónico e da decoração, concordante com um plano teológico e pedagógico. Isso evitará que a fé não seja apresentada de uma forma fragmentária no edifício religioso. Haverá a preocupação de apresentar aos olhos dos fiéis uma representação bastante completa, iluminadamente ordenada e justamente proporcionada do mundo da fé.

XIX

O construtor de uma igreja é muitas vezes tentado a dar ao edifício as dimensões máximas permitidas pelo terreno e pela importância das fontes de financiamento, com a ideia – falsa – de que as igrejas maiores são por si mesmas as mais perfeitas.

Não existe um tamanho óptimo de igreja. Dois elementos permitem defini-lo: é preciso que os fiéis que fiquem mais afastados do altar ouçam facilmente as palavras do padre sem intervenção de meios técnicos, que se possa distribuir a comunhão a todos os fiéis presentes sem que isso quebre a unidade da celebração. Esse tamanho óptimo não deve ser ultrapassado sem razões válidas (mas é evidente que as catedrais e igrejas de peregrinação devem ser maiores que as restantes).

XX

Seria errado disponibilizar numa igreja de uma paróquia espaço suficiente para abrigar todos os cónegos do capítulo diocesano. Mas seria igualmente errado

construir uma abside tão pouco profunda que os degraus do altar viessem bater na balaustrada da distribuição da comunhão.

No caso ideal as dimensões da abside estarão em proporção com as da nave; a abside deverá permitir que os celebrantes e seus ajudantes se movimentem à vontade nas missas solenes.

XXI

Seria errado que sem uma razão forte a nave esteja de tal forma cheia de cadeiras ou de bancos que eles quase toquem a balaustrada da comunhão ou nas paredes laterais.

Na igreja ideal reservar-se-ão passagens suficientemente grandes frente ao altar, à entrada da igreja, no meio da nave e dos lados, de forma a permitir um fácil acesso à comunhão mesmo a centenas de fiéis sem causar desordem, e para que certas procissões litúrgicas possam ter lugar facilmente (o *Intróito* nos domingos e dias de festa, o domingo de ramos, etc.)

A arquitectura e a construção de uma igreja são de uma grande responsabilidade. O resultado deste projecto fará com que gerações de fiéis se sintam, ou não, em sua casa na Casa de Deus, que eles venham a gosto ou a contra-gosto celebrar aí a liturgia. O arquitecto nunca poderá cuidar demais do estudo de uma nova igreja, deve pôr nesta todo o seu saber, a sua consciência e a sua alma.

Informação digital de apoio.

Plantas e levantamento fotográfico das obras visitadas.